

A ENTREVISTA NA
**PESQUISA
QUALITATIVA**



Liliana Cabral Bastos
William Soares dos Santos
(organizadores)

A ENTREVISTA NA
**PESQUISA
QUALITATIVA**

perspectivas em análise da
narrativa e da interação



Rio de Janeiro

2013

© 2013 by: Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos (orgs.). Ana Tereza Vieira Machado Rollemberg, Clarissa Rollin Pinheiro Basto, Daniela Caldeira Bruno, Marcia Vieira Frias, Maria das Graças Dias Pereira, Rosania de Almeida de Lima, Sonia Isabel Fabris Campos e Sônia Maria de Souza Rosas.

Todos os direitos desta edição estão reservados à Quartet Editora Ltda. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de partes do mesmo, sob quaisquer meios, sem a autorização expressa da Editora.

Arte de capa, projeto gráfico e diagramação: *Paulo Vermelho*

Copidesque e revisão: *Leandro Salgueirinho e Shirley Lima*

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A entrevista na pesquisa qualitativa / Organizadores: Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos – Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, 2013.

208p : 14 x 21cm
Inclui Bibliografia
ISBN 978-85-7812-076-4

1. Pesquisa qualitativa - Educação 2. Entrevistas de pesquisa - Educação - Entrevista na pós-modernidade - Interação identidade e performance 3. Entrevista e discurso - Educação I. Bastos, Liliana Cabral II. Santos, William Soares dos III. Rollemberg, Ana Tereza Vieira Machado IV. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

CONSELHO EDITORIAL

Ahyas Siss (UFRRJ)	Lia Faria (Uerj)
Aldemar Pereira (UniverCidade)	Luiz Cavalieri Bazílio (Uerj)
Aloísio Jorge de Jesus Monteiro (UFRRJ)	Maria Cecília Sanchez Teixeira (USP)
Ana Chrystina Venancio Mignot (Uerj)	Maria Celi Chaves Vasconcelos (UCP)
Antônio Flávio B. Moreira (UFRJ)	Mariluce Bittar (UCDB)
Célia Frazão Linhares (UFRRJ)	Nilda Teves (UVA)
Gláucio Pereira (Quartet)	Raquel Goulart Barreto (UFRJ)
Hilda Alevato (UFF)	Rodolfo Ferreira (Uerj)
Iolanda de Oliveira (UFF)	Valeska Oliveira (UFSM)



Quartet Editora

Rua São Francisco Xavier, 524 | térreo
20.550-900 | Rio de Janeiro | RJ
Tel/Fax.: (21) 2516-5353
glaucio@quartet.com.br
www.quartet.com.br

2013

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 7

INTRODUÇÃO

Entrevista, narrativa e pesquisa | 9

Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos

I- ANÁLISE DE NARRATIVA E ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA

Capítulo 1. Os níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas | 21

William Soares dos Santos

Capítulo 2. Entrevistas de pesquisa:

oportunidades de coconstrução de significados | 37

Ana Tereza Vieira Machado Rollemberg

II- A ENTREVISTA NA PÓS-MODERNIDADE: INTERAÇÃO, IDENTIDADE E PERFORMANCE

Capítulo 3. “E aí, presidente, esse cafezinho vai sair?”: entrevista na mídia analisada como performance | 49

Marcia Vieira Frias

Capítulo 4. “Não tem formalidade nenhuma. Muito pelo contrário, é um prazer”: análise de hierarquias discursivas em uma entrevista de pesquisa qualitativa | 71

Daniela Caldeira Bruno

Capítulo 5. A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo | 101

Sonia Isabel Fabris Campos

III- ENTREVISTA E DISCURSO: TRABALHO, SAÚDE E MIGRAÇÃO

Capítulo 6. A construção do estigma na fala sobre a doença | 137
Sônia Maria de Souza Rosas

Capítulo 7. A experiência de migração: construções identitárias e ressignificação de ‘sonhos’ em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro | 159
Maria das Graças Dias Pereira, Rosania de Almeida de Lima, Clarissa Rollin Pinheiro Basto

SOBRE OS AUTORES | 199

ANEXO – Convenções de Transcrição | 203

APRESENTAÇÃO

Este livro nos oferece um conjunto de reflexões sobre a entrevista. Pessoas respondendo a perguntas de pesquisadores ou jornalistas sobre temas de sua expertise ou experiências pessoais são, no mundo contemporâneo, uma situação corriqueira. Isso parece ter provocado uma “naturalização” da entrevista, em que perdemos de vista quanto ela é um gênero de conversa, uma “situação social” em que pessoas interagem e constroem significados e identidades que só existem ali, naquele contexto específico.

Afirmar que a entrevista é um “gênero de conversa” implica romper com a visão de senso comum de que ela é um discurso que revela informações sobre uma realidade externa. O livro questiona essa visão através de discussões teóricas, metodológicas e analíticas. Com isso, desvia o fecho de luz daquele suposto “real” e o volta para a entrevista em si, discutindo o que seus participantes constroem em conjunto ali, naquele momento.

Este livro traz uma contribuição importante a todos aqueles que fazem pesquisa baseada em entrevistas (e somos muitos em todas as áreas das Ciências Sociais e Humanas) ou que as utilizam para a construção de outras produções discursivas, tais como as biografias ou as várias formas do jornalismo.

Maria Claudia Coelho

Departamento de Ciências Sociais

UERJ

INTRODUÇÃO

Entrevista, narrativa e pesquisa

Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos

“(…) ordenai que os corpos sejam
expostos num tablado bem à vista,
que eu contarei ao mundo, que ainda o ignora,
como tudo se deu. Ouvireis todos
falar de atos carnis, de incestos, sangue,
julgamentos casuais, mortes fortuitas,
de crimes por acaso ou pela astúcia,
e de planos gorados, que caíram
sobre os próprios autores. Com verdade,
tudo isso contarei.

(William Shakespeare, *Hamlet*, V, ii)

A epígrafe remete ao fascínio que o ato de contar e ouvir histórias tem exercido sobre nós através dos séculos, nas mais diversas sociedades, nas mais diversas ocasiões sociais. Em nosso tempo, o desenvolvimento sistemático das tecnologias de comunicação, aliado a mudanças em re-

lação a concepções do sujeito (cf. Gubrium & Holstein, 2003), favoreceu o aparecimento e a proliferação da prática de entrevistas com os mais diversos propósitos e funções. Instaurou-se e aumentou o interesse em saber o que pensam os indivíduos, e estes, com frequência, falam sobre o que pensam contando histórias. Há quem considere que a nossa é, presentemente, uma sociedade de entrevistas (Silverman, 2001): da pesquisa de opinião à entrevista na mídia ou à entrevista de pesquisa acadêmica, somos cada vez mais solicitados a fornecer e a estar a par de posições, opiniões, informações; enfim, a contar histórias aos grupos sociais que nos cercam, bem como a ouvir e conhecer as suas histórias.

Na academia, também proliferam pesquisas com base em entrevistas. Nesse contexto, pesquisadores, ao longo do tempo, vêm lidando de formas diferentes com a entrevista. Tradicionalmente, é utilizada como um instrumento para coletar dados e informações, os quais seriam extraídos de recipientes, os entrevistados. No presente volume, a ótica é bem diversa: a entrevista é compreendida como um evento social, em que o discurso é cooperativamente construído (Mishler, 1986, 1999). Assim, o entrevistado não é mais visto como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas, antes, como alguém que co-constrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista; situação essa que, como mencionado, se faz cada vez mais presente na vida social contemporânea. Além disso, em entrevistas que estimulem a fala dos entrevistados sobre suas experiências, cria-se a oportunidade de produzir *replayings* (Goffman, 1974), que muito nos podem dizer a respeito de quem são, e de como se posicionam, os narradores no mundo que nos cerca.

Esta publicação reúne textos de pesquisas que trabalham com a entrevista em diferentes contextos e com en-

foques bem específicos. Todos são estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Narrativa, Identidade e Trabalho (G-NIT/CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio), coordenado por Liliana Cabral Bastos, que se interessa pela prática da pesquisa qualitativa e pela prática da entrevista como lócus de geração de dados. Em harmonia com tais interesses, desenvolveu-se também a pesquisa relatada no segundo trabalho do último módulo, que retoma a dissertação de Rosania de Almeida de Lima, orientada por Maria das Graças Dias Pereira e co-orientada por Clarissa Rollin Piniheiro Bastos (ambas do mesmo programa de pós-graduação da PUC-Rio).

Em todos os capítulos, a entrevista é estudada como um evento interacional em que os participantes utilizam elementos discursivos diversos a fim de criar e manter a interação social. O foco de análise recai sobre como a fala é construída em entrevista, o que possibilita a compreensão, entre outros elementos, de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos. O gerenciamento de identidades sociais nesse contexto é visto como um processo colaborativo entre entrevistador e entrevistado, entre a formulação de perguntas e respostas. Os investigadores trabalham com a percepção de que o evento de entrevista é um evento interacional no qual as pessoas articulam a produção de identidades sociais.

Como já assinalado, muito dessa percepção interacional da entrevista se origina no trabalho de Elliot Mishler (1984, 1986, 1999), pesquisador da área de psicologia social, pioneiro na utilização da análise de narrativas em entrevistas para examinar a complexidade, a multiplicidade e os conflitos presentes nas performances identitárias de seus entrevistados. Mishler (1986) parte da crítica ao

modo como diversas metodologias de pesquisa (qualitativas e quantitativas) se utilizavam da entrevista: o foco estava na formulação de perguntas e respostas, vistas de forma comportamental, como estímulo e reação. Nesse contexto, uma questão fundamental para os pesquisadores era como padronizar os estímulos de modo a provocar respostas também padronizadas e comparáveis. Deixava-se de considerar o contexto social das entrevistas e, muitas vezes, as complexidades identitárias dos entrevistados.

Mishler propõe uma nova abordagem da entrevista, ou seja, a de entendê-la como um tipo de discurso, um evento de fala, algo produzido em conjunto, e não unilateralmente. Ele localiza a entrevista em contextos sociais macros e micros e analisa os diferentes efeitos que as diferentes atitudes dos entrevistadores despertam nos entrevistados.

Em artigos mais recentes – como, por exemplo, em “Patient stories, narratives of resistance and the ethics of humane care: a la recherche du temps perdu” (2005) –, Mishler utiliza a narrativa de pacientes para abordar a questão da relação entre médico e paciente, bem como questões envolvendo ética, justiça e acesso a tratamentos, tendo em vista o impacto das desigualdades sociais e econômicas.

É nesse caminho que o presente volume pretende caminhar. Acreditamos que, com os estudos aqui reunidos, podemos oferecer uma contribuição para a pesquisa qualitativa. Embora a entrevista seja uma das ferramentas de pesquisa mais utilizadas, há relativamente poucos estudos que a tematizam. Nos manuais de metodologia, há, com frequência, orientações sobre como preparar a entrevista, ou sobre como conduzi-la, mas raramente esta é objeto de uma reflexão mais sistemática. Algumas exceções, na área da análise do discurso (de tradição francesa), são os estudos que pensam o gênero entrevista, o lugar do pesquisador ou o acesso à verdade (cf. França, 2003; Rocha, Daher e

Sant'Anna, 2004; Pinheiro, 2004). Assim, queremos fazer avançar a compreensão sobre o evento social entrevista, com estudos que analisem o discurso através da lente narrativa, ou seja, estudos que deem especial atenção a como e por que as pessoas contam histórias. A análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas de pesquisa remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes.

Os trabalhos foram divididos em três módulos. O primeiro módulo, ANÁLISE DE NARRATIVA E ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA, traz duas pesquisas que privilegiam a reflexão sobre a narrativa na entrevista qualitativa. Em seu trabalho, “Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas”, William Soares desenvolve uma reflexão de caráter teórico sobre a interpretação de dados advindos de uma entrevista de pesquisa. Tendo como referência principal o trabalho de Catherine Riessman (1993), o autor discorre, principalmente, sobre os níveis de interpretação aos quais o investigador deve estar atento no processo de análise e aponta para a importância da pesquisa com entrevistas como um instrumento através do qual podemos desenvolver uma compreensão apurada de como as pessoas constroem e são construídas através de suas práticas discursivas. Sua reflexão nos ajuda a perceber quão sistemático pode ser o processo de análise de uma entrevista, assim como a importância da coerência teórica e metodológica em investigações de natureza interacional.

No segundo capítulo deste primeiro módulo, “Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados”, Ana Tereza Vieira Machado Rollemberg realiza um estudo a respeito de diferentes visões e modos de se utilizar a entrevista como instrumento de pesquisa. Com base em autores como Mishler (1986), Silverman (2001), Gu-

brium & Holstein (2003), a autora contrapõe paradigmas de uso da entrevista – definidos como ‘positivista’, ‘emocionalista’ e ‘construcionista’, respectivamente – e desenvolve o que compreende como um paradigma mais interessante e contemporâneo, no qual se incluíam os estudos etnometodológicos e sociointeracionais. Sua abordagem nos possibilita perceber não apenas os diferentes enfoques de uso da entrevista, mas também as implicações metodológicas e éticas que envolvem a escolha de um ou outro paradigma.

O segundo módulo da obra, *A ENTREVISTA NA PÓS-MODERNIDADE: INTERAÇÃO, IDENTIDADE E PERFORMANCE*, abrange trabalhos que deram especial atenção a questões envolvendo a interação, os atravessamentos identitários presentes em narrativas e a análise da performance. No primeiro trabalho deste módulo, “‘E aí, presidente, esse cafezinho vai sair?’: entrevista na mídia analisada como performance”, Marcia Vieira Frias analisa uma entrevista realizada com o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na qual, entre outras, o governante responde a uma difícil pergunta sobre sua relação com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Diferentemente dos outros estudos do presente volume, neste a autora analisa uma entrevista da mídia (e não entrevistas de pesquisa, ou de trabalho), abordando a complexa construção do discurso político na mídia televisiva e utilizando conceitos teóricos como o alinhamento discursivo, a polidez e a construção de face.

O capítulo seguinte, intitulado “‘Não tem formalidade nenhuma. Muito pelo contrário, é um prazer’: análise de hierarquias discursivas em uma entrevista de pesquisa qualitativa”, Daniela Caldeira Bruno traz uma entrevista de pesquisa produzida no contexto do Exército brasileiro, reconhecidamente marcado pela hierarquia e pelo controle (inclusive do discurso). A autora analisa a interação e a fala

do entrevistado, tendo em vista não apenas as ações expressas em seus relatos, mas também as dificuldades e particularidades de se entrevistarem pessoas em ambientes nos quais se orientam pela rígida demarcação de papéis institucionais, ao mesmo tempo que procuram estabelecer uma interação amigável e cordial. Nesse estudo, é especialmente marcante o trabalho de construção identitária realizado pelo entrevistado a fim de construir sua identificação com a instituição à qual pertence e, simultaneamente, demarcar territórios tão fluidos e complexos como a masculinidade e a interação com a entrevistadora durante a entrevista.

No terceiro capítulo deste módulo, “A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo”, Sonia Isabel Fabris Campos analisa narrativas de educadoras que relatam sua difícil experiência em contextos educacionais nos quais se envolvem (ou são envolvidas) nos problemas pessoais e sociais de seus alunos, todos relacionados à questão da violência. Uma particularidade deste trabalho é que a entrevista analisada realiza-se simultaneamente com duas pessoas além da entrevistadora, o que possibilita à autora analisar diferentes aspectos que envolvem, entre outros elementos, o desenvolvimento de posicionamentos e alinhamentos para a construção cooperativa do processo de construção da narração de histórias.

No último módulo, ENTREVISTA E DISCURSO: TRABALHO, SAÚDE E MIGRAÇÃO, foram reunidos dois trabalhos que utilizam o estudo de narrativas em entrevistas para desenvolver reflexões a respeito de trabalho, saúde e migração em contextos específicos. No estudo de Sônia Maria Rosas, “A construção do estigma na fala sobre a doença”, temos a análise de entrevistas de trabalho (e não de pesquisa) realizadas no contexto hospitalar, em uma enfermaria de adolescentes. A autora estuda interações entre assistentes sociais, pacientes e seus cuidadores em um

hospital do Rio de Janeiro. Entre outros méritos, a pesquisa evidencia o uso da entrevista como um instrumento de trabalho cuja análise se mostra útil para compreender e solucionar problemas que envolvem o estigma da doença e seus desdobramentos na vida dos entrevistados. Além do estigma, a pesquisadora aborda temas como a construção identitária e o processo de constituição de alinhamentos entre o profissional de saúde e o paciente no contexto da entrevista, mostrando-nos o difícil trabalho interacional desenvolvido na entrevista.

O trabalho seguinte, “A experiência de migração: construções identitárias e resignificação de ‘sonhos’ em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro”, foi escrito a seis mãos por Maria das Graças Dias Pereira, Rosania de Almeida de Lima e Clarissa Rollin Pinheiro Bastos. As autoras apresentam uma pesquisa em que entrevistam um migrante nordestino, porteiro, que então já morava havia mais de 20 anos em um subúrbio do Rio de Janeiro. As autoras analisam os diferentes processos de construção de enquadre, alinhamento e identidade para abordar o projeto de construção pessoal de vida que aparece na narrativa do migrante, em duas entrevistas realizadas num intervalo de seis meses. Essa distância temporal lhes possibilita perceber o papel central do entrevistador nas diferentes construções narrativas do entrevistado.

Como podemos perceber, por esta breve descrição, cada capítulo apresenta sua especificidade relativa à implementação da pesquisa com entrevista e traz inferências bem particulares sobre sua viabilidade como método que possibilita a compreensão de vários aspectos do uso do discurso e de outros comportamentos humanos na vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANÇA, M. B. “Quem é o entrevistador?”. In: *The specialist*, v. 24, 2003.
- BRIGGS, C. L. “Interviewing, Power/Knowledge, and Social Inequality”. In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- FONTANA, A. “Postmodern Trends in Interviewing”. In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- GARCEZ, P. M. “Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena”. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (orgs.). *Identidades. Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas: Mercado da Letras, 2002.
- GLESNE, C. *Becoming Qualitative Researchers: An Introduction*. London: Longman, 1999.
- GOFFMAN, E. “A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social”. In: Figueira, S. (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, p. 76-114, 1967.
- _____. *Interactional Ritual*. Essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Books, 1967.
- _____. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985 [1959].
- GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. “From the Individual Interview to the Interview Society”. In: GUBRIUM, F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- _____. “Active Interviewing”. In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.

MISHLER, E. *Research Interviewing. Context and Narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

_____. *Storylines: Craftartists' Narratives of Identity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

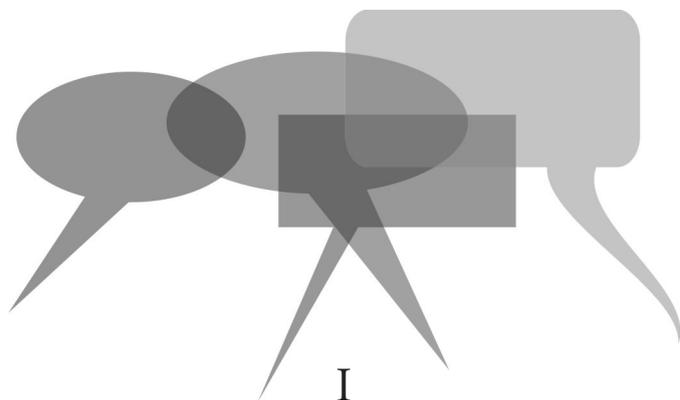
_____. "Patient stories, narratives of resistance and the ethics of humane care: a la recherche du temps perdu". *Health*, v. 9, issue 4 (October 2005), p. 431-451. SAGE Publications.

PINHEIRO, O. G. "Entrevista: uma prática discursiva". In: SPINK, M. J. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROCHA, D.; DAHER, D. C.; SANT'ANNA, V. "A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva". *Polifonia*, v. 8, Cuiabá: Ed. UFMT, 2004.

SHAKESPEARE, William. Hamlet, Príncipe da Dinamarca In: *Teatro Completo* (Tragédias). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1954.

SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data. Methods for Analyzing Talk, Text and Interaction*. 2. ed. London: SAGE, 2001.



I
ANÁLISE DE NARRATIVA
E ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA

CAPÍTULO 1
Níveis de interpretação na entrevista de
pesquisa interpretativa com narrativas
William Soares dos Santos

Uma teoria é uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico, que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que seu momento ainda não chegou.

Gilles Deleuze (1979, p. 71)

Introdução

Ao se discorrer sobre qualquer aspecto teórico no âmbito da pesquisa interpretativista, é importante ter em mente que o papel da teoria nesse tipo de estudo é o de fornecer um instrumental através do qual se possa criar sentido a respeito da ação social pesquisada. Teorias novas, como observa Geertz (1989, p. 18), não são, necessaria-

mente, constituídas a cada nova pesquisa. Teorias, geralmente, são retomadas de outros estudos correlacionados e relidas durante o desenvolvimento da investigação, sendo utilizadas para esclarecer novas interpretações. As teorias continuam a ser utilizadas na medida em que possibilitam o desenvolvimento do conhecimento humano em determinada área; caso contrário, tendem a ser descartadas. Ainda segundo Geertz, considero importante lembrar que, embora muitas pesquisas sejam elaboradas a partir de outras pesquisas, isso não implica que uma pesquisa seja a retomada de outra, mas que se pode utilizar o que já foi produzido para desenvolver a área de conhecimento em questão, ou, nas palavras do próprio Geertz (1989, p. 18),

fatos anteriormente descobertos são mobilizados, conceitos anteriormente desenvolvidos são usados, hipóteses formuladas anteriormente são testadas, entretanto o movimento não parte de teoremas já comprovados para outros recém-provados, ele parte do tateio desajeitado pela compreensão mais elementar para uma alegação comprovada de que alguém alcançou e a superou.

Neste trabalho, proponho abordar níveis de interpretação com os quais o investigador pode confrontar-se no processo de uma pesquisa interpretativista com narrativas. A descrição dos níveis que trago aqui, que foi sugerida inicialmente por Riessman (1993), evidentemente não deve ser entendida como única ou invariável. Cada pesquisador, ao confrontar sua própria pesquisa, poderá entender esses níveis através de uma perspectiva que venha ao encontro do que está buscando. Deve-se considerar, ainda, que esses níveis não são tão nitidamente isoláveis, como a descrição que trago aqui poderia levar a supor. Eles podem ser com-

preendidos de forma interdependente, o que pode colaborar, inclusive, para a apreciação mais detalhada do que se está pesquisando. Antes, porém, de trazer cada um desses níveis, abordo brevemente alguns aspectos da narrativa.

Narrativa

“Narrativa” é um termo que resiste a uma definição precisa (cf. Riessman, 1993, p. 17), uma vez que, dependendo da área de estudo e do contexto, pode abranger determinados elementos e deixar de fora outros. Polkinghorne (1988, p. 13) observa que mesmo uma definição específica deve considerar que “narrativa” pode referir-se ao processo de se construir uma história, ao esquema cognitivo da história e ao resultado do processo.

Na área dos Estudos da Linguagem, os trabalhos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) foram marcos importantes para a compreensão da estrutura narrativa. Nesses trabalhos, encontramos uma formulação cuja influência ainda se faz presente nos estudos atuais. Segundo esses autores, a narrativa é um método de recapitular as experiências passadas e se caracteriza por sua estrutura organizada em uma sequência temporal, por ter um ponto e por ser contável. Mas, como nos lembra Bastos (2005, p. 77), se, por um lado, essa abordagem abriu caminho para a pesquisa da narrativa nos estudos linguísticos, por outro, tem sido objeto de muitas críticas, como, por exemplo, a de não problematizar a relação entre evento passado, memória e narrativa. Um ponto de vista interessante é o adotado por Mishler (1999, p. 17), que se opõe a qualquer esforço de delimitar o significado de narrativa, considerando-o um termo “guarda-chuva”, capaz de abranger uma multiplicidade de perspectivas.

Não obstante essas observações introdutórias, não é meu objetivo aqui traçar uma revisão dos estudos da narrativa nem comparar seus diferentes enfoques. O parágrafo acima mostra a necessidade de um espaço próprio para o desenvolvimento de tal tarefa. Nesta seção, procuro apenas apresentar os conceitos e as suposições sobre narrativa que têm guiado as pesquisas de caráter interpretativista.

Em primeiro lugar, é central a percepção de que as pessoas utilizam a narrativa não apenas para (re)construir eventos passados, mas, entre outros objetivos, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam. Narramos de forma que as histórias estejam adequadas a determinados objetivos. Por isso, como assinala Riessman (1993, p. 2),

análises em estudos da narrativa se abrem para formas de contar sobre a experiência, não simplesmente para o conteúdo ao qual as línguas se referem. Nós perguntamos, por que a estória foi contada daquela maneira?

Ao nos perguntarmos, como Riessman propõe, por que determinada história foi contada de uma maneira (e não de outra), deparamos com o fato de que a narrativa, como propõe Bastos (2005, p. 81), “envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos”. Dessa forma, a construção de narrativas está intimamente relacionada à construção identitária. O estudo das narrativas é uma ferramenta importante para entendermos como as pessoas processam construções identitárias através da narração de suas histórias (cf. Linde, 1993). Em pesquisas de natureza interpretativista, a questão da identidade social, mesmo quando não tematizada, está sempre presente, já que, ao narrarem suas histórias, as pessoas o fazem de

modo a estabelecer sua adequação identitária a determinada estrutura social. Por esse motivo, na pesquisa interpretativista, é importante o pesquisador ter em mente que, como observa Riessman (1993, p. 2), “indivíduos constroem eventos passados e ações em narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas”.

Outro princípio inerente a esse tipo de pesquisa é o de que as narrativas são, necessariamente, coconstruídas. Ou, como afirma Ribeiro (1996, p. 44),

toda narrativa integra uma construção dialógica, em que tornam-se salientes os traços de “apoio” que o interlocutor fornece ao contador da estória – por exemplo, sinais de retroalimentação como “mhm mhm”, “tá”, “sei”; sinais de ratificação tais como a repetição de elocuições; pedidos de informação, pedidos de esclarecimento; pedidos de confirmação etc.

Dessa forma, a narrativa pode ser considerada uma performance situada (cf. Mishler, 1999), na qual, como observa Bastos (2004, p. 121), “o narrador lida com as circunstâncias da situação e a estrutura social normativa” e constrói um mundo de ações e personagens que são postos em relação com ele mesmo e com aqueles para quem realiza a narração.

É seguindo essa percepção da produção narrativa como uma performance situada que, na pesquisa interpretativista, há forte tendência em se trabalhar com entrevistas não estruturadas, ou seja, que não sigam um roteiro preelaborado, rígido, e que não sejam conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prévia. Além disso, a entrevista não estruturada favorece a

emergência de narrativas. Os trechos da entrevista a serem posteriormente selecionados para análise devem caracterizar-se como momentos em que os elementos de interesse do pesquisador sejam evidentes na construção narrativa do entrevistado (cf. Bastos & Santos, 2006).

As observações acima não indicam, contudo, que o pesquisador não deva ter uma atitude participativa durante a entrevista. Uma abordagem utilizada pelos pesquisadores que lidam com entrevistas não estruturadas é a de, no momento da entrevista, evitar ao máximo o que consideram uma interrupção desnecessária. Essa atitude, no entanto, esconde uma armadilha: como definir o que é ou não é necessário nesse contexto? Em alinhamento com Silverman (2001), penso ser necessário observar criticamente as estratégias preparadas. Não se pode dizer o que é certo ou errado na entrevista; o mais importante de tudo é a interação. Uma interrupção no momento adequado pode ser boa, pode mostrar o interesse do entrevistador ou solucionar dúvidas. A questão, como mostra Mishler (1986), é a atitude de interesse do pesquisador pela fala do outro. Desse modo, formular questões e comentários relacionados ao que os narradores falam a respeito de suas experiências é importante. Esse posicionamento proporciona espaço para o entrevistado desenvolver sua narrativa mais livremente (ao contrário do que poderia acontecer em uma entrevista estruturada ou semiestruturada, por exemplo), ao mesmo tempo que possibilita ao pesquisador ter uma visão mais precisa do processo de construção narrativo. Entre outros elementos, por exemplo, é possível observar melhor as estruturas que o narrador, em colaboração com o ouvinte, escolhe para representar sua experiência no mundo social.

Mishler (1986) entende que a entrevista é uma forma de discurso, um evento de fala que deve ser compreendido

como regulado e conduzido “por normas de apropriação e relevância que fazem parte das competências compartilhadas por falantes como membros de uma comunidade” (idem, p. 137). Ao assumir esse posicionamento, a pergunta feita pelo pesquisador e a resposta dada pelo entrevistado devem ser compreendidas (pelo pesquisador/analista) como construções discursivas coparticipativas. A tomada desse posicionamento implica a prévia apreciação da natureza do discurso e do significado.

O pesquisador deve sempre considerar que, na pesquisa interpretativista, uma das principais vantagens de se trabalhar com a narrativa é que se trata de um instrumento através do qual as pessoas atribuem unidade e coerência à sua existência, e o estudo de como as pessoas costumam elementos dispersos para realizar essa construção pode ajudar na compreensão de como essas produções dão forma ao significado da existência humana no âmbito pessoal e coletivo em vários contextos sociais.

Perspectivas metodológicas

Como ator social, o pesquisador é fenômeno político, que, na pesquisa, o traduz sobretudo pelos interesses que mobilizam os confrontos e pelos interesses aos quais serve. Donde segue: pesquisa é sempre também um fenômeno político, por mais que seja dotada de sofisticação técnica e se mascare de neutra.

Pedro Demo (1999, p. 14)

Nos Estudos da Linguagem, a pesquisa de caráter interpretativista se caracteriza, entre outros aspectos, pelo procedimento de gerar dados e desenvolver a análise de

elementos presentes na prática da linguagem em determinadas situações sociais, de determinado falante ou de uma dada comunidade discursiva, a fim de investigar como as pessoas compartilham a linguagem e criam seus significados. Assim, no âmbito da pesquisa de natureza interpretativa/qualitativa, é importante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social da mesma forma que aqueles que lhe fornecem seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, encontrando-se integrado no ambiente de pesquisa. Ele busca conferir inteligibilidade às práticas discursivas através das ferramentas teóricas que o auxiliam na prática interpretativa. O recorte daquilo que é interpretado depende das questões que direcionam a pesquisa.

Os dados são usualmente gerados através de gravação em áudio ou vídeo. Na perspectiva da pesquisa interpretativista, a análise desses dados, no entanto, não pode ser limitada apenas ao que é dito pelos participantes na interação; ela deve ser entendida como articulada a uma grande teia de significações (cf. Geertz, 1989, p. 18) que abrange, entre outras coisas, o como foi dito (que abarca, inclusive, a linguagem corporal), a pessoa que disse e o contexto no qual a enunciação se deu. Em consonância com essa percepção, entende-se que a narrativa é uma prática discursiva que dá margem a coconstruções sociais de toda ordem, através de vários tipos de negociações complexas, em que entram em jogo, entre outros elementos, o trabalho de face (cf. Goffman, 1963) e a coconstrução das identidades dos envolvidos. Assim, a análise de uma pesquisa interpretativista articula a microanálise de dados coletados com o contexto macro da interação (cf. Gumperz, 2002).

A seguir, traço uma descrição dos níveis de interpretação que, geralmente, fazem parte do processo de investigação da pesquisa qualitativa interpretativista.

Entrevista de pesquisa qualitativa: processo e características

Uma análise é, no final das contas, um processo seletivo de representação de um dado fenômeno com o objetivo de iluminar algumas de suas propriedades. Uma análise que tenha tentado reproduzir uma cópia perfeita de seus objetos não seria uma análise, ela nos traria de volta o objeto da forma que era. Análise implica transformação, para algum propósito.

Alessandro Duranti (1997, p. 114)

A pesquisa de natureza interpretativa deve confrontar determinadas questões no processo de investigação; uma das mais importantes talvez seja a de que não é possível ser neutro ao se representar o mundo, mesmo lidando com parâmetros científicos. Para minimizar o risco de simplificação da análise, considero que o pesquisador deve estar atento à imensa complexidade de se lidar com narrativas em entrevistas. Seguindo a proposta de Riessman (1993), sugiro que o pesquisador esteja consciente de, pelo menos, cinco níveis de representação no processo de pesquisa:

1. Vivenciando a experiência

Este nível de representação envolve a experiência vivida pelo narrador e a experiência do pesquisador de participar do momento de produção da narrativa do entrevistado. No primeiro caso, o narrador vivencia uma experiência, ocorrendo, posteriormente, a respectiva narração; no segundo, o pesquisador interage na construção narrativa do entrevistado para analisar e compreender melhor a experiência como é contada. Mesmo nesse primeiro nível, há escolhas sendo feitas; aquele que vivencia a experiên-

cia, possivelmente, age buscando determinado objetivo, constrangido por várias circunstâncias (geográficas, sociais, temporais etc.). Ao narrar sua experiência, o narrador pode, voluntária ou involuntariamente, produzir diferentes relatos envolvidos. Assim, pode escolher focalizar determinados elementos da história e conduzir sua ação para uma direção específica. O direcionamento do foco também pode ser conduzido pelo pesquisador, que, no momento de produção da narrativa, delimita o assunto e, no processo de narração, fica atento aos elementos que são importantes para sua análise. Em ambas as perspectivas, os participantes estão ativamente construindo a realidade de determinada forma, para determinado fim.

2. Narrando a experiência

Nesse momento, temos a representação dos eventos organizados pela narrativa. Ao contarem suas experiências, os entrevistados realizam o trabalho de reorganizá-las, conferindo atualidade a eventos ocorridos há algumas horas ou há muitos anos do momento da narração. O ato de narrar constitui, assim, um retorno à experiência, mas não é a experiência; a narração está condicionada ao contexto, às pessoas nele envolvidas e tem um fim determinado. No entanto, ao contar sua experiência, o narrador possibilita a si e aos que estão a seu redor pensarem sobre ela.

3. Transcrevendo a experiência

A transcrição se constitui no texto ou na “fixação” da narrativa. Sem esse mecanismo, não poderíamos realizar inferências sobre como as pessoas falam: suas pausas, inflexões, ênfases, como assimilam sistemas de coerência e constroem suas identidades, como lidam com relações de poder

etc. Como nos níveis anteriores, a transcrição, também, é uma seleção. Diferentes formas de transcrição carregam e dão suporte a diferentes interpretações e posicionamentos teóricos. Dessa forma, a construção do significado também está presente nas diferentes formas de se realizar a transcrição (Mishler, 1986).

4. Analisando a experiência

Esse é o momento em que o investigador tenta criar sentido, segundo determinados posicionamentos teóricos, a respeito daquilo que foi dito na interação entrevistado/narrador. Há, aqui, uma gama de decisões a serem tomadas (forma, ordem, estilo de apresentação e escolha de fragmentos da narrativa). Mais uma vez, o objetivo da pesquisa, os valores, os posicionamentos políticos e teóricos influem nas tomadas de decisão. O trabalho de análise, no entanto, possibilita a compreensão de determinado aspecto da existência a partir de uma perspectiva. Como assinala Riessman (1993, p. 14), esse é um processo necessário e produtivo, uma vez que, assim, podemos compreender uma história de vida através de um artigo, livro ou dissertação.

5. Lendo a experiência

O último nível da representação é quando o leitor lê a versão final da pesquisa (monografia, tese, livro, artigo etc.). Entra aqui a questão da leitura como uma prática interacional e plurivocal. O texto escrito é criado dentro de determinado contexto sócio-histórico e tendo em vista uma audiência e uma tradição particular, podendo envolver ainda interações de poder de diversas naturezas, como, por exemplo, se a leitura está sendo direcionada por alguém ou

não. Dessa forma, cada leitor construirá sua interpretação no diálogo com o texto, dependendo de suas contingências sociais e históricas.

Considerações finais

Chego, assim, ao que posso qualificar de “limites da representação”: devemos compreender que não podemos falar de forma definitiva pelo outro, pois todas as práticas de pesquisa têm implicações e todas as formas de representação da experiência são retratos limitados. Isso, contudo, não constitui um problema, uma vez que, como propõe Geertz (1989, p. 15), a descrição etnográfica interpreta o fluxo do discurso social “e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”. Geertz (1989, p. 13) também nos lembra que “uma boa interpretação de qualquer coisa (...) leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar”. Dessa forma, a intenção do pesquisador o leva a realizar escolhas que podem ser direcionadas segundo seu foco de pesquisa.

Embora, em nossa cultura, tenhamos a tendência de assumir que a intenção do narrador é a de contar algo que tenha, de fato, ocorrido, devemos ter em mente que as narrativas se constituem de criações. E é exatamente essa criação que interessa aqui, e não a busca de uma possível verdade (cf. Linde, 1993, p. 68). Assim, o pesquisador deve ter em mente que a pesquisa se circunscreve à produção do discurso (cf. Mishler, 1986, p. 48). Dentro desse processo de produção, o significado é dinâmico, porque é construído na interação entre as pessoas: narrador, ouvinte, pesquisador/analista e leitor. O significado é fluido e contextual (não fixo, não universal). Dessa forma, dar voz a uma expe-

riência não é comprometer-se com a visão do narrador, mas sim possibilitar um coro de vozes.

A entrevista de pesquisa interpretativista é uma ferramenta importante para a compreensão de como as pessoas estruturam suas narrativas, bem como para compreender outros fatores, como, por exemplo, o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos e sua compreensão do mundo e de suas experiências (Bastos, 2005, p. 74). No entanto, isso não significa que a entrevista seja um instrumento de uso simples. Duranti (1997, p. 103), por exemplo, lembra que as reações às perguntas do pesquisador podem variar, dependendo de inúmeros fatores, e também chama a atenção para o fato de que o pesquisador deve estar consciente dos modos como diferentes pessoas e comunidades compreendem o que é uma entrevista. Duranti (idem, p. 104) ressalta ainda que o pesquisador tem uma grande responsabilidade em como conduz e utiliza aquilo que lhe é dito em uma entrevista. O pesquisador deve sempre pensar, entre outros aspectos, nas consequências para o entrevistado de ser levado a reviver, ainda que através da narrativa, determinadas experiências. Não se deve descartar a possibilidade de que, por exemplo, a retomada de eventos passados possa reabrir antigas feridas e levar as pessoas a uma crise emocional. Foi com essas observações em vista e na tentativa de proporcionar ao pesquisador e ao leitor de pesquisas que lidam com narrativas uma percepção mais nítida da complexidade do processo que elas envolvem que procurei conduzir as questões trazidas aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, L. C. “Narrativa e vida cotidiana”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.
- _____. “Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa”. *Calidoscópio*. v. 3, n. 2. Ed. Unisinos, p. 74-87, 2005.
- BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. “‘Caramba, e eu era assim, pelo amor de Deus’ – a perspectiva do presente na reconstrução identitária em narrativas de conversão religiosa”. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CO-RACINE, M. J. (orgs.). *Práticas Identitárias. Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, p. 223-234, 2006.
- DELEUZE, G. “Os intelectuais e o poder: Cconversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- DURANTI, A. *Linguistic Antropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, E. “On Face-Work”. In: *Interaction Ritual*. New York: Anchor Books, 1963.
- GUMPERZ, J. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1982].
- _____. “Entrevista com John Gumperz”. In: PEREIRA, M. G. D.; GARCEZ, P. M. (org. e ed.). *Revista Palavra*, n. 8. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 26-35, 2002.
- LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. University of Pennsylvania Press, 1972.

- LABOV, W.; WALETSKY, J. "Narrative Analysis: oral versions of personal experience". In: *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, Washington: University of Washington Press, p. 123-144, 1967.
- LINDE, C. *Life Stories: The Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- MISHLER, E. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- _____. *Storylines: Craftartists' Narratives of Identity*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1999.
- POLKINGHORNE, D. E. *Narrative Knowing and the Human Sciences*. Albany: State of New York Press, 1988.
- RIBEIRO, B. T. "Quatro interpretações de uma narrativa". RIBEIRO, B. T.; COULTHARD, C. R. C.; BASTOS, L. C.; QUENTAL, L.; PAREDES SILVA, V. *Revista Palavra*, n. 3. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 43-77, 1996.
- RIESSMAN, C. K. *Narrative Analyses*. London, New Bury Park: SAGE Publications, 1993.
- SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data. Methods for Analyzing Talk, Text and Interaction*. 2. ed. London: SAGE, 2001.

CAPÍTULO 2

Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados

Ana Tereza Vieira Machado Rollemberg

Introdução

Neste capítulo, desenvolvo uma breve caracterização de como algumas tradições de pesquisa entendem, utilizam e analisam entrevistas. Traço uma distinção entre a visão tradicional e a visão contemporânea da função e importância das entrevistas de pesquisa. Apresento estudos que discutem a natureza das entrevistas de pesquisa, focalizando a perspectiva interacional e a construção de significados. Nesse contexto, detenho-me em alguns tópicos que me parecem mais relevantes para o pesquisador contemporâneo, tais como o contexto da entrevista, a interação e a relação entrevistador/entrevistado.

As entrevistas de pesquisa nos paradigmas positivista, emocionalista e construcionista

Em sua obra sobre a metodologia qualitativa de pesquisa, Silverman (2001) discute a entrevista de pesquisa no quadro de diferentes tradições de pesquisa, que ele identifica como positivista, emocionalista e construcionista. São severas suas críticas ao trabalho do positivismo com entrevistas, pois, segundo ele, pesquisadores dessa linhagem acreditam que as respostas dos entrevistados reproduzem eventos, ações e identidades “verdadeiras”, independentemente do contexto no qual estão inseridos e de suas peculiaridades. Na visão positivista, o ato de entrevistar é visto como uma extração de fatos e verdades, em que o entrevistador não exerce (ou não deve exercer) nenhuma influência sobre os significados aí construídos ou reproduzidos.

Já o paradigma emocionalista, segundo Silverman, é o que orienta, nas Ciências Humanas e Sociais, pesquisas de caráter mais humanista e que se caracterizam por ser socialmente engajadas. Nesse cenário, as entrevistas são vistas como momentos de reflexão sobre o outro, e há uma grande preocupação em estimular uma relação forte entre os participantes do evento. Para seus seguidores (Burgess, 1980; Reason & Rowan, 1981; Schreiber, 1996; entre outros), o importante é ter acesso pleno às emoções e experiências vividas pelos entrevistados, e, para tal, os entrevistadores encorajam, frequentemente, o envolvimento emocional dos participantes. O sucesso da entrevista é medido pelo grau de empatia e abertura que se estabelece entre entrevistado e entrevistador; esses são os dados considerados adequados a análises de trajetórias de vida, de profissão, de saúde, de sexualidade etc.

A visão construcionista entende o discurso como força construtora da realidade e se volta para a discussão da construção dos sentidos na interação. Para autores como

Gubrium & Holstein (1997), os significados construídos nas entrevistas também promovem a (re)construção da realidade na qual os participantes estão inseridos. Mesmo sendo essa uma visão mais contemporânea e inserida numa perspectiva interacional de construção de sentidos, Silverman também enxerga nela várias limitações, como, por exemplo, a relação ainda pouco resolvida (embora muito discutida) entre os sentidos locais, construídos entre os participantes da entrevista, e a realidade maior que os cerca e reconstrói.

As entrevistas na cena contemporânea

Na vida contemporânea, a prática da entrevista torna-se cada vez mais popular. Como observa Silverman (2001), estamos em uma sociedade de entrevistas. Falar sobre nossas vidas, nossos sentimentos e nossos companheiros para a mídia, para pesquisas de opinião ou em consultórios médicos começou a tomar outra dimensão: entramos numa nova era, na qual somos solicitados a dar informação e opinião a todo momento, em diferentes contextos. A entrevista de pesquisa é mais um desses contextos.

Tradicionalmente, os estudos que se utilizam de entrevistas entendem que nelas se estabelece a transmissão de informações do entrevistado para o entrevistador (cf. Atkinson & Coffey, 2003; Glesne, 1999; Gubrium & Holstein, 1987, 2003). Por esse entendimento, os papéis dos participantes – entrevistador e entrevistado – são rigidamente prefixados; a atuação do entrevistador é previamente desenhada e limitada (a fazer as perguntas estabelecidas, por exemplo). Buscam-se, com esse modelo, a neutralidade do entrevistador e a objetividade das respostas.

Na visão mais atual, inserida na chamada realidade pós-moderna, a entrevista é tida como parte de nossas

experiências e acontece numa cena em que os papéis dos participantes são bem menos rigidamente estabelecidos. É o que Gubrium & Holstein (2003, p. 3) chamam de entrevista inserida nas “sensibilidades pós-modernas”, ou seja, um tipo de entrevista que entende o que acontece como uma troca interpessoal, em que há uma coconstrução de significados. Há maior atenção para o estudo da relação entre entrevistador e entrevistado, relação antes vista como fixa e assimétrica, no sentido de que era o entrevistador que perguntava e o entrevistado que respondia. Tal mudança de compreensão do que ocorre na entrevista vem, assim, entrelaçada a uma diferente atitude do entrevistador diante de sua tarefa e de seu entrevistado. Atualmente, busca-se promover uma participação mais ativa e engajada dos entrevistados.

Observe-se, no entanto, que ainda há um longo caminho rumo a uma transformação mais consolidada no que diz respeito à forma de se encarar a relação entrevistador/ entrevistado. Permanece ainda comum a visão de que o pesquisador, com as perguntas certas, conseguirá extrair tudo que quiser de seu informante, como se estes fossem recipientes contendo respostas fixas sobre vida, trabalho, sociedade, amizades, família e sentimentos (Gubrium & Holstein, 2003, p. 30). Mantém-se, mesmo entre autores identificados com uma perspectiva construcionista de trabalho, grande preocupação com um ideal de objetividade, neutralidade e verdade.

Também segundo Gubrium & Holstein (2003), é importante lembrar que, na vida cotidiana, estamos constantemente envolvidos em práticas sociais de construção de significados e de (re)construção de nossas identidades. A situação de entrevista vem oportunizar e facilitar a reflexão e a discussão sobre essas práticas, sobre quem somos e o que fazemos. Tal reflexão, por sua vez, pode

propiciar mudanças e reconfigurações identitárias com maior agentividade da parte dos interagentes. Entrevistado e entrevistador participam dessas construções em conjunto. A escolha, seja do momento, do tópico, dos entrevistados, das perguntas e respostas ou até mesmo da interpretação, é um processo interacional e ativo. O entrevistador não é mais tido como alguém que extrai informações de uma “vasilha”. A entrevista como um todo é uma coconstrução da qual entrevistador e entrevistado participam ativamente.

Nesse cenário, muito se discute o empoderamento do entrevistado (Gubrium & Holstein, 2003; Mishler, 1986, 1999; Silverman, 2001; entre outros). Deixar que a voz do entrevistado seja ouvida é importante, assim como examinar que voz é essa: se da família, da instituição em que trabalha, de si próprio, do meio no qual se circula, de amigos, da sociedade, de tudo isso junto. Todas essas vozes surgem durante a entrevista, que é um processo contínuo de construção de subjetividades, e não apenas uma sequência de perguntas e respostas.

A mudança na compreensão do que a entrevista realiza se faz acompanhar, como estamos discutindo, de mudanças no posicionamento dos pesquisadores/entrevistadores no desenho da entrevista. Se há interesse em ouvir o entrevistado, as perguntas de uma entrevista não devem ser fechadas nem preestabelecidas, e os entrevistadores devem estar atentos para lidar com eventuais mudanças de curso durante o processo da entrevista. É também o engajamento do entrevistador com o entrevistado (sinalizado, entre outras coisas, pelas perguntas que faz) o que poderá motivar a emergência de narrativas no curso das entrevistas.

Além disso, há pesquisadores, como Glesne (1999), que sugerem que, após a análise dos dados, sejam entre-

gues aos entrevistados as transcrições de suas falas e se lhes peça um retorno, não só para que concordem ou não com o estudo e a publicação de suas falas, mas também para que façam reflexões sobre o que enunciaram, o que pode ser de interesse para eles próprios ou para o analista. Ao proceder dessa forma, novas interpretações podem ser suscitadas, com base em novos detalhamentos de problemas, circunstâncias, lugares, pessoas, documentos etc., enriquecendo e aprofundando as discussões do estudo.

Enfatizo, uma vez mais, que entendo a entrevista como coconstrução de realidades, subjetividades e significados. Assim, ao se analisarem os dados gerados nas entrevistas, entendo que se deve ir além da descrição de situações vividas. A análise deve contemplar a dinâmica da entrevista, que envolve o que é discutido e como a interação é conduzida por todos os envolvidos. “O objetivo da análise não é somente descrever a situação de produção da fala, mas mostrar que o que é dito aí está relacionado com as experiências e vidas dos que estão participando do estudo” (Gubrium & Holstein, 2003, p. 79). O interesse maior é pela produção conjunta de significados e por sua inserção na situação de entrevista.

As entrevistas, como sugere Silverman (2001), não são momentos para ouvirmos o que é verdadeiro ou falso, completo ou incompleto, mas, sim, eventos que propiciam reconstruções de sentidos, a emergência de narrativas de vida e a performance de identidades sociais. Para Atkinson & Coffey, entrevistas são “ocasiões que propiciam construções singulares de processos identitários e que geram performances particulares das identidades” (2003, p. 116), sendo seu atributo principal “capturar compreensões culturais compartilhadas de determinada realidade social” (Ibid., p. 119).

Entrevista e interação

Segundo Baker (2001), o que entrevistados e entrevistadores constroem juntos é mais do que uma simples sequência de perguntas e respostas; são relatos da experiência que vivenciam e voltam a experienciar na entrevista. Durante a interação, os participantes estabelecem e restabelecem processos discursivos de pertencimento a diversas categorias identitárias.

As entrevistas, para Baker (2001), são entendidas como oportunidades para que os envolvidos estabeleçam e restabeçam relações de pertencimento a determinadas categorias institucionais, profissionais ou familiares. É importante ver as respostas como relatos de experiências e possibilidade de voltar a experienciá-las. O que é dito na entrevista é uma construção situada, relacionada com outras pessoas, outras situações e outras relações além daquelas que estão em jogo no evento em questão, isolado. Durante as entrevistas, os participantes se envolvem num processo constante de reconstrução da própria entrevista, do discurso e de suas experiências, engajando-se, ativamente, em processos de construção identitária.

Uma importante contribuição para essa perspectiva interacional do estudo da entrevista de pesquisa encontra-se no trabalho de Elliot Mishler (1986, 1999). Mishler foi um dos primeiros pesquisadores a perceber a importância de se estudar a emergência de narrativas na entrevista e a propor a articulação entre uma análise sociolinguística, com base no modelo estrutural laboviano da narrativa, e uma análise interacional, com base nos estudos da Análise da Conversa. Destaco, assim, a contribuição do autor não só por sua visão contemporânea, social e interacional das entrevistas, mas também, e sobretudo, por se deter, com cuidado e entusiasmo, no estudo das narrativas que emergem das entrevistas. Estas devem ser entendidas:

como formas de discurso, produção conjunta de entrevistados e entrevistadores, do que conversam entre si e como conversam (...) através desta metodologia, pode-se dar conta de como os sujeitos percebem, organizam e atribuem significado a si mesmos, suas experiências e seus mundos culturais e pessoais. (Mishler, 1986, p. vii.)

Como já observado, o pesquisador que se orienta pelo padrão tradicional tende a reduzir a entrevista a perguntas e respostas, “não tratando do discurso como problema central” (Mishler, 1986, p. 9). Nesse caso, o próprio evento da entrevista é entendido não como uma prática discursiva, mas, sim, comportamental: seriam apenas perguntas e respostas fechadas, e o pesquisador não veria que aí acontece uma conversa, ou uma comunicação (cf. Mishler, 1986, p. 10). O aspecto social não é considerado e a fala é descontextualizada, com o conseqüente apagamento de traços culturais e sociais dos participantes.

Mishler (1986, p. 7) entende “perguntas e respostas como formas culturalmente dependentes de se expressar, de compreender crenças, experiências, sentimentos e intenções”. O que entrevistados e entrevistadores falam é carregado de traços representativos de determinada situação social. É no discurso socialmente construído que a relevância dessas perguntas e respostas é dada, conforme os participantes vão negociando seus significados – visão semelhante à de Atkinson & Coffey (2003); Glesne (1999); Gubrium & Holstein (1987, 2003) e Silverman (2001).

Nessa perspectiva de pesquisa, os estudiosos recomendam que a pergunta introdutória da entrevista seja formulada como um pequeno texto, no qual se explique ao entrevistado o propósito da entrevista. Não se trata de uma pergunta fechada, congelada, mas, sim, de uma abertura

que possa também funcionar no empoderamento do entrevistado, na medida em que ele terá mais informações sobre a situação de comunicação em que se encontra, de forma a ter condições de melhor se posicionar nela. Essa fala inicial, assim como outras falas e perguntas da entrevista, deve ser adaptada a especificidades da situação. Como tão bem nos esclarecem os estudos da Análise da Conversa, em uma sequência de perguntas e respostas, tanto as perguntas quanto as respostas contêm a compreensão e a análise do que foi dito antes. A formulação de uma pergunta contém, portanto, a interpretação do que o entrevistado está dizendo.

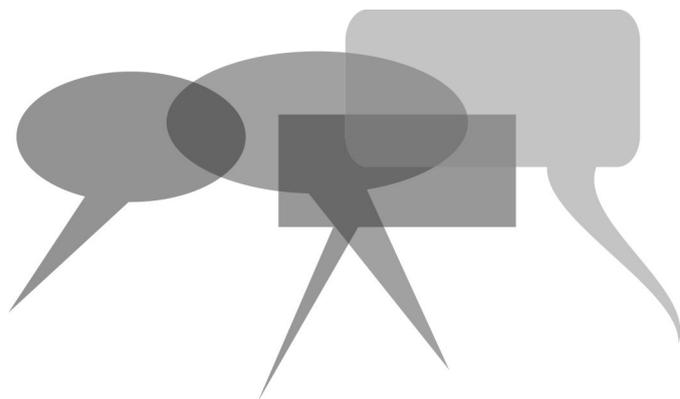
Considerações finais

Finalizo o presente capítulo reiterando e enfatizando o ganho que os estudos interacionais alcançam ao darem oportunidade ao entrevistado de se empoderar, isto é, de se tornar mais consciente do processo da entrevista em si, e assim poder desempenhar um papel ativo na construção de significados nesse contexto. Desse modo, os entrevistados encontram espaço para construir e recriar suas histórias e suas experiências e vislumbrar possibilidades de reconstruir suas identidades, já que os significados estão sendo construídos e reconstruídos socialmente no ato da entrevista.

Não podemos esquecer que, ao contarmos nossas histórias, revelamo-nos, construímos e reconstruímos a nós mesmos junto com nossos interlocutores. O papel de cada um no ato de narrar e as relações de poder aí estabelecidas influenciam a situação da entrevista e também o que será narrado. É preciso, portanto, buscar compreender o processo interacional que está em curso durante as entrevistas e como as narrativas são produzidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON, P.; COFFEY, A. "Revisiting the relationship between participant observation and interviewing". In: GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, p. 109-122, 2003.
- BAKER, C. "Ethnomethodological analysis of interviews". In: GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. (orgs.). *The Handbook of Interview Research*. Thousand Oaks: SAGE, p. 777-795, 2001.
- BURGESS, R. (org.). *Field Research: a Sourcebook and Field Manual*. London: Allen and Unwin, 1980.
- GLESNE, C. *Becoming Qualitative Researchers*. An introduction. Longman, 1999.
- GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. "The private image: experiential location and method in family studies", *Journal of Marriage and the Family*, v. 49, p. 773-786, 1987.
- _____. (orgs.). *The Handbook of Interview Research*. Great Britain: SAGE, 2001.
- _____. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- _____. "Active interviewing". In: SILVERMAN, D. (org.). *Qualitative Research: Theory, Method and Practice*. Great Britain: SAGE, p. 113-128, 1997.
- MISHLER, E. *Research Interviewing: Context and Narrative*. USA: Harvard, 1986.
- _____. *Storylines: Craftartists' Narratives of Identity*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1999.
- REASON, P.; ROWAN, J. *Human inquiry: a sourcebook of new paradigm research*. Chichester: Wiley, 1981.
- SCHREIBER, R. "Redefining my self: women's process of recovery from depression". In: *Qualitative health research*, v. 6, n. 4, p. 469-491, 1996.
- SILVERMAN, D. "Interpreting Qualitative Data". *Methods for Analyzing talk, text and interaction*. London: SAGE, 2001.



II
A ENTREVISTA NA PÓS-MODERNIDADE:
INTERAÇÃO, IDENTIDADE
E PERFORMANCE

CAPÍTULO 3

“E aí, presidente, esse cafezinho vai sair?”: entrevista na mídia analisada como performance

Marcia Vieira Frias

Considerações iniciais

Neste capítulo, adotando uma perspectiva interacional e construcionista do discurso e um paradigma qualitativo de pesquisa, debruço-me sobre um único par “pergunta e resposta” de uma entrevista televisiva: a entrevista concedida pelo Presidente Lula ao canal de notícias RecordNews em 27 de setembro de 2007.

O capítulo está organizado em três seções: na primeira, reflito sobre diferentes concepções de entrevista, sobre a entrevista como evento social/interação discursiva e sobre as especificidades da entrevista midiática, além de explicitar minhas estratégias analíticas e apresentar os dados; na segunda seção, faço a análise do referido par “pergunta e

resposta”, trazendo ainda alguma teorização; por fim, na terceira seção, apresento minhas considerações finais.

Reflexões teóricas e dados

Três modelos de entrevista

A definição de entrevista como uma conversa, geralmente entre estranhos, estruturada no formato “pergunta e resposta” em que um dos participantes (o entrevistador) faz as perguntas e dirige a interação, enquanto o outro (o entrevistado) responde às perguntas, idealmente fornecendo as informações e os conhecimentos buscados, insere-se em um *paradigma positivista* (Lincoln & Guba, 2006; Silverman, 2001) de produção de conhecimento. Essa definição de entrevista reflete uma visão do senso comum em que o entrevistado é entendido como um repositório de fatos e experiências, um *vaso de respostas* (Gubrium & Holstein, 2003, p. 30) contendo informações que o entrevistador pode acessar mediante perguntas cuidadosamente formuladas. Na perspectiva positivista, é importante assegurar a neutralidade do entrevistador, pois essa neutralidade supostamente garantirá a verdade dos dados obtidos na entrevista e a validade de qualquer análise posterior (Holstein & Gubrium, 2003, p. 70). Manuais técnicos foram escritos com o objetivo de se ensinar a preparar perguntas e a conduzir a entrevista de forma objetiva e neutra, a fim de garantir as melhores e mais confiáveis informações, com um mínimo de distorções, as quais poderiam advir tanto da influência “indevida” do entrevistador quanto das elaborações narrativas – “digressões” – por parte do entrevistado. As entrevistas, no entanto, especialmente aquelas que não se limitavam a levantar dados quantitativos/demográficos, sempre resistiram a essas tentativas de “domesticação”, de torná-las cem por cento previsíveis.

No entanto, nas últimas décadas do século XX, conforme assinalam Gubrium & Holstein (2003, p. 68), “uma maior sensibilidade às questões de representação” (que caracterizaria tanto a etnometodologia como as correntes de pensamento pós-estruturalista, pós-modernista e construcionista) permitiu problematizar a própria possibilidade de se obter conhecimento de modo neutro usando o formato da entrevista, levando ao surgimento de outras formas de se enxergar essa prática, que implicavam diferentes visões do sujeito no papel de entrevistado.

Uma delas é chamada por Holstein & Gubrium (2003, p. 72) de *entrevista criativa*, a partir do livro *Creative Interviewing*, de Douglas, publicado em 1985. Nessa linha de pensamento, que Silverman (2001, p. 87) rotula de *emocionalista*, o entrevistado não é apenas um repositório de informações, mas uma *fonte inesgotável de sentimentos* (“*emotional wellspring*”). Comparando-se essa visão de entrevista e a visão positivista, vê-se que a noção do entrevistado como *vaso de respostas* permanece, mas o que há para ser acessado, mais do que informações neutras e objetivas, são experiências autênticas carregadas de emoção e sentimento. Dentro dessa perspectiva emocionalista, não há lugar para perguntas padronizadas nem para entrevistas rigidamente estruturadas: as perguntas serão abertas e o que se deseja é que a entrevista seja “profunda”, ou seja, um mergulho na alma do entrevistado. O entrevistador, em vez de neutro, precisa estar disposto a compartilhar com o entrevistado seus próprios sentimentos e pensamentos: assim, acredita-se, o entrevistado se sentirá mais à vontade para também revelar suas emoções e pensamentos mais íntimos. A questão da verdade dos dados e da validade da análise parece equacionar-se (e resolver-se) com a obtenção de sinceridade e autenticidade.

A linha que Holstein & Gubrium (2003, p. 67-80) defendem, e que este trabalho abraçará, é a da perspectiva *construcionista*, que vê a entrevista como um evento de fala (portanto, intrinsecamente interacional), em que entrevistado e entrevistador colaboram na produção de sentidos. Por ser intrinsecamente interacional, tanto entrevistado quanto entrevistador desempenham, necessariamente, um papel ativo, daí a expressão cunhada por Holstein & Gubrium (2003, p. 74-75) de *entrevista ativa*. O sujeito no lugar do entrevistado não é mais encarado como um sujeito passivo, um vaso de respostas prontas, sejam elas fatos positivos ou emoções, mas alguém que, em interação com o entrevistador, constrói conhecimento e produz sentidos no momento mesmo da interação, ao interpretar e reinterpretar experiências e dados em resposta às perguntas da entrevista. O entrevistador deixa de ser aquele que, através de perguntas habilmente construídas, extrai sentidos preexistentes, prontos e acabados, que estariam guardados na memória do entrevistado, e passa a ser aquele que interage com o entrevistado, participando e colaborando na construção de sentidos e na produção de conhecimento – o objetivo da entrevista.

A questão da verdade dos dados estaria ligada não só aos sentidos construídos (o conteúdo), mas à forma como esses sentidos são construídos na entrevista. As elaborações narrativas, que, sob o paradigma positivista, eram/são consideradas digressões e, portanto, problemas a serem evitados, integram o modo *como* os sentidos são construídos na interação e se tornam, juntamente com o total da entrevista – perguntas, respostas, contexto imediato, contexto macro, posicionamentos e alinhamentos –, objetos de análise e interpretação.

A validade da análise estaria associada ao reconhecimento de que o entrevistador/pesquisador/analista se

encontra sempre, de alguma forma, presente e envolvido no trabalho criado, na análise empreendida, o que reforça a necessidade de a metodologia ser claramente definida e cuidadosamente aplicada, não para se obter neutralidade, o que é, por definição, impossível, mas para deixar claros os discursos e os contextos que dão forma à análise e a autorizam.

A breve teorização acima delineada sobre os diferentes modelos de entrevista – paradigma positivista, entrevista criativa e entrevista ativa – e as diversas concepções de sujeito presentes no lugar do entrevistado em cada um desses modelos diz respeito à entrevista de pesquisa em Ciências Sociais. No meu entender, no entanto, essas reflexões se aplicam sem problema algum a outros tipos de entrevista, inclusive à entrevista jornalística televisiva, que constitui meu objeto de análise neste trabalho. Olhar para a entrevista não como um instrumento supostamente neutro de obtenção de informações, mas como um evento social, como uma interação discursiva, permitiu-me analisar os processos de construção discursiva de identidades adotados por entrevistado e entrevistador, de forma a ressaltar os sentidos e as versões de mundo assim elaborados pelos dois participantes dessa troca conversacional muito peculiar que é a entrevista política na mídia.

A entrevista como *performance*

Ao introduzir a noção de *entrevista ativa*, Holstein & Gubrium (2003, p. 73) citam Ithiel de Sola Pool, que eles apresentam como um crítico importante das pesquisas de opinião pública. Em uma obra de 1957, esse autor já enfatizava o caráter interacional, comunicativo, dinâmico e socialmente localizado da entrevista e sugeria que toda entrevista seria “um drama interpessoal com um

enredo em desenvolvimento”. A metáfora da *representação teatral* ajuda a entender a entrevista e eventuais elaborações narrativas como *performance*, posição que informará a análise a seguir.

A metáfora da representação teatral é também a perspectiva que Goffman adotou para expor, em *A representação do eu na vida cotidiana* (2007 [1959]), o resultado de suas observações e reflexões sobre a vida social, sobre o modo como o indivíduo se apresenta aos outros nas atividades do dia a dia. Na vida diária, tal como um ator representando um papel diante do público, o indivíduo representa papéis, ou seja, constrói, de várias maneiras, inclusive discursivamente, representações (desempenhos ou performances) socialmente localizadas do *eu (self)* (Goffman, 2002 [1979]). Os papéis que o indivíduo representa dependem dos papéis desempenhados pelos outros indivíduos com quem interage, sendo que esses outros são, ao mesmo tempo, a plateia para a qual o indivíduo representa e seus colegas atores nessas “peças dramáticas”, que são nossas interações do dia a dia.

Segundo Goffman (2007 [1959], p. 15), “quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar”. Além do mais, nessas circunstâncias, tal indivíduo “terá muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes [os outros] recebem da situação” (Goffman, 2007 [1959], p. 23). Esse desejo do indivíduo de dirigir a impressão que os outros formam a seu respeito e a respeito de situações, fatos, ideias e argumentos, tais como definidos por ele, está presente nas interações conversacionais de modo geral e, em especial e com mais intensidade, no contexto da entrevista política na mídia, que fornece os dados para a presente análise.

O desejo do indivíduo de dirigir a impressão que os outros formam a seu respeito nas atividades da vida cotidiana está ligado ao conceito de *face*, definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (Goffman, 1980 [1967], p. 76-77). Goffman enfatiza o caráter interacional, construído e situado de seu conceito de *face* ao dizer que “face não é algo que se aloja dentro ou na superfície do corpo de uma pessoa, mas sim algo que se localiza difusamente nos fluxos de eventos que se desenrolam no encontro” (1980 [1967], p. 78). Acredito que a entrevista política televisiva seja um tipo de interação social em que esse desejo do indivíduo de controlar as impressões dos outros a seu respeito se torna ainda mais forte em função das consequências negativas importantes que podem advir de não conseguir fazê-lo (como perda de popularidade e poder além da perda de prestígio). A entrevista política televisiva me parece, portanto, um local privilegiado para se analisar o trabalho de construção, manutenção e defesa de uma *face* positiva pelos participantes da interação.

Entrevista “comemorativa” vs. entrevista “contenciosa”

A entrevista que forneceu o par “pergunta e resposta” analisado neste artigo foi a entrevista inaugural do telejornal da RecordNews, transmitida em 27/09/2007, no dia em que o novo canal aberto de notícias (ligado à Rede Record de televisão, de propriedade do bispo Edir Macedo) foi ao ar pela primeira vez. O Presidente Lula compareceu à cerimônia de lançamento do canal RecordNews, como mostra fotografia publicada com destaque na primeira página da edição de 28/09/2007 do jornal

O Globo, na qual Lula aparece sorridente, ao lado do Bispo Macedo, apertando o botão que colocou a nova emissora no ar.¹

A informação fornecida acima, sobre o contexto externo à entrevista propriamente dita, aponta ou apontaria para uma entrevista quase “comemorativa”, ou seja, com o entrevistador se mostrando absolutamente simpático ao entrevistado.

No entanto, entrevistas políticas e debates televisionados utilizam com muita frequência um estilo que chamo de “beligerante” ou “contencioso”, em que as perguntas são lançadas como desafios ou provocações. Nelas, o entrevistador se posiciona como se estivesse em conflito com o entrevistado. Por trás dessa tendência, estão algumas crenças, como, por exemplo, a de que os índices de audiência aumentam quando o programa mostra disputa acirrada, e também a de que, ao provocar o entrevistado, fazendo-o reagir de modo emocional, levando-o a perder o controle da situação ou mesmo o autocontrole, as informações obtidas são mais verdadeiras (além de o “espetáculo” ficar mais interessante).²

Estratégias analíticas

Para analisar o par “pergunta e resposta” pinçado da entrevista que o Presidente Lula concedeu ao canal RecordNews em 27/09/2007, usei estratégias inspiradas em Baker (2001). Por exemplo:

¹ O comparecimento de Lula ao lançamento do novo canal de notícias, assim como a publicação da foto pelo jornal *O Globo*, com destaque, na primeira página, são ambos eventos plenos de significados que, por questões de espaço e foco, não examinarei aqui.

² A esse respeito, vide o interessante livro de Deborah Tannen, *The argument culture – Stopping America’s war of words*. Nova York: Ballantine Books, 1999.

(a) encarei a entrevista como uma interação conversacional, levando em consideração as especificidades dessa interação, quais sejam, o fato de se tratar de uma entrevista televisiva e de discurso político;

(b) tratei o par “pergunta e resposta” como um trabalho conjunto (entrevistador/entrevistado) de construção de sentidos;

(c) busquei identificar as identidades e os sentidos que os participantes na interação iam construindo, procurando entender como e com que funções e objetivos o faziam;

(d) busquei identificar quais relações os conteúdos construídos na interação estabeleciam com outros conteúdos, posições e argumentos presentes na cena social. Ou seja, como a versão de mundo construída na entrevista se articulava com as versões de mundo que constituem um conhecimento de mundo compartilhado por entrevistador, entrevistado e plateia.

Apresento, a seguir, minha transcrição do trecho da referida entrevista formado pela segunda pergunta dirigida ao presidente e a resposta correspondente. O trecho a seguir foi transcrito a partir do áudio da íntegra da entrevista (ver convenções de transcrição no ANEXO). Tanto o áudio da entrevista como a transcrição feita pela própria Secretaria de Imprensa da Presidência na forma de texto escrito comum (sem notações indicativas de produção oral) estão disponíveis no site da Secretaria de Imprensa – www.imprensa.planalto.gov.br, na data de 27/09/2008.

1	Jornalista: presidente, eu entrevistei recentemente o ex-presidente Fernando Henrique
2	Cardoso, uma entrevista que inclusive vai ao ar nos próximos dias aqui na
3	RecordNews, e ele se mostrou ...é:: realmente ãh ... <preocupado> com uma
4	indiferença sua em relação a ele, ele chegou a dizer na entrevista o seguinte: ele disse
5	“o Presidente Lula não me convida nem prum cafezinho, e olha que o Presidente Lula é
6	mais próximo de mim do que eu era do Sarney ou do Itamar Franco, porque o
7	Presidente Lula ficou... na minha casa de praia > na época que eu tinha”< ... e aí
8	presidente esse:: cafezinho vai sair?
9	Presidente: veja (“Renato”), ... primeiro eu não confundo a minha relação de amizade
10	com a minha relação política, você muitas vezes vai perceber que pode ter uma pessoa
11	que eu tenha <rompido> a amizade pessoal, mas continuo com a relação política, ou
12	uma pessoa que eu tenha uma <grande> amizade pessoal, e que não tenha relação
13	política. ... Ora ... no caso do presidente <Fernando Henrique Cardoso>, nós ... fomos
14	amigos desde 1978 ... não foi ele que me procurou para ajudá-lo ... fui eu que o
15	procurei para apoiá-lo quando ele foi candidato a senador em 1978. Ora, isso perdurou
16	até:: ele deixar a presidência da República ... ãh e não se <comportar adequadamente>
17	como um <ex-presidente da República> se comporta. ... eu lembro que em janeiro de
18	dois mil e::: três.... eu fui a Davos ... e encontrei com o presidente Clinton e na
19	conversa com o Clinton eu perguntava ... “presidente, qual é a posição que os partidos

20 democratas têm com relação ao comportamento do Bush na guerra do Iraque?” e o
21 Clinton passou pra mim ... “Presidente Lula, ... eu vou lhe dizer uma coisa ... nos
22 Estados Unidos ... os ex-presidentes não dão palpites sobre as tomadas de decisão do
23 atual presidente” ... mas o que aconteceu ... o que aconteceu ... é que o Presidente
24 Fernando Henrique Cardoso não soube se comportar como ex-presidente da
25 República. Deu palpite o tempo inteiro ° sabe ° e não se conformou em nenhum
26 momento de que nós fizemos no governo o que ele não quis fazer e talvez não tenha
27 feito não é por incapacidade não, porque ele é intelectualmente muito preparado ...
28 talvez não tenha feito porque a conjuntura política não permitiu porque não > soube
29 aproveitar as oportunidades< ... vocês sabem que eu ... pra chegar a viver o momento
30 auspicioso que o Brasil está vivendo hoje ... nós cortamos na própria carne ... em 2003
31 porque o ajuste que nós fizemos em 2003 só pôde ser feito porque eu tinha capital
32 político, e resolvi investir o capital político pra num futuro próximo melhorar a vida do
33 povo brasileiro, e é isso que está acontecendo hoje.

Uma pergunta, uma resposta... muitos sentidos

A pergunta

A segunda pergunta (de uma série de dez a que o Presidente Lula responde nesta entrevista) parece inscrever-se no grupo das perguntas que defini no item 1.3 como provocativas: o jornalista traz a figura de um adversário político de Lula, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (linhas 1-2), e começa a desfiar supostas reclamações do ex-presidente com relação à atitude de Lula para com ele. As reclamações são apresentadas quase como fofoca – em entrevista recente ao mesmo jornalista, Fernando Henrique teria se mostrado “... preocupado” com a “indiferença” de Lula (linha 3). O jornalista faz uma pequena pausa antes de “preocupado”, indicando talvez que hesite na escolha da palavra, e a pronuncia mais lentamente, como se ainda estivesse avaliando se o termo descreve corretamente o sentimento de Fernando Henrique. A pausa antes de “preocupado” poderia também indicar que o jornalista procura uma palavra que amenize um pouco a situação de conflito. (Será que, na percepção do jornalista, o ex-presidente se mostrou realmente “preocupado”, ou, quem sabe, “irritado”, “zangado”, “magoado”?) Nesse caso, uma possível escolha lexical abrandada estaria evitando um termo mais acusatório, que viesse a constituir uma ameaça à face de Lula (Goffman, 1980 [1959]), representando-o como alguém que não observa regras de cortesia e de boa convivência em sociedade.

De outro ângulo, embora, por um lado, o Presidente Lula esteja sendo supostamente acusado pelo ex-presidente Fernando Henrique de faltar com certas obrigações sociais, por outro, o fato de o ex-presidente, um culto representante das elites, ressentir-se da indiferença do atual presidente, um ex-operário, parece conferir mais status ao atual presidente. É ainda importante notar que

a queixa se inscreve no âmbito do relacionamento pessoal (não político/profissional), como sinalizam as referências ao fato de Lula ter-se hospedado na casa de praia de Fernando Henrique (linha 7) e ao “cafezinho” (linhas 5 e 8).

A pergunta final – “e aí, presidente, esse cafezinho vai sair?” (linhas 7-8) – acrescenta um tom de bom humor e informalidade que, somado ao tom de fofoca dado pela reprodução das palavras que teriam sido ditas pelo ex-presidente (linhas 5-7), torna tudo mais leve e permite colocar a pergunta provocativa de modo simpático ao entrevistado.

Com tudo isso, o entrevistador se equilibra entre a entrevista “comemorativa” (a voz da emissora) e a entrevista “contenciosa” (a voz do jornalista contemporâneo): ele se constrói identitariamente como um profissional que não se furta a trazer à baila um assunto desagradável – o que é esperado dos jornalistas em geral – e o faz de forma agradável, bem-humorada, demonstrando certa familiaridade tanto com o atual presidente como com o anterior, que, afinal, lhe “fez confidências”. Também essa desenvoltura frente aos poderosos é uma característica esperada de jornalistas e contribui para a construção identitária do entrevistador como um jornalista tarimbado.

2.1 A resposta

O Presidente Lula começa a responder à pergunta dirigindo-se ao entrevistador pelo nome, Renato, o que denota familiaridade e funciona como uma ratificação da face positiva do jornalista – a atitude do Presidente Lula confirma a construção identitária do entrevistador como um profissional do jornalismo, respeitado, conhecido. (Essa confirmação da construção identitária do entrevista-

dor pelo entrevistado aponta para o caráter interacional da entrevista, com identidades e sentidos sendo construídos ativamente por entrevistador e entrevistado, nesse caso em colaboração.)

Embora se dirija ao entrevistador como se estivesse engajado em uma conversa com um interlocutor apenas (o que a menção ao nome do jornalista acentua), o presidente está diante das câmeras, num telejornal, numa situação de entrevista, falando a um público muito maior: aos telespectadores do programa e, em um segundo momento, aos ouvintes de programas de rádio e leitores de jornais diários, revistas semanais e sites de notícia, veículos que, eventualmente, reproduzirão trechos da referida entrevista.

Em seu texto clássico “Footing”, Goffman aborda a questão “do que se passa na fala de rádio e de TV” chamando a plateia de rádio e TV de “interlocutores *imaginados*” (2002 [1979], p. 126). Essa caracterização da plateia como “interlocutores *imaginados*” supõe, da parte do falante/entrevistado, a ação de imaginar possíveis reações de seus ouvintes de forma a poder moldar suas falas/respostas (seus enunciados) para tentar controlar a impressão que ele causará sobre os ouvintes. A ideia se coaduna com a noção bakhtiniana de que o enunciado necessariamente pressupõe o ouvinte, ou seja, que qualquer enunciado não apenas diz algo, como também diz algo a alguém e que, mais do que isso, “o enunciado, desde o início, elabora-se em função da eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração” (Bakhtin, 2000, p. 320).

A partir dessas considerações sobre quem são os interlocutores do presidente na entrevista e como se estruturará a interação entrevistador-entrevistado-plateia, é possível retomar o exame da resposta que Lula deu à pergunta feita pelo jornalista da RecordNews.

As primeiras frases da resposta do presidente mostram que a tensão entre a esfera pessoal e a esfera político-profissional não passa despercebida a Lula. Em um primeiro momento, ele se concentra justamente nisso: afirma (linhas 9-10) que não confunde relação de amizade com relação política e repete essa ideia nas linhas seguintes (linhas 10-13) de modo exemplificado, redundante, tendendo ao prolixo. A afirmação reproduz o valor social esperado de qualquer pessoa em posição de poder, ou seja, que saiba separar o público do privado. A afirmação também faz eco a um ditado da sabedoria popular – “amigos, amigos, negócios à parte”. Assim, os primeiros enunciados parecem construídos de forma a causar uma impressão positiva na plateia de modo geral, independentemente de afiliações político-partidárias, pois a ideia de que é bom saber separar o público do privado é bastante consensual.

Na linha 13, o Presidente Lula introduz em sua resposta o ex-presidente, chamando-o pelo nome completo, “<Fernando Henrique Cardoso>”, precedido do título de presidente e pronunciando o nome mais lentamente, como a ganhar tempo, o que é reforçado pelas pausas. Essas marcas orais parecem indicar que o entrevistado estaria medindo suas palavras antes de dizê-las, ou seja, mostrando-se cuidadoso com o que vai dizer. Nas linhas seguintes, 13 a 17, Lula parece ter-se decidido por uma linha de ação: diz que eram “amigos”, enfatiza “desde 1978”; assume a iniciativa da amizade, “fui eu que o procurei para apoiá-lo”; e coloca a culpa pelo rompimento desta em Fernando Henrique, que, ao deixar a presidência, na avaliação de Lula, não se comportou como um ex-presidente deve comportar-se. Notem-se a ênfase no “não” e a fala mais lenta de “<comportar adequadamente>” (indicando que a expressão teria sido cuidadosamente escolhida).

No meu entendimento, não fica clara a forma como esse relato se articula com a afirmação inicial de Lula de que “[ele] não confund[e] [] relação de amizade com [] relação política”. Aparentemente, haveria uma relação de amizade (“amigos desde 1978”) que se teria rompido por causa de atitudes de Fernando Henrique que desagradaram a Lula. Essas atitudes estariam na esfera privada? Estaria Lula afirmando que, embora não haja mais amizade, ainda existe um relacionamento político? Ou que nunca houve relacionamento político, só de amizade, e que, agora, não há relacionamento algum? As perguntas são, creio, irrespondíveis no contexto dessa fala. Ademais, no âmbito da análise que aqui empreendo – uma análise do discurso sociointeracional de viés construcionista –, não faz sentido buscar esclarecê-las: a ambiguidade das linhas 13 a 17 em relação às afirmações iniciais é, em si, um resultado interessante.

Tendo afirmado que o ex-presidente Fernando Henrique não se comportou adequadamente após deixar a presidência, Lula introduz, com o “eu me lembro” (linha 17), uma pequena narrativa (linhas 18 a 25) em que traz à cena a figura do ex-presidente norte-americano Bill Clinton. Lula constrói a história contando que, em conversa com Clinton, teria perguntado a ele como “os partidos democratas” (*sic*) se comportavam em relação a Bush e à guerra no Iraque e teria recebido de Clinton, como resposta, a afirmação de que “nos Estados Unidos ... os ex-presidentes não dão palpite sobre as tomadas de decisão do atual presidente”.

Com base em Goffman (2007 [1959]) e em Bakhtin (2000), afirmei anteriormente que, em uma interação social, o falante deseja controlar a impressão que causa em seus interlocutores e os enunciados são construídos visando

causar determinados efeitos. A pequena história protagonizada por Lula e Clinton, encaixada na fala de Lula logo após a afirmação de que o ex-presidente Fernando Henrique não se comportava de modo adequado, parece cumprir a função de provar como correta a afirmação que a antecede, fornecendo o argumento da autoridade. Ou seja, se nos Estados Unidos, potência mundial e modelo de democracia, os ex-presidentes “não dão palpite sobre as tomadas de decisão do atual presidente”, então essa é a atitude correta e esperada de um ex-presidente. Portanto, Fernando Henrique estaria errado em “dar palpites” e Lula estaria certo em ter rompido o relacionamento (seja ele pessoal ou político) com o ex-presidente brasileiro.

Assinalo que a pequena narrativa de Lula é quase totalmente construída com o uso do discurso direto. Tannen (1989, p. 98-133) argumenta que discurso direto e discurso indireto são termos da gramática normativa e propõe o termo *diálogo construído* para tratar de fala relatada sob uma perspectiva interacional. Na “fala em interação”, o que há é diálogo construído, o qual não reproduz necessariamente palavras efetivamente pronunciadas por terceiros. O diálogo construído é uma estratégia discursiva que, ao colocar palavras na boca de personagens, “transforma uma história em peça dramática e os ouvintes, em audiência que interpreta” (Tannen, 1989, p. 133). Em virtude da participação ativa da audiência na interpretação do diálogo e, portanto, na construção de sentido, a inclusão de um diálogo construído na narrativa tende a criar envolvimento.

O diálogo que constitui a narrativa de Lula é absolutamente improvável. Além do mais, levando em conta que, ao que se saiba, Clinton não fala português e Lula não fala inglês, o encontro não poderia ter acontecido como é apresentado, ou seja, como um *tête-à-tête* sem a presença de um intérprete. Encarando-o como um diálogo construído,

ou seja, como uma estratégia discursiva, é possível ver os sentidos que vão sendo construídos e as identidades que o narrador projeta. O diálogo é concretamente situado, em Davos, em 2003 (linha 18), o que contribui para a suposta realidade dessa breve troca conversacional em que Lula e Clinton demonstram cordial familiaridade e perfeito entendimento sobre a questão do comportamento apropriado a ex-presidentes da República. Lula se projeta identitariamente como um líder com bom trânsito nas mais altas esferas políticas mundiais, o que confere autoridade à crítica que ele faz ao comportamento de Fernando Henrique como ex-presidente. Adicionalmente, não é apenas Lula que reclama da atitude do ex-presidente brasileiro, mas, através dessa peça dramática, que é o diálogo construído, pesa sobre Fernando Henrique uma censura implícita de ninguém menos que Bill Clinton.

Lula conclui sua pequena narrativa explicitando (linhas 23-25), mais uma vez, o motivo pelo qual não convidou Fernando Henrique para um cafezinho: “O que aconteceu é que o Presidente Fernando Henrique Cardoso não soube comportar-se como ex-presidente da República, deu palpite o tempo inteiro”. E, a partir do “sabe” (linha 25), passa a fazer uma comparação entre ele e Fernando Henrique (linhas 25-33).

A comparação coloca em evidência um tema recorrente em pronunciamentos de Lula: o anti-intelectualismo. Da linha 25 à linha 29, o Presidente Lula faz várias afirmações e constrói vários significados implícitos. Quando diz que Fernando Henrique “não se conformou”, o que fica implícito é a suposta inveja de Fernando Henrique em relação a índices econômicos e sociais supostamente melhores de seu próprio governo. Os enunciados seguintes (linhas 26-28) são um tanto contraditórios: Fernando Henrique não estaria conformado com o fato de Lula ter feito no governo o que ele

não quis fazer? Ou seria o que ele quis fazer? Se deixou de fazer “porque a conjuntura política não permitiu”, como é possível, ao mesmo tempo, não ter sabido “aproveitar as oportunidades”? Para além dessas inconsistências, o significado que o Presidente Lula parece construir é: Fernando Henrique “é intelectualmente muito preparado” (linha 27), mas não soube governar; eu posso não ter estudo, mas sei governar melhor do que ele. É a esse tipo de posição que chamei acima de discurso anti-intelectualista.

Lula conclui sua resposta afirmando (linhas 29-33) que “o momento auspicioso que o Brasil está vivendo” é resultado do “ajuste” corajoso (“cortamos na própria carne”) que ele teria feito em 2003, investindo o “capital político” de que dispunha. Com esse discurso um tanto cifrado, que utiliza fórmulas criadas por comentaristas políticos e repetidas na mídia, Lula se refere à sua política de responsabilidade fiscal. O tipo de escolha lexical mais sofisticada – “momento auspicioso”, “ajuste”, “capital político” – parece indicar competência administrativa. Considerando sempre a ideia de que os enunciados são construídos em função dos efeitos que queremos obter (Goffman, [1959] 2007 e Bakhtin, 2000), com esse fechamento, que repete fórmulas e posições amplamente veiculadas na mídia, Lula busca atingir um público amplo que lê jornais e revistas e assiste a programas políticos, e que já estaria convencido da suposta verdade dessas análises sobre os alegados bons resultados da política econômica de seu governo, mesmo que não esteja totalmente alinhado com ele. (O uso de fórmulas prontas tende a afastar o questionamento.) Ao mesmo tempo, Lula amplia sua construção identitária anterior, de líder com bom trânsito nas mais altas esferas políticas mundiais: é também o presidente competente e corajoso. E tudo isso com muito menos estudo do que Fernando Henrique!

Considerações finais

Mesmo enunciada de forma bem-humorada, a pergunta do jornalista a Lula traz em si a possibilidade de ameaça à face do presidente: as reclamações de Fernando Henrique quanto à indiferença de Lula parecem representar o atual presidente como alguém que não observa as regras de cortesia. Por isso, a primeira parte da resposta de Lula (linhas 9-25) será um trabalho de elaboração de face e negação de responsabilidade pela suposta descortesia.

Os primeiros enunciados falam em não misturar relações de amizade com relações políticas, e parecem construídos de forma a causar na plateia uma impressão positiva, independentemente de afiliações político-partidárias, pois a ideia de que é bom saber separar o público do privado é bastante consensual. Com isso, o presidente projeta a imagem de uma pessoa equilibrada. A seguir, culpa o ex-presidente, que “deu palpite o tempo inteiro”, pelo fato de não manterem mais nenhum contato. Para ratificar sua posição, Lula invoca a autoridade do ex-presidente norte-americano Bill Clinton, colocando em sua boca, através de narrativa com diálogo construído, uma censura implícita ao comportamento de Fernando Henrique. Nesse momento, Lula se projeta como um líder com bom trânsito nas mais altas esferas políticas mundiais. É uma construção identitária importante, porque coloca o ex-operário monoglota pelo menos no mesmo nível que o sociólogo poliglota. A partir daí (linhas 25-33), Lula parte para a comparação com Fernando Henrique. Diz que Fernando Henrique “é intelectualmente muito preparado”, mas não soube governar, enquanto ele, Lula, pode não ter estudo, mas sabe governar. Ao dizer que Fernando Henrique nunca “se conformou” com os sucessos que ele, Lula, alcançou no governo, parece sugerir que as atitudes críticas do ex-presidente decorram de inveja, sugestão que configuraria uma ameaça à face do

ex-presidente. No fechamento de sua resposta, Lula recorre a fórmulas consagradas na mídia especializada (“momento auspicioso”, “capital político”, “corta[r] na própria carne”) para se apresentar como presidente competente e corajoso e afirmar o êxito de sua política econômica como fato inconteste.

Entender a entrevista como uma interação conversacional, em que entrevistador e entrevistado participam ativamente da construção de identidades e sentidos, permitiu olhar para o par “pergunta e resposta” dessa entrevista como objeto de análise. Uma microanálise dos processos de construção discursiva de identidades e sentidos possibilitou a percepção de diferentes versões de mundo propostas na entrevista, o que possibilitou comparar essas versões com outras presentes na cena social e, assim, contribuir para o empreendimento coletivo de pensar a sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C. D. "Ethnomethodological analyses of interviews". In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *The handbook of interview research*. Thousand Oaks: SAGE, p. 777-795, 2001.
- BAKHTIN, M. "Os gêneros do discurso". In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007 [1959] [1975, tradução portuguesa].
- _____. "A elaboração da face". In: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Tradução de J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 76-114, 1980 [1967].
- _____. "Footing". In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, p. 107-148, 2002 [1979].
- GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. "Postmodern sensibilities". In: _____. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, p. 3-18, 2003.
- _____. "From the individual interview to the interview society". In: _____. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, p. 21-49, 2003.
- HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. "Active Interviewing". In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, p. 67-80, 2003.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. "Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes". In: *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, p. 169-192, 2006.
- SILVERMAN, D. *Interpreting qualitative data: Methods for analysing talk, text and interaction*. 2. ed. London: SAGE, 2001.
- TANNEN, D. *Talking Voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999 [1989].

CAPÍTULO 4

“Não tem formalidade nenhuma. Muito pelo contrário, é um prazer”: análise de hierarquias discursivas em uma entrevista de pesquisa qualitativa

Daniela Caldeira Bruno

Introdução

Neste estudo, empreendo um olhar investigativo sobre a entrevista utilizada na pesquisa qualitativa não apenas como técnica de gerar dados, mas também como uma oportunidade em que os participantes coconstroem versões e significados para o mundo em que estão inseridos e do qual fazem parte.

A investigação se volta para a entrevista propriamente dita. Proponho ser a entrevista *per se* entendida como um momento de comunicação face a face característico da pós-modernidade e os papéis interacionais dela decorrentes ricas fontes de análise (Mishler, 1986; Briggs, 2003; Gubrium & Holstein, 2003; Fontana, 2003; Atkinson & Steward, 2003; Glesne, 1999). A entrevista, sob uma ótica de análise linguístico-discursiva, evidencia as di-

mensões icônica e indexical da linguagem (Scholes 1966, 1980 *apud* Mishler, 1986), abrindo-nos portais para “o conhecimento social subjetivo e intersubjetivo e a construção ativa desse conhecimento pelos agentes humanos, o qual é produzido pela consciência humana” (Lincoln & Guba, 2003, p. 181).

Dentre esses portais de investigação social proporcionados pela análise de entrevistas, devoto, neste trabalho, especial atenção aos papéis assumidos pelos participantes de uma entrevista em particular, ou seja, ao trabalho de construção de identidades desenvolvido pelos interagentes, entrevistador/entrevistado, do evento discursivo ‘entrevista’.

Argumento que uma concepção tradicional e estruturada da entrevista reside, de alguma forma, mesmo em tempos de sensibilidades pós-modernas, nas concepções dos participantes da entrevista analisada. Segundo aquele modelo, os participantes da entrevista assumem papéis e atribuições definidos (entrevistador/entrevistado) no intuito de apreender fatos do mundo social e generalizá-los.

Aceitar esses papéis de forma tão pouco crítica limitaria o viés qualitativo que pretendo dedicar à análise. Entendo que o processo de reflexão crítica sobre o eu na função de pesquisador (Lincoln & Guba, 2003) deve ser exercitado; o eu deve ser buscado dentro dos processos de pesquisa propriamente ditos. Entender criticamente meu próprio eu de pesquisadora trará mais luz à análise que pretendo desenvolver, visto que o foco aqui é a interação entre entrevistado e pesquisadora. Acredito que o olho do observador faz o objeto.

Proponho, então, um olhar mais amplo e crítico acerca desses papéis, ao afirmar que as falas tanto da entrevistadora quanto do entrevistado, na entrevista em questão, permeiam diferentes contextos e, por isso, trazem, para o contexto situado da entrevista, discursos polifônicos

(Bakhtin, 1981) que conferem identidades flutuantes aos participantes da interação, possibilitando permutas hierárquicas aparentemente impossíveis, dadas as identidades institucionais dos participantes. Em tempo, a entrevista analisada neste trabalho se dá em um contexto institucional militar. Ambos os participantes são militares, sendo a entrevistadora hierarquicamente subordinada ao entrevistado. O teor da entrevista é a vida militar/profissional do entrevistado. Na interação analisada, “novas” identidades, que não as oferecidas pelas fardas, são construídas de forma tão substancial que, a meu ver, somam-se aos papéis sociais antes fortemente determinados, possibilitando “lutas” incomuns entre subordinado e superior decorrentes dos jogos de linguagem (Wittgenstein, 2005 [1953]) em que se engajam os interactantes.

O especial jogo de linguagem dos participantes da entrevista analisada, entendido igualmente sob um prisma icônico, traz à tona a discussão sobre os jogos de poder – *empowerment* (Mishler, 1986; Briggs, 2003; Gubrium & Holstein, 2003) –, incomuns no contexto institucional em que se dá a entrevista e ao qual seus participantes pertencem, a saber, uma unidade militar, envolvendo major e capitão.

A priori, não existe tensão envolvendo quem detém o poder entre militares, pelo menos no que diz respeito a postos hierárquicos, competências e à disciplina decorrente dessa condição. Os regulamentos preconizam superiores e subordinados, quem deve decidir, quem deve obedecer e quem pode assessorar a decisão. A situação de entrevista, porém, traz novidades para essa ordem, a serem demonstradas na análise. Sem que se quebre a hierarquia regulamentar inerente ao contexto militar, as identidades assumidas pelos participantes da interação em questão criam, porém, hierarquias de autoridade discursiva (Briggs, 2003), ilus-

trando a célebre frase de Górgias: “O discurso é um grande soberano que, com o mais diminuto e inaparente corpo, as mais divinas obras executa.”

Os dados analisados neste trabalho evidenciam que entrevistas são, sem dúvida, um exemplo de interação humana com todas as suas incertezas e flutuações, oferecendo novas identidades para seus participantes enquanto estes constroem sentido para os acontecimentos e para si próprios.

Breves ideias sobre pesquisa qualitativa

A convicção da abordagem que nós, pesquisadores, adotamos quanto ao paradigma de pesquisa desenvolvida é fundamental para que nossas vozes e os resultados de nossas pesquisas sejam legitimados, confiáveis e, conseqüentemente, mais úteis. Além disso, a forma como escolhemos abordar as questões, os métodos de pesquisa e de geração de dados que buscamos e selecionamos dizem muito sobre nossas perspectivas em relação à natureza da realidade, sobre nosso foco de interesse a respeito da existência do mundo, de como ele se nos apresenta, em suma, nossa maneira de compreender e analisar a realidade. Em outras palavras, o paradigma de pesquisa adotado é, antes de tudo, uma questão ontológica, que determina não apenas a abordagem ou os métodos de pesquisa que utilizamos, mas também os propósitos que abraçamos e os papéis que desempenhamos (nossas identidades).

Paradigmas são enquadres que determinam quais são as questões a serem investigadas, definindo teorias, explicações, métodos e técnicas para resolver tais questões. Comungo do pensamento de Kuhn (Glesne, 1999), quando argumenta que os dados e as observações em uma pesquisa são orientados pela teoria, ao passo que a teoria é orientada

pelo paradigma e os paradigmas são orientados histórica e culturalmente dentro de um campo axiológico. Não há como separar valores do processo de investigação (Lincoln & Guba, 2003, p. 177).

O presente estudo deve ser entendido como uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais de cunho interpretativista. Quando o que se quer é entender a dinâmica da vida social e das interações discursivas de determinada comunidade semiótica, a meu ver, esse é o paradigma adequado.

Dirijamos o foco do texto, neste momento, à pesquisa qualitativa, tomando sua escolha sob um foco ontológico e axiológico. Estamos cientes de que, ao interpretarmos o mundo sob as cores dessas perspectivas, o texto estará, sem dúvida, envolvido pelas dimensões filosóficas fundacionalistas básicas desse paradigma.

Os métodos qualitativos são geralmente embasados pelo paradigma interpretativista e pós-moderno, o qual busca compreender um mundo em que a realidade, fenômeno complexo e mutante, se constrói socialmente. A crença ontológica para os interpretativistas é a de que as realidades sociais são construídas por seus participantes em seus enquadres sociais. A fim de entender a natureza dessas realidades socialmente construídas, os pesquisadores interpretativistas interagem e conversam com os participantes dessa realidade a respeito de suas próprias percepções, sem tentar equacionar ou generalizar essas percepções e normatizá-las, mas, sim, com a declarada intenção de procurar a diversidade de perspectivas. A tarefa de pesquisa de um interpretativista consiste em entender e interpretar como os diferentes participantes de uma dada realidade constroem significados para o mundo que habitam. Para tanto, o pesquisador deve ter acesso a essas múltiplas perspectivas acerca dos eventos estudados. Aqui, o pesquisador torna-

se o principal instrumento de pesquisa ao observar, fazer perguntas e interagir com os participantes estudados. O interesse maior concentra-se no papel da subjetividade no processo de pesquisa. No entanto, o que não pode escapar ao investigador é que seu tema central será sempre a vida humana, a experiência humana da existência.

Independentemente das peculiaridades das diversas categorias de pesquisa qualitativa (cf. Tesch, 1990 apud Glesne, 1999), todas comungam de determinados pressupostos inerentes à pesquisa qualitativa interpretativista. Esses pressupostos abrigam-se dentro de dois posicionamentos mais amplos: por um lado, a tendência definida de natureza desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano; por outro, a rejeição da neutralidade do saber científico. Por certo, o enfoque interpretativista considera a realidade deveras complexa e que o que podemos entender e interpretar dela jamais será um retrato padronizado, pois seria impossível generalizar o infável. Assim, para fazer justiça a tamanha complexidade, o interpretativismo auxilia as coletividades a desvelar algumas das complexidades do sentido, evitando simplificar os fenômenos sociais e explorando, honrando e respeitando a diversidade dos comportamentos.

Face à característica permeável e flexível da pesquisa qualitativa, não devemos, todavia, entendê-la como uma disciplina sem rumo certo. A tarefa de estudar os fenômenos e aspectos de uma cultura, descrevendo-a para entender seus significados, não é simples, pois não existe nada mais complexo do que interpretar o comportamento humano. Não obstante, a validade de suas conquistas encontra-se na exatidão com que realiza a busca dos significados que determinadas condutas e organismos têm para com os indivíduos afetados direta ou indiretamente em suas decisões e em sua vida (Triviños, 1987). Essa preocupação

é condição fundamental para que a pesquisa qualitativa assuma seu caráter científico. Tal caráter científico é obtido ainda através de estratégias disciplinadas, conscientes e metódicas para gerar dados. Dentre essas estratégias, destacam-se aquelas igualmente utilizadas pelos diferentes ramos da pesquisa interpretativista: triangulação de dados, estratégias de observação participativa, entrevistas, estratégias de observação não participativa e estratégias de arquivo (*archival strategies*). O ramo das entrevistas, por exemplo, inclui galhos menores, como narrativas, biografias, jornalismo investigativo.

A entrevista foi a estratégia de geração de dados ontológica e axiologicamente escolhida por mim para entender a questão que trago em mente e que passo a expor a seguir.

Ideias iniciais sobre o conceito de entrevista

Não há dúvida de que vivemos em uma *Interview Society* (Silverman, 1997), na qual a opinião pessoal parece ter valor. Indivíduos ‘comuns’, considerados importantes elementos da população, são vistos como ricas fontes de conhecimento acerca de suas próprias experiências, tendo a chance de misturar seus pensamentos e sentimentos com a chamada ‘opinião pública’, construindo sentidos para a vida, sem que, para isso, necessitem de alguém com mais legitimidade social a falar por eles.

Em um processo de individualização da sociedade e do discurso (Gubrium & Holstein, 2003), a entrevista na pós-modernidade, ao buscar a opinião, os sentimentos e as ideias de cada um, tem democratizado a informação da experiência pessoal, antes produzindo (e não propriamente descobrindo) um conceito de *self* privado,

ao tentar, através de tecnologias de investigação decorrentes dessa prática discursiva, reunir informações sobre esse *self*.

De acordo com Silverman (1997), na *interview society* da qual somos parte, o *self* passa a ser objeto digno de ser narrado e, para tanto, armamos uma enorme ‘tecnologia confessional do *self*’. Observa-se que entrevistas podem acontecer conosco em todas as nossas interações sociais. Somos, a todo momento, capturados e envolvidos em situações de entrevistas formais ou não, ora perguntando e indagando – quer por curiosidade ou necessidade de informação –, ora respondendo, contando ou esclarecendo situações a nossos interactantes. Além disso, entrevistas de toda sorte e em todos os tipos imagináveis de enquadres, envolvendo uma gama incontável de participantes e assuntos, invadem nossa vida através da mídia. Vemos, lemos, ouvimos, comentamos e assistimos a entrevistas.

Assim, ao fazer parte dessa sociedade, tomo a entrevista como uma forma sistemática de gerar dados a serem usados na investigação social, como o fazem 90% das investigações em Ciências Sociais, segundo Briggs (1986). A entrevista será meu método de geração de dados em um processo de pesquisa acadêmica na busca pessoal e subjetiva de sentidos para as pessoas, suas experiências, sentimentos, pensamentos, alegrias e amarguras no mundo e no tempo em que vivemos.

Neste estudo, volto meu olhar qualitativo-interpretativista, descrito até então, para uma entrevista em particular, analisando-a sob o enfoque linguístico-discursivo e procurando entender especialmente a questão do ‘*empowerment*’ proveniente do sentido dos papéis sociais assumidos e combinados entre pesquisadora e entrevistado em interface com os papéis sociais legitimados pelo contexto institucional militar ao qual ambos os participantes pertencem – um major

(entrevistado) e uma capitão (pesquisadora) do Exército Brasileiro. Acredito que essa seja uma forma indutiva e descritiva de mostrar interesse pelo processo da pesquisa (e não apenas pelos resultados) e de buscar os significados que determinadas condutas e organismos (o evento da entrevista propriamente dito, por exemplo) têm para os indivíduos afetados direta ou indiretamente pela própria pesquisa.

Além disso, penso que, ao voltar meu olhar para uma entrevista, entendida como evento comunicativo e interacional típico da pós-modernidade, e incluindo a análise de minha própria participação nela, busco o conhecimento dos mecanismos de elaboração de significados dos mundos sociais, mentais e linguísticos habitados pelos indivíduos, não podendo o conhecimento ser separado do conhecedor, estando, sim, enraizado em suas designações linguísticas desse mundo (Polkinghorne, 1989, apud Lincoln & Guba, 2003, p. 180).

Na análise das falas em interação nesta entrevista, serão utilizados determinados conceitos centrais da Sociolinguística Interacional. Considerarei, em particular, como as noções de enquadre, de *footing* e de *face* (Goffman, 1974, 1967, 1981, 1985) são usadas nos jogos de poder que emergiram durante a interação estudada.

Para Goffman, não há envolvimento subjetivo em uma interação sem que este seja enquadrado pelos participantes do evento discursivo; ou seja, durante toda a interação, os interactantes interpretam os sentidos daquilo que é dito mediante a pergunta “O que está acontecendo aqui e agora?”. Um enquadre consiste em “princípios de organização que governam os eventos – pelos menos os eventos sociais – e nosso envolvimento subjetivo em tais eventos” (1974, p. 10), situando a metagemagem e permitindo que situemos o sentido implícito da mensagem como ação.

O conceito de enquadre foi expandido por Goffman. Uma mesma interação é continuamente reenquadrada pelos participantes, ou seja, as interações são compostas de múltiplos *footings* (Goffman, 1981). O *footing* consiste no alinhamento, na postura, na projeção do eu assumida e interpretada pelos envolvidos na interação e para com o conteúdo de suas falas em ação.

À luz de Goffman (1974, p. 5), o termo face pode ser definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente clama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico”. Dessa forma, o valor social que uma pessoa assume durante uma interação está relacionado com uma imagem social compartilhada pelos interactantes e que se pretende representar socialmente.

Assim, esses conceitos da Sociolinguística Interacional serão usados para o entendimento da relação ‘enquadre e poder’ construída entre os participantes da entrevista.

Os dados e o contexto de situação

Os dados a serem analisados foram extraídos de uma entrevista de aproximadamente uma hora gravada em áudio, em outubro de 2007. A entrevista ocorreu no ambiente de trabalho que compartilhamos, eu e meu entrevistado, um estabelecimento de ensino militar do Exército brasileiro. Preparei uma sala de aula para o encontro. Utilizei uma das mesas como apoio para os gravadores e posicionei duas cadeiras, uma de cada lado da mesa. O gravador permaneceu sobre a mesa, que, notei ao analisar os dados, parecia separar campos físicos e linguísticos. Penso ser relevante essa observação porque tal disposição do mobiliário foi notada pelo participante entrevistado e será tema de análise.

Tomamos parte, como interactantes da entrevista, eu (a pesquisadora) e um major de Infantaria do Exército brasileiro (o entrevistado). Ressalto, uma vez mais, que somos ambos militares e cabe aqui uma breve observação sobre a questão de hierarquias na Força. Este ponto será relevante no momento da análise, quando as questões do poder e da hierarquia da autoridade discursiva forem abordadas.

O Exército brasileiro é uma instituição federal alicerçada nos pilares da hierarquia e da disciplina, em que funções, competências e papéis institucionais são regulados mediante o grau hierárquico atingido por cada militar. Em outras palavras, cada posto ou patente habilita e possibilita o cumprimento de atribuições específicas, conforme os perfis profissiográficos¹ ditados pelo Estado Maior do Exército. Dessa forma, um major precede hierarquicamente um capitão, sendo este último seu subordinado, devendo-lhe obediência, lealdade e disciplina. Em nenhuma possibilidade um major estará subordinado a ordens e decisões de um capitão, cabendo ao capitão, porém, assessorá-lo na resolução de questões diversas. Mesmo assim, a palavra final será sempre do mais antigo.

Vivencio um grande dilema, como pesquisadora, sobre como definir e rotular esses interactantes, uma vez que, antes mesmo de a entrevista começar, devido a meu interesse analítico e com a autoridade que a condição de pesquisadora me permite, já imputo, arbitrária, porém conscientemente, identidades para esses interactantes, com influência direta sobre os entendimentos a que chegarei. Assim, os procedimentos de transcrição nada têm de neutros: são uma questão teórico-metodológica que deve ser

¹ O perfil profissiográfico é uma síntese das habilidades e competências, institucionalmente estabelecidas, que cada militar, de acordo com sua formação específica, deve demonstrar no desempenho de suas atividades conforme os objetivos e interesses do Exército brasileiro.

acompanhada de reflexão e consciência crítica (Duranti, 1997 apud Garcez, 2002, p. 85).

Além de capitão do Exército brasileiro, sou professora de inglês há muitos anos na Academia Militar das Agulhas Negras e no Instituto Militar de Engenharia. Na ocasião da entrevista, era uma doutoranda entusiasmada com sua pesquisa, ávida por gerar dados em sua primeira entrevista para uma pesquisa qualitativa em estudos da linguagem, após tantas leituras sobre o assunto.² Tenho em mim muitos 'eus', todos ativos, coconstruindo sentidos polifonicamente.

O mesmo ocorre em relação ao major que entrevisto. Convidei-o a colaborar com minha pesquisa porque imagino que suas vivências e experiências profissionais interessam à pesquisa de doutorado que realizo. Não ingenuamente, eu crio, em relação ao meu entrevistado, imagens acerca dessa experiência. Ele é um militar de infantaria com 25 anos de serviço, combatente, paraquedista, que já serviu na Brigada de Infantaria Paraquedista do Rio de Janeiro (contexto em que se dá minha pesquisa de doutorado). Além disso, por servirmos na mesma unidade, conhecemo-nos, temos uma relação cordial e, eventualmente, travamos conversas informais. Em uma ocasião, dei aulas particulares para ele, fato que nos aproximou em uma relação professora-aluno e que pode ter constituído o motivo maior para que eu desejasse entrevistá-lo. Enfim, levo para a entrevista inúmeras concepções sobre o entrevistado. Certamente, o major também leva para a entrevista suas concepções acerca de si próprio e de mim. Tais ideias estarão sempre colorindo nossos textos, moldando suas formas e significados.

Percebo também que os envolvidos na pesquisa trazem uma noção preconcebida do evento entrevista, tradi-

² Minha tese de doutorado, intitulada 'Brasil acima de tudo!'. Narrativa e construção de identidades: o combatente paraquedista do Exército Brasileiro, foi defendida em setembro de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio.

cionalmente caracterizado por relações assimétricas de poder. Segundo aquele modelo, o entrevistador, neutro, faz as perguntas, organiza, coordena, maneja e domina o rumo do texto produzido. O entrevistado, visto como um repositório de informações, submete-se e limita-se a responder passivamente, sendo, de certa forma, comandado pelo entrevistador.

Essas ideias imputam papéis e identidades para os envolvidos, hierarquizando-os. De maneira que, no modelo tradicional de entrevista, em que os papéis são claros e determinados, o major estaria subordinado ao capitão. Mesmo com as leituras que tenho acerca da entrevista na pesquisa qualitativa na pós-modernidade, o conceito tradicional de entrevista pode ter influenciado minha fala, arremetendo-me da condição imposta pela farda. A fala do major esteve igualmente matizada com essa ideia, como será demonstrado na análise.

Entendo, assim, que a questão dos participantes envolvidos na entrevista nada tem de simples. Há uma gama de visões competitivas dos sujeitos que se imaginam habitando o *self* dos participantes desse evento discursivo.

Quando expus ao major o teor de minha pesquisa de doutorado e pedi para entrevistá-lo, disse-lhe que minha intenção era ter uma conversa, 'bater um papo'. Quis também deixar implícito que não se tratava de uma interação formal ou austera. Acreditei que essas colocações motivariam uma atmosfera propícia a uma entrevista em que opiniões fossem democratizadas, sentidos fossem coconstruídos e um texto comum fosse produzido pelos participantes envolvidos.

Tenho consciência de que o texto produzido pelo major é moldado pelas imagens que ele traz e cria em relação ao destino dos dados, à análise que será realizada. Vemos que o modelo entrevista reproduz nossas interações ordiná-

rias; trata-se de uma interação humana com todas as suas incertezas (Glesne, 1999). Também nós, em uma interação qualquer, moldamos o teor do que dizemos conforme o enquadre em que nos encontramos; não dizemos qualquer coisa, em qualquer lugar, a qualquer pessoa.

Um ponto, no entanto, deve ser ressaltado: na entrevista que analiso aqui, os participantes são entendidos como sujeitos ativos, ambos responsáveis pela coconstrução de sentidos para o texto que tecem juntos, articulando interacionalmente versões para a realidade. Concebo entrevista, seguindo Mishler (1986), como uma obra interacional, e não como uma sequência de estímulos e respostas.

Os dados a seguir transcrevem o exato início da entrevista e seguem até a altura do turno 63, quando já há elementos suficientes para o foco da presente análise. A entrevista, porém, prossegue e será analisada sob outros vértices no decorrer de futuros trabalhos.

Análise de dados

O recorte da entrevista que ora analiso pode ser estudado por uma infinidade de ângulos e paradigmas. O conteúdo dessa entrevista traz memórias, opiniões e outras reflexões dos participantes, evidenciando os mundos sociais onde convivem os interactantes, o que seria campo interessante e fértil para análise. Meu foco, porém, recai sobre a dinâmica interacional construída entre entrevistador e entrevistado e os jogos de poder que emergem na tomada de turnos.

O recorte analisado encontra-se em anexo e foi por mim intitulado “Não há formalidade nenhuma. Muito pelo contrário, é um prazer”. Saliento que, em alguns momentos da análise, uso a terceira pessoa para me referir a mim mesma, no intuito de chamar a atenção para facetas

de minha própria identidade ressaltadas na entrevista – ora trazidas pelo posto que ocupo no Exército Brasileiro, ora pela própria condição de entrevistadora.

Assim como acontece em toda e qualquer entrevista, percebo, no recorte que analiso, que os participantes constroem seus posicionamentos mediante o gênero discursivo ‘entrevista’ e mediante o conteúdo de suas próprias enunciações. A entrevista “Não há formalidade nenhuma. Muito pelo contrário, é um prazer” é, usando o termo de Goffman (1981), constituída de múltiplos *footings*.

Analisando, a seguir, como os participantes da entrevista projetam seus “eus” através da atitude e da postura.

“Ok, tá gravando”

No turno 1, minha elocução **“Ok, tá gravando”** marca o início da entrevista e enquadra, a partir de então, as falas dos participantes, que passam a considerar o fato de estarem sendo gravados, moldando suas falas em função da possibilidade de sua recontextualização (Briggs, 2003, p. 246). A capitã, como pesquisadora, enquadra o entrevistado, o major. Esse enquadramento (Goffman) dificilmente aconteceria no dia a dia da caserna. O poder está com ela.

Identidade imputada pelo dispositivo do mobiliário

Logo em seguida (turno 2, ver fragmento a seguir), o major toma o turno e faz uma observação a respeito da disposição do mobiliário preparado para a entrevista, uma vez que eu havia salientado, no momento do convite para a entrevista, que aquela seria uma conversa sem formalidades. Percebo que o entrevistado impactou-se de alguma forma com a identidade que eu, como pesquisadora, lhe imputava

(aquele cuja fala será gravada). Ele a acatou, sorrindo gentilmente. O sentido construído por seu sorriso, a meu ver, tentava quebrar a imposição de identidade discursiva que a capitão-pesquisadora-entrevistadora lhe fazia, antes mesmo de lhe dizer qualquer coisa. O poder está com ela.

Turno	Falante	Fala
1	capitão	°ok, tá gravando°
2	major	mesmo que a gente:: não tivesse de fazer um::, um trabalho assim, de::, de ter uma conversa <u>normal</u> , né?
3	capitão	ham, ham
4	major	o próprio dispositivo aqui já favorece, a::, a::, um tipo de depoimento a::, a::, de entrevista a::, a::

“Eu quero uma conversa”

Eu, a pesquisadora, tomo o turno (turno 5, ver abaixo), retribuo o riso, alinhando-me com o enquadre sugerido pelo major, e tento reiterar o clima informal que havia ‘prometido’ ao entrevistado. Faço-o, porém, evidenciando, demarcando e hierarquizando minha posição de estudiosa do assunto, identificando-me como pesquisadora. Outra observação importante que denota poder em minha fala é a escolha léxico-gramatical “quero” (turnos 5 e 9), sem modalizações ou harmonizadores, denotando também autoridade discursiva ao moldar o enquadre do evento. No turno 13, eu, a capitão, investida da identidade de pesquisadora, faço, inclusive, uma avaliação a respeito da observação do major, elogiando-o. Essa é outra marca do *footing* de meu domínio discursivo.

Observo ainda que o entrevistado consegue apenas fazer pequenos e breves apartes entremeados com minha fala, concordando com minhas explicações de pesquisadora, uma vez que detenho ininterruptamente o fluxo da interação. O poder está com ela.

Turno	Falante	Fala
5	capitão	a::, a::,(.) pois é ... eu tenho estudado muito sobre isso ... como preparar a entrevista para não parecer uma entrevista... porque o que eu quero na verdade... >eu não quero uma entrevista< ... eu com perguntas pré [pautadas e o
6	major	[i::sso]
7	capitão	[senhor só respondendo]... [só respondendo]
8	major	[claro]
9	capitão	[eu quero] uma conversa ... eu até... esquematizei umas perguntas, alguns pontos que eu quero tocar=
10	major	=isso=
11	capitão	=mas eu gostaria que fluísse como se fosse uma conversa=
12	major	É
13	capitão	= o senhor reparou bem haha ()

“Mas não tem importância não”

Prosseguindo a interação, o entrevistado sugere uma nova disposição para o mobiliário, a fim de favorecer a informalidade buscada pela pesquisadora (turno 14, ver abaixo). Tal sugestão confere a ele poder de julgamento acerca da identidade de estudiosa construída pela pesquisadora. O ato de criticar e sugerir mudança implica a tomada de poder discursivo pelo major. O major equaciona as hierarquias com essa fala. A capitão/pesquisadora concorda, alinhando-se com ele (turno 17).

No turno 18 (“mas não tem importância não”), o major faz avaliações, ‘desculpando’ a pesquisadora, fazendo uso, inclusive, de um tom de voz mais baixo e carinhoso, rindo, ‘tratando com afeição o subordinado’, como reza o regulamento da Força. Essa é, a meu ver, outra demonstração de poder. O poder está com ele.

Turno	Falante	Fala
14	major	de repente, ↑de repente aquele dispositivo (.) estilo jornal matinal né? da globo (.)
15	capitão	Ham
16	major	>todo mundo em poltronas< haha
17	capitão	é, é fica menos forma::l né?
18	major	é dá um ar menos formal ... exato ... mas °não tem importância não° (.) isso aí, (.) não há formalidade nenhuma >muito pelo con- trário<, é um prazer

Resposta sem pergunta?

No prosseguimento do turno 18, sem passar o turno e sem que lhe seja perguntado algo, o major inicia uma fala acerca de sua preparação profissional na escola de formação, a AMAN. Uma fala longa, por vezes incentivada com algum sinal linguístico ou paralinguístico da pesquisadora. Em sua fala, traz seus conhecimentos profissionais específicos, denotando assimetria de conhecimento e construindo-o como o expert no assunto. O poder discursivo parece ser todo do major. Ele escolhe os temas sobre os quais deseja falar e determina o encadeamento de suas ideias.

No entanto, não fosse a ausência de uma pergunta, essa fala pareceria uma resposta. Assim, percebo que, por outro lado, o entrevistado, submetido por tal condição identitária situada, parece impor-se à fala, como se a entrevista o impelisse a tanto, produzindo o exato tipo de informação que o participante acredita o gênero discursivo requerer, estando as relações de poder abarcadas no texto (Briggs, 2003, p. 243).

Ao longo de sua fala, o entrevistado atua como um participante ativo, uma pessoa que constrói sentidos para suas vivências, mostrando-se o 'dono' dos detalhes de sua experiência de vida ao oferecê-las como material de pesquisa à entrevistadora, realmente moldando as informações (logicamente, mediante as contingências interacionais colaborativas construídas pelos participantes). O major se

mostra ainda um participante ativo ao justapor experiências de toda sorte, construindo um sentido para o todo de sua fala, transformando-a em conhecimento a ser inclusive utilizado para pesquisa. Sua fala denota poder. O poder está com ele. Segundo Mishler (1986, p. 117), o “entrevistado que ‘possui’ sua própria história é visto como aquele que sabe o que o pesquisador procura conhecer. Ao darmos a oportunidade para o entrevistado relatar tais histórias, estamos, na verdade, investindo-o de poder”.

Perguntas com respostas

Até o turno 39, o major deteve o fluxo discursivo, desenvolvendo e expondo suas experiências e conhecimentos profissionais. O teor de sua fala não era, porém, alvo do interesse direto da pesquisadora. Quando convidei o major para a entrevista, eu estava particularmente interessada nas histórias e narrativas que ele pudesse me trazer acerca de sua vivência na Brigada de Infantaria Paraquedista do Rio de Janeiro, contexto no qual desenvolvia minha tese de doutorado. O major desencadeou sua fala, porém, empoderado pela identidade de entrevistado ativo, abordando outro assunto, sem que eu tivesse a chance de lhe perguntar algo mais específico e encaminhar a conversa para o contexto desejado. Esperei, assim, o momento adequado para lhe dirigir uma pergunta que abrisse o portal para a Brigada de Infantaria Paraquedista. Essa oportunidade aparece apenas no turno 39 (ver abaixo), quando o major cita o curso de paraquedismo do Exército. Note-se que, no turno 40, a pesquisadora introduz uma pergunta que quebra abruptamente o fluxo da fala do major. Inicia-se uma série de trocas de turnos breves, caracterizada por perguntas e respostas curtas e objetivas, fazendo lembrar uma entrevista tradicional. Assim, um novo enquadre é construído e a entrevistadora toma o poder na hierarquia discursiva, na tentativa de angariar os dados que havia imaginado. O poder está com ela.

Turno	Falante	Fala
39	major	é natural que você prepare cadetes de infantaria...voltados pra área operacional...é bom seria se no exército todos os tenentes de infantaria tivessem curso de guerra na selva, forças especiais, paraquedista, >fossem todos de uma linha operacional de alguma maneira<
40	capitão	e, e o senhor tem quanto tempo de serviço? [vinte e:: ?]
41	major	[vou fazer vinte e cinco] o ano que vem
42	capitão	vinte e cinco
43	major	é ... [em fevereiro, vinte e cinco]
44	capitão	[aí o senhor saiu da AMA::N] em que ano?
45	major	oitenta e nove -
46	capitão	>oitenta e nove<... e o curso de paraquedista, o senhor fez quando?
47	major	fiz em janeiro de noventa--
48	capitão	logo depois [que o senhor saiu da AMAN]
49	major	[é, é]
50	capitão	e, e o senhor serviu na brigada logo depois disso?
51	major	servi:: a partir de:: do meio do ano de noventa e um... fiquei um ano e meio no vale do paraíba em caçapava e depois fui pra brigada =
52	capitão	= e por que o senhor escolheu ir pra brigada?
53	major	ta::va ainda:: naquele momento ... nessa hora você ... é...você tá realmente ... magnetizado por essa coisa ... por essa conquista... se você perguntar pra mim =
54	capitão	= a conquista do <u>curso</u> , de fazer o <u>curso</u> , de passar pela área de estágio?

Fogo cruzado interacional

No turno 53, o major inicia uma resposta à pergunta elaborada no turno 52. Ele tenta formular uma resposta e, fazendo vários reparos, denota hesitação. Não há uma

resposta direta e objetiva para a pergunta. Ele faz menção de que vai iniciar uma narrativa, falar sobre um episódio do filme *Tropa de Elite*.³ Para tanto, elabora a pergunta “Você viu *Tropa de Elite*?”, quebrando o ritmo de indagações intermitentes que a pesquisadora ‘metralhava’ em sua direção. Agora quem pergunta é ele.

Turno	Falante	Fala
52	capitão	= e por que o senhor escolheu ir pra brigada?
53	Major	Ta::va ainda:: naquele momento (.) nessa hora você (.) é (.) você tá realmente (.) magnetizado por essa coisa (.) por essa conquista (.) se você perguntar pra mim=
54	capitão	=a conquista do <u>curso</u> , de [fazer o <u>curso</u> , de passar pela área de estágio?]
55	major	[é, é você (.)]>é uma coisa engraçada< (.) porque (.) a influência que isso exerce né (.) >o produto final ele é muito bom< mas (.) você acaba (.) >você viu tropa de elite?
56	capitão	Não, não vi ainda não =
57	major	=não viu, não viu (.), pois é (.) tem uma fase do curso que o:: na:: na::=

No turno 55, a pesquisadora ‘confessa’ não ter visto o filme, o que a submete ao conhecimento do major. Ele, mais uma vez, evidencia saber fatos que ela não sabe. No turno 57, em uma elocução contígua, enunciada sem pausa em relação à fala da pesquisadora, o entrevistado parece regozijar-se, pela entoação e pelo aumento do volume de sua fala, com a retomada do poder discursivo. O poder está com ele.

³ O filme *Tropa de Elite* (2007, Direção: José Padilha, Produção: José Padilha; Marcos Prado) retrata o dia a dia de um capitão do BOPE (Batalhão de Operações Especiais) no Rio de Janeiro.

A pesquisadora, porém, ‘saca nova arma’ no turno 58, evidenciando o conhecimento de outro filme, recém-lançado. Ela interrompe o turno do entrevistado e lhe dirige uma nova pergunta. Dessa vez, é ela quem evidencia um conhecimento que ele não compartilha. No turno 60, a pesquisadora desenvolve uma fala explicativa, ratificando seu conhecimento. Nos turnos 59, 61 e 63, o entrevistado faz avaliações positivas sobre o conteúdo da fala da pesquisadora. O poder está com ela.

Turno	Falante	Fala
58	capitão	=lançaram um dos pqd's agora o senhor viu? Também na::, na::, no festival do rio.
59	major	[não ... não... puxa que ↑ legal
60	capitão	[chama brigada o filme... o diretor do filme chama guilherme coelho... eu já até entrei em contato por email com ele ... eu quero uma cópia, quero conversar com ele e tal. Ele filmou um ano e meio ↑ na brigada .. ele ta mostrando a ↑ vida ... do:: ↑ militar na brigada
61	major	↑ caraca, (.) cara::, muito bacana =
62	capitão	= muito bacana =
63	major	= muito bacana mesmo, >eu vou ver, vou correr atrás disso daí< (.) a::, então, é:: tem uma parte do filme, quando os dois aspirantes lá (.) os dois tenentes vão se inscrever no curso, eles estavam ali numa situação de rotina, que não era o que eles queriam, eles não tinham se formado pra'quilo (.) muita burocracia e tal (.) aí, eles queriam ação, né? Aí um deles viu a parte do BOPE lá (.) e foi (.) “puxa, como é que eu faço pra me inscrever nisso aí?” “Não, procura tal”, não sei que (.), aí o narrador do filme comenta né, “é:: (.) o fulaninho sabia o que tava fazendo, o outro (.) não”, tipo assim, o outro foi na onda ...

“mas então ((como eu estava dizendo...))”

Nos turnos 61, 62 e 63, ao avaliarem de forma positiva a nova informação trazida pela pesquisadora (muito bacana), os participantes se alinham. O major classifica a colocação da capitão como “muito bacana” e utiliza até mesmo gírias que denotam surpresa (“caraca cara”). A pesquisadora repete as palavras avaliativas do entrevistado no turno 62, não acrescentando nenhuma outra informação. Esse é o sinal interacional para o entrevistado prosseguir sua fala, retomando a narrativa que pretendia iniciar logo após o turno 55. Porém, antes disso ainda, o major repete uma vez mais a avaliação “muito bacana mesmo” e acrescenta, numa elocução que denota preocupação com a face (Goffman, 1967) de sua interactante, demonstrando atenção e consideração: “eu vou ver, vou correr atrás disso daí”. Tal fala é enunciada em um ritmo mais acelerado, o que se explica pelos marcadores discursivos “então” e “é::”, sinalizando que a fala interrompida no turno 57 será retomada e que o entrevistado respeitou a interrupção de sua fala, mas manteve-se focado em sua intenção de narrar. O poder está com ele.

Percebo que o poder circula democraticamente entre os participantes do evento discursivo. Chamo a atenção para o fato de que, em nenhum momento, a situação da pesquisa pôs em risco a hierarquia institucionalmente preconizada. De fato, o que percebi foi uma luta e certo afã em interagir que, este sim, não levou em consideração o poder de patentes ou de papéis interacionais preestabelecidos.

Recorto aqui a análise por julgar ter demonstrado suficientemente o jogo interacional de hierarquia de autoridades discursivas estabelecido entre os participantes da entrevista. Esta, no entanto, prossegue, suscitando em mim, analista do discurso, ricas motivações na busca pelo

entendimento do *self*, da coconstrução de sentidos, da coconstrução da realidade.

Entendimentos

À luz de Mishler (1986); Briggs (2003); Gubrium & Holstein (2003); Fontana, (2003); Atkinson & Steward, (2003) e Glesne, (1999), considero que a entrevista, em tempos de pós-modernidade, constitui um momento interativo no qual se coconstroem realidades e subjetividades identitárias. Analisar o evento discursivo entrevista possibilita entendimentos acerca do sentido construído para o social e para as pessoas que o constituem. Entendo, assim, a língua como semiótica social (Halliday & Hassan, 1985; Scholes, 1980; Mishler, 1986) que nos oferece caminhos de entendimento para as inter-relações das quais somos parte e que constroem sentidos para o mundo.

A entrevista como metodologia de gerar dados em pesquisa qualitativa foi o foco deste trabalho. Dediquei-me à análise do recorte de uma entrevista realizada no processo de pesquisa para minha tese de doutorado. O foco da análise voltou-se para o entendimento dos jogos de linguagem dos interactantes na construção de relações de hierarquias discursivas em uma perspectiva discursivo-analítica que explora as dimensões textuais e contextuais da produção, da circulação e da interpretação das falas da entrevista.

Argumento que os papéis assumidos pelos participantes da entrevista em questão os constituem como sujeitos ativos perante o evento, coconstruindo sentidos para suas falas, expressando opiniões, narrando vivências e experiências. Ao analisar minha própria participação na entrevista, ofereço uma reflexão sobre o processo de pesquisa qualitativa, exercitando o pensamento crítico acerca do paradigma de pesquisa adotado.

Briggs (2003), sustentando suas colocações em Bourdieu ([1972] 1979), sugere que as entrevistas criam, ao mesmo tempo que sustentam, as relações de poder das sociedades modernas de diversas maneiras ao produzirem representações da vida social que são, profunda e disfarçadamente, alimentadas pelas relações de classes e por oferecer modelos de indivíduos que se encaixam às mais diferentes formas de competência que os posicionarão diante das instituições. Assim, entendo que o gênero entrevista, visto sob o prisma das sensibilidades pós-modernas, possibilita uma flutuação das identidades dos participantes que, ao trazerem vozes de outros contextos para suas falas, empoderam-se mediante os conhecimentos que evidenciam.

A situação de entrevistadora investiu-me de um poder interacional em relação ao major entrevistado, que, como capitão, eu não tinha. Por outro lado, o major tampouco se sentiu submetido às minhas perguntas, sugerindo temas, fazendo-me perguntas e evidenciando já ter o que me dizer antes mesmo que eu lhe dirigisse alguma pergunta. A hierarquia da autoridade discursiva é a que conta aqui. Um jogo de poder foi armado e jogado pelos participantes, sem que fosse quebrada a hierarquia militar.

Para fundamentar esta questão, recorro mais uma vez a Briggs ao aplicar as perspectivas de Bourdieu e Foucault em suas análises de poder em entrevistas. É a circulação do discurso entre uma variedade de contextos institucionais que imbui as entrevistas do poder de dar forma à vida contemporânea. Na entrevista analisada, não representamos apenas o major e a capitão, nem enunciamos somente o discurso da instituição Exército brasileiro. No que me toca, trago também para o contexto situado da entrevista as vozes de pesquisadora, linguista, leitora,

cinéfila, mulher, que fluem dos outros contextos sociais por onde circulo. O mesmo ocorre com o major. Ele traz para a entrevista vozes de outros contextos nos quais igualmente convive.

Vejo esta entrevista, então, como um acertado exemplo das interações em que nos engajamos no dia a dia. A entrevista é mais uma forma de interação, com suas peculiaridades e particularidades, mais uma situação interacional em que sentidos e identidades são sócio-construídos e o mundo é inventado.

A metodologia de pesquisa por mim adotada é a pesquisa qualitativa de cunho interpretativista. No que tange a essa metodologia, penso ter deixado claro que, para pesquisar, é necessário assumirmos identidades. É preciso saber os paradigmas que envolvem o tipo de pesquisa que realizamos. O perfil ontológico assumido norteará os entendimentos e as interpretações do investigador, o qual, por sua vez, estará atuando e colaborando com o processo vital de interpretar e construir o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON P.; COFFEY, A. "Revisiting the Relationship between Participant Observation and Interviewing". In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Título original: *Estetika Slovesnogo Tvortchestva*. [1979.]
- BOURDIEU, P. *Public Opinion Does Not Exist. Communication and Class Struggle*. New York: International General, v. 1, 1979 [1972].
- BRIGGS, C. L. "Interviewing, Power/Knowledge, and Social Inequality". In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FONTANA, A. "Postmodern Trends in Interviewing". In: GUBRIUM F. J.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- GARCEZ, P. M. "Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena". In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS L. C. (orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado da Letras, 2002.
- GLESNE, C. *Becoming Qualitative Researchers: An Introduction*. London: Longman, 1999.
- GOFFMAN, E. "A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social". In: Figueira, S. (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1967, p. 76-114.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985 [1959].

_____. *Interactional Ritual: Essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

_____. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974.

_____. "Footing". In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1981].

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. "From the Individual Interview to the Interview Society". In: _____. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, H. *Language, context, and text: aspects of the language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

_____. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold Publishers, 1978.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. Active Interviewing. In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (orgs.). *Postmodern Interviewing*. Thousand Oaks: SAGE, 2003.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. "Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes". In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.; et alli. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006 [2003].

MISHLER, E. *Research Interviewing. Context and Narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data. Methods for analyzing talk, text and interaction*. 2. ed. London: SAGE, 2001.

SCHOLES, R. "Afterthoughts in Narrative: Language, Narrative, and Anti-Narrative". In: *Critical Inquiry*, n. 7, 1980, p. 204-212.

_____; KELLOGG, R. *The Nature of Narrative*. New York: Oxford University Press, 1966.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

WITTGENSTEIN, L. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CAPÍTULO 5

A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo

Sonia Isabel Fabris Campos

Introdução

O presente estudo traz a análise de uma entrevista realizada em uma escola pública da zona sul do Rio de Janeiro, que teve por objetivo levantar histórias de violência familiar na fala de profissionais de educação, mais especificamente de duas orientadoras educacionais da rede pública de ensino. A análise visa observar a interação entre as participantes (as professoras entrevistadas e a entrevistadora), considerando a posição agentiva das entrevistadas nesse modelo de entrevista. Busca-se compreender a percepção das educadoras sobre o problema da violência na família e as ações desencadeadas na escola. Observa-se também o modo como as educadoras representam seus *selves* profissionais, os posicionamentos que assumem e o modo como posicionam seus personagens, tendo em vista o contexto narrativo e sua audiência projetada, que influenciam o que escolhem dizer e como o fazem.

Subjaz a essa análise a noção de voz de Bakhtin, assim como a de Mishler (1986, 2002), que chama a atenção para o potencial que as interações verbais têm de promover a agentividade do falante (Mishler, 1989; Gubrium & Holstein, 2003). Apresento uma visão da entrevista como um método de geração de dados que propicia a produção de narrativas por meio das quais os falantes coconstruem significados sobre o mundo social. Quando narram, empenham-se em projetar seus *selves* de modo favorável, tendo em vista sua audiência, e assumem posicionamentos, por meio dos quais constroem identidades sociais e profissionais. Essas identidades desempenhadas (Moita Lopes, 2003, 2006; Bastos, 2005, 2008; Riessman, 2001) são influenciadas pelas relações de poder que estão em jogo nas práticas discursivas das quais participam.

Entrevistas

Entrevistas são atividades de fala, ou seja, discursos coconstruídos entre entrevistado e entrevistador (Mishler, 1986), que agem no evento discursivo negociando e compartilhando significados. Por essa razão, “análises e interpretação de entrevistas são baseadas em uma teoria de discurso e significado” (Mishler, 1986, p. 66). De acordo com Gubrium & Holstein (2003), a entrevista tem o potencial de tornar acessíveis as subjetividades, os contextos sociais, as crenças que ela permite emergir. Essa visão contribui para a mudança de paradigma na prática da entrevista, tradicionalmente centrada no entrevistador, o qual tinha por finalidade buscar respostas a questões previamente estabelecidas. Essa visão decorre da crença de que há significados a serem descobertos, que são de propriedade do falante. O entrevistador é, desse ponto de vista, alguém que busca extrair o conhecimento, as opiniões e as visões que supõe

residirem no entrevistado. Para isso, ele deve ter em mente algumas condições ideais que permitem que relatos autênticos e corretos sejam produzidos pelo respondente. Deve, assim, coletar o que ‘está lá’, buscando não influenciar o respondente. Nesse sentido, precisa manter uma posição de neutralidade, assumindo a posição de facilitador. O entrevistado, por sua vez, é percebido como se fosse um recipiente de informações às quais o entrevistador terá acesso se utilizar a técnica adequada. Essa visão pressupõe que há uma verdade a ser revelada pelo entrevistado.

Para contestar essa visão, estudiosos do discurso da vida contemporânea assumem uma posição oposta. Segundo eles, a entrevista não é, necessariamente, um encontro assimétrico no qual o entrevistador conduz, sozinho, os acontecimentos, fazendo com que o entrevistado responda apenas passivamente às perguntas que lhe são feitas. Diferentemente dessa tradição, na contemporaneidade a entrevista é entendida como um evento discursivo com natureza dinâmica, dialógica e imprevisível. Desse ponto de vista, o entrevistador não tem poder sobre o que é dito, nem sobre como é dito, uma vez que “o valor dos dados de uma entrevista reside [...] em como os significados são construídos” (Gubrium & Holstein, 2003, p. 33) por todos os participantes, tendo em vista as posições que ocupam no processo.

De acordo com Mishler (1986, 1999), a entrevista é um evento interacional no qual os participantes engajam-se em atividades de fala, monitorando, mutuamente, as falas uns dos outros e construindo significados, em conjunto, independentemente das posições de simetria-assimetria que ocupam. Entrevistadores e entrevistados, constantemente, reformulam suas perguntas e respostas com base no entendimento recíproco dos significados que emergem durante a interação. Segundo Mishler, toda contribuição do

falante é plena de significados. Gestos, sons, interjeições e expressões como “hum hum” podem indicar que o falante está acompanhando ou concordando com o que está sendo dito. Indicam também que o ouvinte está impaciente, desinteressado ou, dependendo da entonação usada, significam desprezo ou sarcasmo. Assim, para que uma expressão ou enunciação seja interpretada, é preciso levar em conta todos os aspectos daquele contexto: quem são as pessoas, onde estão, como estão posicionadas e como constroem suas representações no evento. Ainda assim, diferentes pessoas poderão atribuir diferentes significados às enunciações e às ações dos participantes da entrevista. Durante sua realização, entrevistado e entrevistador realizam diversas atividades, como, por exemplo, sinalizar um para o outro as trocas de turno, o que lhes permite manter a interação em andamento e monitorar as impressões que causam um sobre o outro.

Em uma entrevista, entrevistador e respondente agem colaborativamente. O ouvinte é ativo. Ele é coautor do relato (Bakhtin, 1999 [1929]). Ainda que escolha apenas ouvir, sua presença influencia o falante em relação ao que diz e à forma como diz. Isso porque os eventos discursivos são uma empreitada coletiva, ou seja, são realizados em um processo colaborativo, tendo em vista o outro com quem interagimos. Este, por sua vez, pode ser alguém fisicamente presente (o entrevistador, por exemplo) ou um ‘interlocutor pressuposto’ (Bakhtin, 1999 [1929]), ou seja, um interlocutor que o falante tem em mente. Assim, na entrevista realizada com as educadoras, elas tanto podem construir suas falas tendo em vista a audiência imediata, ou seja, a entrevistadora, como também uma audiência projetada: a escola, os pais, os colegas, as crenças às quais devem ater-se, representadas pelas instituições e pela visão do senso comum, ou, até mesmo, nes-

se caso, a comunidade acadêmica, que se faz representar pela pesquisadora.

A sociedade da entrevista

A entrevista tornou-se uma prática difundida na contemporaneidade. As novas tecnologias, o advento da mídia, os modos de construção de conhecimento dependem muito de se ouvir o que as pessoas de todos os setores da sociedade têm a dizer. Isso, de certa forma, resultou naquilo que é chamado de indústria da entrevista. Silverman (1993) utiliza a expressão “sociedade da entrevista” para designar este momento sócio-histórico que vivemos, em que o mundo social é construído pelas opiniões pessoais, opiniões que se tornaram centrais na construção de sentido de nossa vida. Entrevistas são o meio pelo qual as pessoas tornam públicas suas experiências, e não só as entrevistas individuais ocupam lugar de importância, como também as entrevistas em grupo frequentemente são utilizadas com o objetivo de se conhecerem as necessidades e as formas de lidar com diferentes grupos sociais (por exemplo, grupos de consumidores ou de expectadores que opinem sobre finais de filmes, novelas etc.).

Para Silverman, a sociedade da entrevista pressupõe três condições. A primeira é a emergência do ‘*self*’ na narração, já que essa sociedade acredita que o indivíduo tem algo a dizer. A segunda condição é a necessidade de um aparato de coleta de informação que Silverman chama de ‘tecnologia do confessional’, um meio prático de garantir o derivado comunicativo da “confissão”. A terceira e última condição é a de que deve haver, nessa sociedade, uma tecnologia de massa prontamente acessível, ou seja, todos devem estar familiarizados com os objetivos e a condução de uma entrevista. Segundo o autor, as propriedades con-

fissionais da entrevista permitem aprofundar a construção da subjetividade, isto é, na sociedade da entrevista há um impulso romântico de se conhecer o sujeito individual como ele realmente seria. Gubrium & Holstein concordam que a entrevista “é agora um aspecto constitutivo e integral da nossa vida cotidiana” (2003, p. 29). Contudo, ela não deve ser tratada como um procedimento de pesquisa apenas, uma vez que não é simplesmente um meio utilizado para se obterem informações sobre quem e o que somos; ao contrário, ela produz quem somos nós. Assim, desse ponto de vista, a entrevista “é um local de construção de sentido” onde “os participantes constroem versões da realidade, interacionalmente, ao invés de meramente fornecerem dados” (Gubrium & Holstein, 2003, p. 32). Isso reflete “a visão crescente do caráter constitutivo de interação social e do papel construtivo de sujeitos ativos, autores de suas experiências” (idem). Nesse sentido, vale dizer que

o ambiente social onde a entrevista acontece modifica não só o que a pessoa ousa dizer, mas até mesmo o que ela pensa e o que ela escolhe dizer. Essas variações não podem ser vistas como desvios da verdadeira opinião do falante, pois não há nenhuma situação neutra, não social e que não é passível de influência que possa servir de base (Gubrium & Holstein, 2003, p. 32).

Além disso, Gubrium & Holstein (2003) enfatizam que o sujeito por trás de um respondente em uma entrevista não é único, predeterminado ou verdadeiro, tampouco tem a posse prévia de uma história. As subjetividades e as histórias são realizadas no ato da narração. As histórias e as subjetividades são, portanto, realizadas em determinado momento, em determinada narração (Silverman, 1987, 1993; Atkinson & Silverman, 1997; Gubrium & Holstein,

2003). Portanto, de acordo com esse pensamento, sempre que nosso objeto de análise forem pessoas, comportamentos, crenças e identidades, não nos será possível atribuir, às impressões sobre o que ouvimos, sentidos de permanência, de essência ou de replicabilidade. Tampouco podemos produzir certezas, a respeito de quem narra ou do contexto social narrado, que possam ser transpostas para outros eventos ou contextos. Desse modo, o que Gubrium & Holstein (2003) e Atkinson & Silverman (1997) propõem é que, ao pretender compreender certo fenômeno social discursivamente construído, o pesquisador deve olhar para seu objeto de estudo como algo que merece reflexão e sobre o qual algumas perguntas devem ser lançadas. Convém, portanto, que o investigador assuma uma posição filosófica, baseada na dúvida e na necessidade de conhecer. Se seu instrumento de geração de dados for a entrevista, é preciso que ele a conduza de tal modo que o entrevistado possa assumir uma posição agentiva, uma vez que o que ocorre durante esse evento discursivo resulta da participação ativa de ambos, entrevistado e entrevistador.

De acordo com Gubrium & Holstein (2003, p. 26), se “desejamos saber como é o mundo social, nós agora perguntamos aos seus habitantes individuais”. Isso porque as entrevistas possibilitam que as pessoas falem por si próprias e que expressem suas opiniões, vontades, crenças etc. Em vez de serem representadas por um intermediador, ou seja, alguém considerado qualificado para falar pelas pessoas, elas podem entrar em cena e fazer-se ouvir. Assim, “a entrevista individual em uma escala pessoal e as pesquisas de opinião social servem como agentes de democratização, que contribuem para dar voz aos indivíduos e formular opinião pública” (Gubrium & Holstein, 2003, p. 26). Todavia, conforme argumenta Mishler (1986), para que uma pessoa tenha ‘voz’, não basta que ela fale; é preciso que o

outro se interesse por aquilo que ela tem a dizer. Ouvir é, portanto, ratificar o outro.

A voz do entrevistado

Segundo Mishler (1986, 1999), o entrevistador deve planejar a entrevista de forma a tornar presente a ‘voz’ do entrevistado e permitir ao falante produzir narrativas ao relatar suas experiências. Há estratégias que o entrevistador pode utilizar com a finalidade de criar condições para que histórias surjam durante a entrevista. Ele pode, por exemplo, interpelar, dizendo: “E, aí, o que aconteceu?” Assim, o falante é incentivado a relatar sua experiência, estruturando os eventos em forma de enredos, temas e formas de caracterização. Desse modo, o pesquisador, no processo de entrevista, deixa em aberto o caminho para que o respondente fale de suas experiências e o faça ‘em seus próprios termos’, restringindo, assim, o controle do entrevistador. Essa tentativa visa “empoderar” o respondente, dando-lhe condições para que fale com sua “própria voz” (Mishler, 1989, p. 119). O entrevistador deve criar condições para que o respondente fale sobre suas experiências e expresse o modo como interpreta o mundo social, fazendo suas escolhas. Ele é, desse ponto de vista, responsável por permitir a expressão do entrevistado, que, por sua vez, pode, igualmente, conquistar essa posição. A entrevista é uma empreitada em que ambos, entrevistado e entrevistador, têm posição agentiva. Suas ações e escolhas não são livres ou neutras. Elas são influenciadas e reguladas pelo contexto da interação, que inclui o contexto social macro: escolhem o que dizer, como dizer, tendo em vista para quem e onde falam.

Ao contrário do modelo de entrevista em que as relações são preponderantemente assimétricas, cabendo ao entrevistador manter o controle sobre o entrevistado, os

formatos e as contingências de realização das entrevistas de empoderamento oferecem ao respondente posição de maior poder, reduzindo – ou, em alguns casos, até mesmo extinguindo – as assimetrias presentes nas posições tradicionais de entrevistador e entrevistado, uma vez que ambos os participantes podem alternar suas posições. Além disso, a agenda do entrevistador não é conclusiva ou fechada. Há uma constante negociação entre o respondente e o entrevistador, e ambos têm como tarefa produzir significados de forma colaborativa. Ademais, a condução da entrevista também seguirá diferentes cursos, dependendo de como o entrevistado reage a ela, e suas respostas podem ser ouvidas de diversas formas. Durante esse evento discursivo, outras vozes podem estar presentes na voz dos falantes: a voz da instituição, da família, da igreja etc. Os falantes podem agir como ventríloquos (Bakhtin, 1999 [1929]) ao se apropriarem dessas outras vozes. Assim, é preciso levar em conta que o limite discursivo entre o que pertence ao falante ou à instituição que ele representa pode ser muito tênue.

Bakhtin ([1929] 1999) descreve o conceito de voz como a interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, simultâneas nos enunciados. Ele aponta para a multiplicidade de vozes em nossas enunciações, chamando a atenção para o fato de que não somos autores originais de nossas falas. Nossos enunciados não nos pertencem totalmente, uma vez que as falas que engendramos são apropriações que fazemos das falas dos outros com quem contracenamos, no presente e/ou no passado. Em suma, nossas formas de expressão, as palavras que proferimos e nossas enunciações não são criações eclipsadas do contexto sócio-histórico em que vivemos. Essa concepção dialógica da linguagem que coloca a linguagem no centro da vida social é também expressa no pensamento do filósofo austríaco Wittgenstein (1996 [1953]), que afirma que os

eventos de fala são “formas de vida” compartilhadas. Segundo Wittgenstein (idem), quando interagem com o outro, os falantes participam de “jogos de linguagem” e agem discursivamente com base em um conhecimento compartilhado do mundo. Ou seja, em um evento discursivo, como, por exemplo, a entrevista, os participantes agem colaborativamente com o intuito de atribuir significado às perguntas e respostas. É a partir da interação colaborativa dos falantes que os significados são construídos.

Nesse sentido, “empoderar” ou “dar voz” ao respondente não significa apenas dar condições a ele de contar a própria história, porque essa é uma tarefa alcançada colaborativamente. Além disso, há múltiplas respostas e histórias a serem contadas sobre o mesmo evento. As histórias constroem-se do modo como são construídas em função do contexto narrativo: o local, os participantes e o mundo social. Assim, o empoderamento do respondente “parece ser um aspecto em elaboração e não definitivo das atividades de fala” (Gubrium & Holstein, 2003, p. 42). Falar por si próprio ou contar a própria história significa encenar um ato em que os atores expressam suas impressões de mundo, o que pensam sobre si próprios, com base nas informações colhidas em suas experiências particulares, que são, por sua vez, compartilhadas com as pessoas, em sociedade.

Temos, como indivíduos, um grande número de possibilidades disponíveis em nossas práticas e afiliações sociais que nos servem de parâmetro para possíveis escolhas de identidades. Nossos interesses ou nossas inquietações reconfiguram nossas identidades. Contudo, nossas escolhas não são totalmente livres. Pautamo-nos, em nosso universo social, em discursos que constroem noções como as de gênero, raça, etnia, profissão, família etc. Assim, as opções que fazemos por uma metodologia de pesquisa, ou por uma perspectiva filosófica, são orientadas por nossas posições e crenças em relação ao conhecimento, que, por sua vez, não está em algum lugar para ser encontrado ou desvelado. Ele está no processo da busca de conhecer. Assim,

a entrevista é aqui utilizada como uma tentativa de gerar, interacional e situacionalmente, conhecimentos sobre as pessoas e sobre os fenômenos da vida social.

Durante a entrevista realizada com educadoras de uma escola pública, foram levantadas histórias de violência praticada, na família, contra alunos: crianças e adolescentes. Ao narrar as histórias, as educadoras posicionam-se em relação à sua audiência, aos alunos, às famílias, às escolas e à sociedade como um todo. Assim, o posicionamento é um constructo de grande importância neste trabalho. A entrevista realizada permite a emergência de histórias e a participação do entrevistador no processo de empoderamento do entrevistado.

Posicionamento

O posicionamento é um constructo útil na análise de práticas de narrativas para localizar narradores, ouvintes e personagens *vis-à-vis* uns aos outros (Bamberg, 1999, 2002) e “nas tentativas de construção de significados nas quais estão envolvidos” (Moita Lopes, 2003, p. 9). Ele orienta a fala em determinada direção e seus participantes assumem ou atribuem localizações para cada membro (Ribeiro, 2006). Essas localizações ou posições são “em relação a outras pessoas” (van Langenhove & Harré, 1999, p. 16), ou seja, o posicionamento é uma noção que deve ser compreendida a partir de suas propriedades relacionais e interacionais. Ele oferece inúmeras possibilidades interpretativas, uma vez que, ao longo de uma interação, os participantes podem assumir diversas posições, gerando novos significados a seus relatos. Essas posições “tornam as ações de uma pessoa inteligíveis e relativamente determinadas como ações sociais” (van Langenhove & Harré, 1999, p. 16).

Há uma relação dialética entre assumir posições e ser posicionado: ambos são esboços realizados em conjunto, sujeitos a revisão e renegociação. Em um evento de fala, as pessoas que

participam da interação estão constantemente construindo o outro. Essa tarefa as leva a se engajar em outra tarefa, que é a construção de suas identidades, as quais, por sua vez, não são fatos consumados, pois são renegociadas ao longo das situações interacionais (Bamberg, 2002).

O posicionamento é “um constructo que dá conta dos efeitos sociais de quem diz o que e para quem, em práticas discursivas nas quais as pessoas agem” (Moita Lopes, 2003, p. 8). Para utilizar essa noção na análise de histórias, Bamberg (1999) propõe três diferentes questões sobre como se dá o processo de posicionamento em três níveis diferentes: i) como os personagens se posicionam em relação uns aos outros nos eventos narrativos?; ii) como o falante se posiciona em relação à sua audiência?; e iii) como os falantes se posicionam em relação a si próprios? (Bamberg, 1999, p. 221-222).

O posicionamento é um conceito útil para a análise, apresentada a seguir, das narrativas das educadoras que participaram deste estudo. Ao contar as histórias de violência, elas posicionam os alunos, os pais, a escola e posicionam-se em relação à sua audiência. Essa análise se faz focalizando a interação entrevistador-entrevistado ao longo da entrevista, observando o modo como coconstroem as histórias e como agem, reciprocamente, na interação.

Os dados e sua análise

A entrevista de pesquisa, gravada em áudio, foi realizada em uma instituição pública de ensino médio da zona sul do Rio de Janeiro, a Escola Brasil. A entrevista foi agendada, por telefone, com a orientadora, Lia, que foi informada de que se tratava de uma entrevista de pesquisa e que o objetivo era saber se a escola tinha conhecimento de casos de violência praticada na família e como procedia em relação a esses casos. No dia marcado, ao chegar à escola, Lia apresen-

tou sua colega, Ina, que também era orientadora da escola e que tinha experiência em outras escolas. Assim, participaram da entrevista a entrevistadora-pesquisadora, Bel, e as duas orientadoras da Escola Brasil: Ina e Lia. Como veremos, as entrevistadas contam histórias nas entrevistas. A análise dessas narrativas é feita em diálogo com o arcabouço teórico acima apresentado e, por vezes, recorre-se também ao vocabulário laboviano clássico (avaliação, reportabilidade, orientação etc.). Ina conta uma história de violência intrafamiliar praticada contra crianças de uma escola municipal de educação infantil da zona rural da cidade. Ela identificou marcas de agressão praticada pelos pais no corpo das crianças. Lia, por sua vez, conta a história de uma aluna, adolescente, da Escola Brasil, que a procurou porque fora agredida pela mãe. Foram selecionados, portanto, fragmentos de fala dessas histórias que as educadoras contaram.

A entrevista tem início sem um roteiro prévio. A entrevistadora e as educadoras participantes sentam-se, formando um pequeno círculo. Bel, mais uma vez, explica o objetivo da entrevista e inicia com uma pergunta que resume seu objetivo. A orientadora Lia toma o turno e inicia sua fala. Logo em seguida, há uma troca de turnos entre as participantes. A entrevistadora faz perguntas gerais sobre os alunos. Quer saber também qual a faixa etária que mais sofre violência e que mais procura as orientadoras. Nesse momento, Ina toma o turno e diz que a criança fala mais (“não sei, eu acho que a criança pequena procura mais, fala mais, né!” – linha 37). Sendo a Escola Brasil um colégio de ensino médio, a fala de Ina traz uma informação inesperada. Bel pergunta, então, a Ina se ela tem experiência com crianças pequenas (“você tem experiência com crianças menores em escola?” – linha 40), e ela conta que trabalha como professora de educação infantil e se recorda de uma experiência de quando trabalhou em uma escola municipal na zona rural, em Pedra Azul.

042	Bel	<p>você trabalha em alguma escola?</p> <p>[eu] trabalho no município. eu tive uma experiência interessante agora em pedra azul e:: as crianças chega:vam... mui::to... machucadas FISicamente com queimadu::ras, eh::: eu...eu tive um caso de uma aluna que eu vi já...>educação infantil< ponta de... você percebia nitidamente que era pon:ta de cigarro em to:da a... to:das as costinhas dela... que idade mais ou menos?</p>
043	Ina	
044		
045		
046		
047		
048	Bel	
049	Ina	quatro anos... ago:ra ela... eles negam..., em as todas as faixas [eles] negam.
050	Bel	[hum]
051	Lia	é, isso aconte[ce]
052	Ina	[né?] e... aí você preci:sa... > conforme a lia falou<, né?de uma aproxima:çã::o, né, falar.eh... estabelecer um vin:culo de uma confiança] =
053		
054	Lia	[confian]ça
055	Ina	= básica pra que eles... fa:lem alguma coisa e é uma situação difficilima, né? essa situação que eu vivi agora que me mobilizou mui::to lá em pedra azul, porque eram mui::tas crian:ças...vítimas de... >violência doméstica<, mas mui::tas mui::tas. eu vi queimaduras de fe::ro, de pon:ta de cigarro, de espancament:to, olho roxo...
056		
057		
058		
059		
060	Bel	a partir de que idade? até que idade?

061	Ina	Era educação infantil, educação infantil no município é de 3ª série (.) 6 anos
062	Bel	isso é maior em alguma faixa etária ou não? ou você acha que... independe ↓
063		eu acho que eu, acho que quanto menor a criança talvez fique mais visível,
064		né? porque a criança não tem como esconder e... e não sabem também, né?
065		porque eles são instruídos a não contar e aí eu tive uma dificuldade né?, quer
066		dizer... a gente foi conversan:do, porque era visível tanto do cigarro quanto
067		do ferro, você via que era do bico do ferro de passar roupa que tava no
068		bracinho deles e aí eles acabam contando né?que realmente havia o pai ou a
069		mãe, mas choram, pedem por favo::r, pelo amor de Deus que você... não
070		conte, que não leve adiante... e a gente tem encaminhar pro conselho tutelar
071		e nós chamávamos a família comunicávamos: "que olha, nós tomamos
072		ciência, apesar da criança ter nega:do que foi violenta:da > nós percebemos
073		<que hou::ve uma violência domést:ica, isso aqui é po:nta de ciga:rra (.) isso
074		aqui no bracinho dela é marca de ferro" e::: comunicávamos e.. o conselho
075		tutelar (.) não da::va (.) notí:cias.
076		não dava retorno
077		não tinha retorno

Ina inicia sua história introduzindo informações contextuais, ou seja, a orientação (Labov, 1972). Conta o que viu (“*as crianças chega:vam... mui::to...machucadas FÍScicamente com queimadu::ras*” – linha 45). A história é coconstruída entre as participantes. Bel ratifica-se como ouvinte (“*hum*” – linha 50), incentivando, assim, a narradora a prosseguir com sua história, demonstrando interesse pelo que é dito. Lia, por sua vez, expressa concordância com Ina (“*é isso acontece*” – linha 51). Ou seja, todos participam ativamente da interação.

Ina posiciona-se como uma professora atenta e merecedora da confiança dos alunos (“*e... aí você preci:sa... > conforme a lia falou<, né↓de uma aproxima:çã::o, né, falar..eh... estabelecer um vín:culo de uma confiança =*” – linhas 52-53). Lia mostra-se envolvida e alinhada à sua parceira ao ecoar sua fala, repetindo a palavra confiança e sobrepondo sua fala à fala de Ina (“*confiança*” – Lia, linha 54), antes mesmo de esta concluir sua frase. Ina continua com sua história, enfatizando seu ponto (“*é uma situação difícilima, né↓ essa situação que eu vivi agora que me mobilizou mui::to lá em pedra azul, porque eram mui::tas crian:ças... víti-mas de... >violência doméstica<*” – linhas 55-57). Usa ênfases, alongamentos, pausas (“*mui::tas crian:ças... vítimas de...*”) e recursos lexicais (“*situação “difícilima” [...] “me mobilizou mui::to*”). Avalia (Labov, 1972) seu horror diante da violência que identificou nas crianças, posicionando-se em relação às agressões sofridas por elas. Ao mesmo tempo, posiciona as crianças como vítimas dos pais e aquele contexto social como violento. Descreve a violência (“*eu vi queimaduras de fe::rro, de*

ponta de cigarro, de espancamento, olho roxo...” – linhas 58-59), enfatizando ainda mais sua crueldade. Após a pausa, a entrevistadora toma o turno. Pergunta, mais uma vez, a idade das crianças. Pede mais informações contextuais. Interage com a professora, demonstrando, mais uma vez, interesse por sua história. Sua pergunta possibilita a Ina introduzir novos aspectos da experiência que viveu. Em primeiro lugar, Ina fala sobre a dificuldade de obter da criança o relato da violência que sofreu (*“eles são instruídos a não contar e aí eu tive uma dificuldade né”* – linha 65). Conta, em seguida, como obtinha a revelação da criança (*“quer dizer... a gente foi conversando”* – linhas 65-66) e descreve a reação da criança (*“aí eles acabam contando né, que realmente havia o pai ou a mãe, mas choram, pedem por favor, pelo amor de Deus que você... não conte, que não leve adiante...”* – linhas 68-70). Posiciona as crianças em relação a seus agressores: são ameaçadas, oprimidas. Posiciona-se como uma professora hábil, solidária e ciente de sua responsabilidade como educadora. Observa seus alunos, aproxima-se e interessa-se por eles. Precisa encaminhar os casos ao conselho e o faz (*“e a gente tem encaminhar pro conselho tutelar e nós chamávamos a família comunicávamos:”* – linhas 70-71). Age em conformidade com o que é esperado dela como professora e como pessoa. Finalmente, por meio de um diálogo construído (Tannen, 1989), em que somente a voz da escola é encenada, conta como conduz o encontro com a família agressora (*“que olha, nós tomamos ciência, apesar da criança ter negado que foi violentada > nós percebemos <que houve uma violência doméstica, isso aqui é ponta de cigarro (.) isso aqui no bracinho dela é marca*

de ferro” – linhas 71-74). Utiliza o pronome ‘nós’, evidenciando que não age isoladamente. Posiciona, desse modo, a escola como igualmente comprometida com a defesa da dignidade e a segurança física e emocional das crianças. E diz: “é::: comunicávamos e.. o conselho tutelar (.) não da::va (.) nott:cias.” – linhas 74-75). Está atenta às suas obrigações legais como educadora, uma vez que, conforme o art. 70, página 52, do Estatuto da Criança e do Adolescente, “é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”. E, ainda, em casos de omissão, instituições de saúde, de ensino ou seus profissionais são penalizados, conforme expressa o art. 245.¹

Ina posiciona o conselho tutelar como omissor na situação, ao dizer: “o conselho tutelar (.) não da::va (.) nott:cias.” (linhas 74-75). Bel parafraseia a fala de Ina, solidarizando-se com sua interlocutora: “não dava retorno” (linha 76). Lia, por sua vez, toma o turno para repetir a fala de Bel: “não tinha retorno” (linha 77), alinhando-se às suas interlocutoras e, mais uma vez, ratificando-se como participante da interação.

Assim, a história narrada por Ina não é apenas sua. É compartilhada por suas interlocutoras, que contribuem para sua construção. A educadora entrevistada é empoderada, os participantes interessam-se pela história que narra e permitem que ela narre suas histórias, expressando seus pontos de vista, fazendo suas escolhas. A narradora constrói sua história de maneira coe-

¹ “Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.”

rente. É uma história com alto grau de reportabilidade. Assim, Ina consegue despertar a atenção de seus interlocutores e sua credibilidade. Ela não é uma fornecedora de dados. É uma professora que expressa a própria visão da violência doméstica praticada contra crianças, sobre os agressores, sobre o conselho tutelar e sobre o papel da escola. Esses significados são coconstruídos na interação, com a participação ativa de suas interlocutoras. Em relação à sua audiência, a narradora posiciona-se como uma educadora que demonstra habilidade em lidar com as crianças e seus traumas. É atenta. Sua ação não se limita à sala de aula. Além disso, não atribui as ações somente a si; compartilha-as com a escola.

Na interação, a orientadora Lia, por sua vez, parece resistir em contar sua história. Embora tome a iniciativa de responder à pergunta introdutória, causando a impressão de que teria uma participação mais ativa na interação do que sua colega, Lia logo se mostra mais empenhada em construir sua identidade profissional, projetando-se sob uma luz favorável. Inicia sua fala dizendo que o aluno precisa confiar na orientadora para se abrir em relação a seus problemas pessoais. Insiste nessa posição, até que Ina, sua parceira, começa a narrar uma história. Por algum tempo, Ina domina o piso conversacional. Lia mantém-se na interação como uma ouvinte que ratifica sua participação por meio de pequenas interferências nas quais ecoa a fala de sua parceira, repetindo frases finais ou palavras, expressando concordância. Essa posição se modifica quando, mais adiante na interação, a entrevistadora dirige uma pergunta às participantes sobre como a escola percebe que há um problema com o aluno e o que faz em relação

a isso: “*como é que normalmente... vocês perce:bem... demo... você acha que a escola demo::ra a perceber... qual o mecanismo da escola nesse nesse sentido?*”. A pergunta continua com a introdução de pistas que demonstram que a entrevistadora conhece o cotidiano escolar. São os indicativos comuns de que há problemas com os alunos: “*... o aluno começa a chegar tar:de o aluno começa a não vir, o aluno geralmente se você::começa a...en.. enfim...isso é um indício pra escola de alguma coisa? a escola bus::ca descobrir alguma coisa?*”.

Nesse momento, Lia toma o turno e responde, repetindo o conteúdo da pergunta: “*LÓ::gico, nós.. nós procuramos SIM descobrir alguma coisa principalmente pela, pela FALTA do aluno...por que que o aluno está faltando tá?*” Enfatiza a palavra “*LÓ::gico*” e “*procuramos SIM*”, indicando seu empenho em corresponder às expectativas da entrevistadora, que, na pergunta, sugere que “procurar saber alguma coisa sobre o que está acontecendo com um aluno faltoso” é um procedimento esperado. Há, na interação, não só conhecimento compartilhado de práticas escolares, como também dos papéis e deveres dos educadores. Assim, ao dizer “é lógico, nós procuramos, sim, saber o que está acontecendo”, Lia posiciona-se como uma profissional atenta às suas obrigações. Ela conta como procedem: “*então, o que nós fazemos primeiro... nós procuramos o aluno em sala de aula e... com o representante de turma↓ você já te:m uma... uma ideia do porquê de o aluno estar... faltando...*”. Entretanto, o diálogo entre a orientadora e a entrevistadora se repete em torno do mesmo ponto, sem que Lia diga com clareza quais são os procedimentos e os fatos:

230	Lia	são de VÁ:rias, não (.) tem alunos da ****, tem de santo cristo e das ou:tras
231		... comunita::des da zona sul... são vários... mas QUANDO eu... ah, ah...
232		pergunto... por um determinado aluno ↓..., sem:pre tem alguém pra falar: ah,
233		dona lia, eu vi ... o fulano, ele não está vindo sabe por que?... porque está
234		acontecendo isso, isso ou aquilo=
235	Bel	=o que que é isso ou aquilo, normalmente? qual é...
236	Lia	é, é, justamente o conhecimento que eles têm dentro da própria
237		[comunidade].
238	Bel	[mas qual...] quais são as as histórias relatadas?
239	Lia	são vá:rias[... são, aí,]são diversas, né?...
240	Bel	[por exemplo]... por exemplo....

Bel insiste em saber quais são as ações efetivas da escola e quais são os problemas que ela identifica. Lia, por sua vez, repete seu argumento inicial: a escola procura saber o que está acontecendo, pergunta aos colegas que moram na

mesma comunidade desses alunos faltosos, diz que os alunos contam o que está ocorrendo. É vaga em relação à sua atuação e à atuação da escola. Ainda assim, esforça-se em obter credibilidade por parte de sua interlocutora. Utiliza como recurso um diálogo construído, por meio do qual reproduz a suposta fala de um aluno informante, na tentativa de torná-la mais real, mais crível (“*dona lia, eu vi ... o fulano, ele não está vindo sabe por quê?... porque está acontecendo isso, isso ou aquilo*” – linhas 233-234). Todavia, seu esforço não é bem-sucedido. A entrevistadora insiste para que seja mais específica (“*mas quais são as histórias relatadas?*” – linha 238), mas Lia ainda resiste, respondendo à pergunta de modo evasivo, genérico (“*são várias são, aí, são diversas, né?...*” – linha 239). Essa resistência, tão evidente em sua fala, coloca em risco seu empenho inicial de projetar uma imagem favorável como orientadora, atenta aos problemas dos alunos. A entrevistadora não se deixa vencer, provoca a interlocutora, insistindo para que exemplifique (“*por exemplo... por exemplo...*” – linha 240), até que, finalmente, a orientadora conta sua história.

Diferentemente da visão tradicional, que considera importante o distanciamento do entrevistador – evitando, assim, influenciar o entrevistado, em nome de uma suposta neutralidade –, nessa interação as intervenções de Bel se mostram fundamentais, porque provocam mudança no posicionamento da entrevistada. A entrevistadora encoraja sua interlocutora a construir seu relato. Embora, até então, Lia tenha resistido em dar maior contribuição na entrevista, posicionando-se como coadjuvante, nesse momento ela assume a posição de protagonista. Começa seu relato com uma expressão comumente usada por contadores de histórias: “*por exemplo, um... belo dia*” (linha 241) e continua introduzindo a orientação, informando o local da história e sua personagem principal: “*eu tava na minha casa... tocou a campainha... e era uma aluna... minha aluna do primeiro ano*” (linhas 241-242).

241	Lia	por exemplo, um... belo dia eu tava na minha casa... tocou a campainha... e
242		era uma aluna... minha aluna do primeiro ano, eu perguntei pra ela, "o que
243		que você está fazendo aqui, letícia, na minha casa?"... "eu fugi de casa"... eu
244		falei: "você fugiu de casa... mas como você fugiu de casa se a sua mãe é
245		representante inclusive da associação de pais?"... "é, dona Lia, a minha mãe é,
246		é, justamente da associação de pais... mas ela me espanca... e então,
247		então, como eu confio na sra. eu achei que... era pra onde eu deveria ir era
248		pra sua casa.
249	Bel	[qual a idade dela?]
250	Lia	quinze anos

A narradora utiliza o diálogo construído para contar a história da menina que era agredida pela mãe e que foge para sua casa porque confiava nela e precisava de sua ajuda. Através do diálogo, são fornecidas mais informações sobre a aluna e a mãe, a fuga da menina para sua casa, a mãe agressora que era representante da associação de pais e o fato de Lia ser uma orientadora que desperta sentimento de confiança. A fala relatada também imprime carga dramática à cena. O efeito que a narradora pretende causar sobre a audiência é o de sugerir que ela é uma profissional em quem os alunos confiam e que interage com a família. A quebra de coerência está no fato de que, apesar do nível de confiança depositado nela pela aluna e da aproximação com a mãe, a coordenadora foi totalmente surpreendida pela situação vivenciada pela jovem.

Após a pausa da narradora, Bel interrompe para perguntar a idade da aluna e sugere interesse por detalhes de sua vida. Lia, então, resume a história de vida da aluna.

249	Bel	[qual a idade dela?]
250	Lia	quinze anos
251	Bel	não trabalha, mora com os pais...
252	Lia	não. a... a menina trabalha com a mãe e o pai: num trailer e então reveza...
253		pela manhã porque ela estuda à tarde, após o horário escolar. e quando a
254		menina fazia, e ela fazia balé e estava na oitava série de balé, tanto que ela
255		fez até balé no teatro municipal e como ela balé... ela tem que se despir, então
256		ela ficava com marcas nas costas, nas pernas, então eles ficam com vergonha,
257		porque já tá mocinha.

A narradora inicia o relato com uma orientação (Labov, 1972) nas linhas 252-253. Informa a atividade dos pais, da menina e a situação de agressão à qual era exposta. Mostra-se, assim, alinhada com a entrevistadora, ou seja, constrói seu relato para ela. Narra, alternando passado e presente. Conta detalhes da agressão sofrida pela aluna e as consequências em sua vida. Associa o fato de a jovem abrir mão do balé em um teatro de renome à violência que sofria (“*ela fez até balé no teatro municipal*” – linha 255), por sentir vergonha de expor as marcas de agressão no corpo (“*ela ficava com marcas nas costas, nas pernas*” – linha 256). Posiciona a jovem como vítima e traz à cena outros adolescentes que vivem a mesma situação, construindo a mesma identidade para esse grupo, ou seja, um sentido de pertencimento (“*eles ficam com vergonha*” – linha 256). Finaliza, referindo-se novamente à aluna, introduzindo uma avaliação: “*porque já tá mocinha*” (linha 257).

A entrevistadora toma o turno para perguntar a Lia o que aconteceu depois que a aluna a procurou. Ela conta, então, a conversa que teve com a mãe da aluna por telefone e como fez para persuadir a jovem a voltar para casa.

258	Bel	e aí depois dessa situação relatada o que que aconteceu?
259	Lia	ah, aconteceu que eu imediatamente liguei para a mãe dela e disse: “a sua
260		filha se encontra na minha casa. a sra. não se assuste mas ela vai voltar ainda
261		hoje”. então eu pedi que a mãe viesse, ah, no dia seguinte, à escola, para eu
262		poder conversar. a mãe não apareceu, logicamente, né? e a menina voltou pra
263		casa depois de eu levar assim quatro ou cinco horas conversando na minha
264		casa. ela com a trouxa de roupa, minha filha... foi de mala e cuia para a minha
265		casa... e eu a convenci que ela era muito jovem e que ela tava me botando
266		numa situação difícilima, né?, embora eu fosse orientadora educacional <u>dela</u> ,
267		porque que ela não me procurou primeiro na escola para me contar o fato? ela
268		disse que ela não contava porque ela tinha vergonha ... e tinha medo
269		justamente da escola tomar alguma providência <u>contra</u> os pais. É isso aí que
270		eles já sabem ... sobre o conselho tutelar.

A narradora usa novamente o diálogo construído na tentativa de reproduzir sua fala em uma suposta conversa com a mãe da aluna. De acordo com seu relato, Lia empenhou-se em tranquilizá-la, sem fazer nenhuma referência ao ocorrido, garantindo-lhe que a filha voltaria para casa no

mesmo dia (“*a sua filha se encontra na minha casa. a sra. não se assuste mas ela vai voltar ainda hoje*” – linhas 259-261). Diz que pediu à mulher para comparecer à escola no dia seguinte e complementa: “*a mãe não apareceu, logicamente, né?*” (linha 262). O uso da palavra ‘*logicamente*’ sugere que o não comparecimento da mãe era esperado. Além disso, Lia parece contar com a concordância de sua interlocutora, como se a recusa da mulher em ir à escola fosse uma questão óbvia, quando, de fato, o efeito que sua fala causa é exatamente o contrário. Há uma quebra de coerência, visto que seria mais lógico que a orientadora intimasse a mãe a comparecer. Como professora, ela estava legalmente obrigada a encaminhar o problema, seja para o conselho ou até mesmo na própria escola, como orientadora educacional. A agressão era evidente e sistemática, e os danos causados à menina, visíveis.

Em sua fala, parece que Lia se omite em relação à aluna porque ela a procurou em sua casa. Para ela, a questão deveria ser tratada no contexto institucional. Além disso, protege-se de várias maneiras. Em primeiro lugar, convence a jovem a voltar para casa a fim de se livrar das possíveis implicações legais que aquela situação poderia gerar (“*e eu a convenci que ela era muito jovem e que ela tava me botando numa situação dificilima, né?*” – linhas 264-266). Diz, também, que a aluna alegou que não a procurou na escola para lhe contar sobre seu problema porque tinha vergonha e “*tinha medo justamente da escola tomar alguma providência contra os pais*” (linhas 268-269). Segundo ela, “*eles já sabem ...sobre o conselho tutelar*” (linha 270). Sua fala sugere que a escola, ao tomar conhecimento da violência sofrida pelos alunos em suas famílias, usa o poder que tem de acionar o conselho e de expor o agressor à punição. Entretanto, por alguma razão, parece que a agressão à qual a aluna era submetida e seu pedido de socorro foram apenas um fato extraordinário em “um belo dia” dentro de sua casa.

Últimas considerações

O presente capítulo focaliza a entrevista como um evento discursivo de grande importância na contemporaneidade. Porém, para que possa ser um local de construção de sentidos sobre a vida social, é preciso que os participantes ajam em cooperação. Esse modelo contrapõe-se ao modelo tradicional de entrevista de pesquisa, o qual impõe ao entrevistador e ao entrevistado posições fixas e alto grau de assimetria. As entrevistas, nos moldes propostos pelos pesquisadores da atualidade, são espaços ricos de construção do mundo social, realizadas por meio de posicionamentos assumidos pelos participantes. Constituem um empreendimento em que o entrevistador não é um ouvinte passivo e o entrevistado não é um mero fornecedor de dados. Pelo contrário, durante a entrevista, significados sobre a vida social são construídos localmente, em um processo de cooperação mútua entre os participantes.

A entrevista realizada neste estudo teve como objetivo levantar histórias de violência doméstica das quais as educadoras entrevistadas tomaram conhecimento nos contextos escolares em que trabalham, sem uma estrutura prévia rígida, fechada. Por ser uma entrevista de pesquisa, a questão foi colocada inicialmente e, daquele momento em diante, a interação foi conduzida em conjunto. A entrevistadora participou ativamente e permitiu que as orientadoras expressassem suas visões, desempenhassem identidades e assumissem posicionamentos. Essa posição contribuiu para o empoderamento das entrevistadas.

A entrevista realizada com as educadoras corrobora a visão de que as entrevistas são locais de construção de narrativas. As histórias narradas são coconstruídas entre as participantes. As educadoras expressam suas percepções sobre o que é violência e situam-nas nos contextos sociais a que se referem. Fazem referência à posição assimétrica entre agres-

sor e vítima e chamam a atenção para os danos causados pela violência praticada. Durante o evento, as participantes monitoram suas ações, tendo em vista seus interlocutores e sua audiência projetada.

A análise da história narrada por Ina permitiu compreender como a educadora se posiciona em relação ao problema da violência praticada contra crianças no contexto escolar da zona rural onde trabalhou. Ela relata que as crianças apresentam marcas de queimaduras e de espancamento no corpo em decorrência da violência praticada pelos pais. A escola identifica a agressão e apura os fatos. Encaminha os agressores ao conselho tutelar, que, muitas vezes, não dá retorno. Ina se constrói como uma professora dedicada e hábil. Narra suas histórias de maneira coerente. Procura informar a audiência sobre aspectos relevantes: o tipo de agressão, como a escola procede às averiguações, como lidam com a criança e o agressor. A professora assume uma posição bastante agentiva e compartilha suas visões com a audiência.

Lia, por sua vez, parece ter um propósito inicial que é o de projetar uma imagem favorável tanto sua quanto da escola. Demonstra resistência em narrar, porque tem como objetivo maior elaborar sua fala de acordo com as posições idealizadas. Na escola, deve ser a mediadora de conflitos. Precisa conquistar a confiança dos alunos para que eles lhe contem seus problemas. Entretanto, embora Lia empenhasse em afirmar que cumpre esse papel, sua própria história a contradiz, principalmente em relação ao seu envolvimento na solução dos problemas. Ela parece limitar-se a ser uma boa ouvinte e confidente dos alunos. Assume posições agentivas ou passivas diante dos conflitos que vivencia, alternando essas posições.

A entrevistadora participa ativamente da interação, sem se preocupar com as interferências que faz. Não possui

uma agenda prévia, mas está determinada a conhecer os procedimentos, os acontecimentos, os desdobramentos e as posições dos atores do contexto escolar e social referidos na entrevista. É possível que suas interrupções tenham limitado a produção de histórias ou modificado seu fluxo. A entrevistadora, com frequência, solicita informações contextuais, levando as participantes a fazerem uso extensivo da ‘orientação’, nos termos labovianos. Sua atuação reflete o próprio envolvimento e interesse nas histórias narradas pelas educadoras. Contribui para o empoderamento das participantes, embora esse tenha sido um processo de co-operação recíproca, uma vez que esse empoderamento foi também uma conquista alcançada pelas educadoras ao longo da entrevista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, P.; SILVERMAN, D. “Kundera’s Immortality: The Interview Society and the Invention of the Self”. In: *Qualitative Inquiry*, n. 3, SAGE, p. 304-25, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. Hucitec: São Paulo, 1999 [1929].

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. “Small Stories as a new perspective in narrative and identity analysis”. In: *Text and Talk: An interdisciplinary journal of language, discourse & communication studies*. Edited by Srikant Sarangi, v. 28-3, p. 377-396. Mouton de Gruyter: Germany, 2008.

BAMBERG, M.; De FINNA, A.; SCHIFFRIN, D. *Selves and Identities in Narrative and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2007.

BAMBERG, M. “Positioning between structure and performance”, *Journal of Narrative and Life History*, n. 7, p. 335-342, 1997.

_____. “Is there anything behind discourse? Narrative and the local accomplishments of identities”. In: MAIERS, W.; BAYER, B. *et al.* (orgs.). *Challenges to theoretical psychology*. New York, Ontario: Captus University Publications, 1999.

_____. “Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos”. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, p. 149-185, 2002.

BASTOS, L. C. “Narrativa e Vida Cotidiana”. In: *Scripta*, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.

_____. “Estórias de mulheres e de homens: narrativa, sexo e construção de identidade”. In: *The ESPECIALIST*, v. 20, n. 1, p. 17-29, 1999.

_____. “Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho”, *Calidoscópio. Revista de Lingüística Aplicada*, v. 6, n. 2, p. 76-85, mai/ago. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2008.

_____. “Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa”, *Calidoscópio. Revista de Linguística Aplicada*, v. 3, n. 2, São Leopoldo/RS: Universidade do Vale dos Sinos, p. 74-87, maio/agosto de 2005.

GEORGAKOPOULOU, A. “Positioning self and other in small stories”. In: *Small Stories, Interaction and Identities (Studies in Narrative)*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007a.

_____. “Small and large identities in narrative (inter)action”. In: *Small Stories, Interaction and Identities (Studies in Narrative)*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005 [1959].

_____. “Footing”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, [1981] 2002.

_____. “The frame analysis of talk”. In: _____. *Frame Analysis*. N.Y.: Harper and Row, 1974.

_____. *Interactional Ritual. Essays on face-to-face behavior*. New York: Panteon, 1967.

HARRÉ, R.; van LANGENHOVE, L. *Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action*. Oxford: Blackwell, 1999.

LABOV, W.; WALETZKY, J. “Narrative Analysis: oral versions of personal experience”. In: HELM, J. (org). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, W. “The transformation of experience in narrative syntax”. In: _____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

MISHLER, E. *Research interviewing. Context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

_____. *Storylines. Craftartists’ Narratives of Identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

_____. “Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo”. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (orgs.). *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, p. 97-119, 2002.

MOGHADDAM, F. M.; TAN, S. L. "Positioning in Intergroup Relations". In: HARRÉ, R.; van LANGENHOVE, L. *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell, 1999.

MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (orgs.). *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002a.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002b.

_____. "Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista". In: TELLES RIBEIRO, B.; COSTA LIMA, C.; LOPES DANTAS, M. T. (orgs.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001.

RIESSMAN, C. K. "Analysis of Personal Narratives". In: *Handbook of Interview Research*. GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc. 2001.

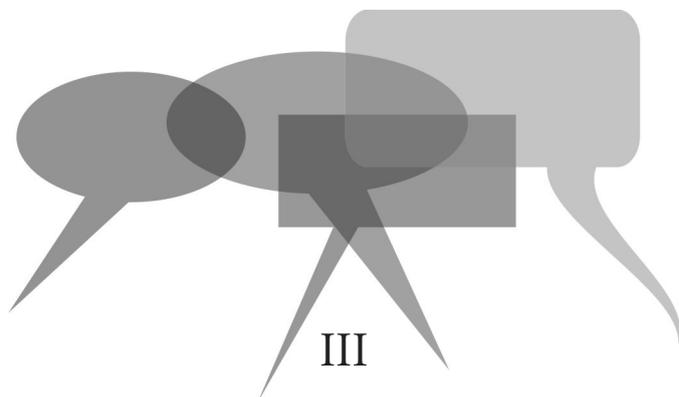
SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data: Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*. London: SAGE, 1993.

Van LANGENHOVE, L.; HARRÉ, R. "Introducing Positioning Theory". In: _____. *Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action*. Oxford: Blackwell, 1999.

WEISS, R. S. *Learning from Strangers: The Art and the Method of Qualitative Interview Studies*. New York: The Free Press, 1994.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1996 [1953].

WORTHAM, S. *Narratives in action. A strategy for research and analysts*. New York: Teachers' College Press, 2001.



III

ENTREVISTA E DISCURSO:
TRABALHO, SAÚDE E MIGRAÇÃO

CAPÍTULO 6

A construção do estigma na fala sobre a doença

Sonia Maria de Souza Rosas

Introdução

Neste estudo, analiso entrevistas entre assistentes sociais, adolescentes e seus familiares, com o objetivo de investigar a construção discursiva do estigma da doença, tendo por base a análise dos posicionamentos dos participantes nas interações. Procuo observar como mães e filhos lidam com a doença, e como as relações entre posicionamentos e estigmas organizam suas falas.

Os adolescentes e seus responsáveis, em entrevista com o assistente social do hospital, revelam a pluralidade de identidades constituídas a partir de um referencial comum em um ambiente hospitalar: a história da doença. Entendo, como Mishler (2001), que dar atenção às experiências do paciente – e, por extensão, às experiências de quem com ele convive – pode proporcionar melhor encaminhamento no tratamento da doença.

O interesse por examinar a doença como um estigma em potencial (Mason *et al.*, 2001; Sontag, 1978) surgiu a partir da observação das construções identitárias desses adolescentes, que traziam, em seus corpos, a marca do estigma. As falas das mães foram incluídas na análise como outro espaço de construção das perspectivas de mundo desses adolescentes. O desafio de compreender como os estigmas sociais se relacionam com a construção de identidades me levou a questionar como as concepções do que é ser normal são negociadas na sociedade. A doença relaciona-se a representações sociais e a padrões de aceitabilidade para o convívio social. Essas representações simbólicas não são únicas e fixas no convívio em sociedade: “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (Woodward, 2000, p. 19).

Veremos como, nas entrevistas, perguntas sobre frequência escolar e inserção no mercado de trabalho problematizam a relação entre a atuação social desses adolescentes e o estigma, o que os leva a se construir em confrontação com padrões de comportamento social esperados pela sociedade.

Identidade e estigma

Ao interagir, o falante sinaliza diferentes dimensões de identidades, de ordem cultural, pessoal, situacional e relacional. O que dizemos assume, assim, significado, conforme a dimensão que se torna mais relevante no momento da produção discursiva.

Entender como os sujeitos são construídos nas situações interacionais significa compreender como as relações sociais se estruturam e como organizam as sociedades

como um todo, uma vez que a construção dos fenômenos comunicativos guarda estreito vínculo com a produção e a reprodução das identidades sociais (Gumperz & Cook-Gumperz, 1982). Identidade não é, portanto, um rótulo descritivo. Os indivíduos constroem suas identidades nas integrações interpessoais. Esse trabalho de construção das identidades traz também à tona um movimento reflexivo, em que as identidades são influenciadas pelo contexto, mas também organizam esse mesmo contexto. A análise de “como [as identidades] afetam e são afetadas por divisões sociais, políticas e étnicas” (Gumperz & Cook-Gumperz, 1982, p. 1) pode sinalizar os significados macrosociais e microinteracionais de nossas ações no uso que fazemos da linguagem (Schiffrin, 1994).

Para se entender, portanto, como os adolescentes são construídos na situação de interação com o assistente social, é necessário olhar para esse indivíduo como participante de uma situação de comunicação única e específica e também como sujeito que integra diversos grupos sociais e culturais, ou seja, é preciso ter “uma visão de *self* como aquilo que faz o falante (inferência e envolvimento) como membro de um grupo social e cultural e como um participante na construção social do significado” (Gumperz, apud Schiffrin, 1994, p. 101).

Nas entrevistas analisadas em nossa pesquisa, há referências a estereótipos que classificam negativamente determinados atributos pessoais e sociais dos participantes do encontro. A construção do estigma ocorre, fundamentalmente, quando não são atendidas as expectativas socioculturais em relação ao cumprimento de normas preestabelecidas para as pessoas participantes de determinado encontro social. Quando isso acontece, o indivíduo é considerado diferente e, na maioria das vezes, essa diferença é classificada como negativa para o convívio social. Ao definir estigma,

Goffman (1963) lembra a origem grega do vocábulo, que, inicialmente, nomeava os sinais feitos, por cortes ou a fogo, nos corpos dos escravos, criminosos ou traidores, denunciando a todos sua situação social negativa. A situação mais comum vivida por um indivíduo estigmatizado é, então, a expectativa do que é chamado de aceitação, quando, nos encontros sociais, estabelece-se uma diferenciação na relação com os normais.

Goffman (1963) traz um interessante enfoque sobre essa questão. Ele desloca o foco do estigma na pessoa para o atributo estigmatizante. O autor observa que o indivíduo estigmatizado apresenta diferentes comportamentos sociais, conforme a própria relação com seu estigma e com os “normais”, assim como o indivíduo “normal” apresenta diferenças de comportamento conforme sua relação com o estigma e com a pessoa estigmatizada. Isso significa dizer que a identidade de estigmatizado é interacionalmente construída.

Os pacientes-adolescentes, além de vivenciarem questões ditas próprias da idade, têm de lidar com o desafio de ser diferentes em consequência das doenças que têm ou tiveram. Nesta pesquisa, observo como o paciente-adolescente lida com esse diferencial, construindo-se identitariamente em seu discurso.

Posicionamento e enquadre

Quando o indivíduo constrói sua fala, estabelece pontos de referência a partir dos quais ela deve ser entendida e, ao mesmo tempo, posiciona o outro como receptor de sua mensagem. Posicionar é, portanto, no dizer de Davies & Harré (1990, p. 48), “o processo discursivo por meio do qual ‘eus’ são situados nas conversações como participantes observáveis, subjetivamente coerentes, que constroem histórias em conjunto”.

Os posicionamentos são estabelecidos a partir das escolhas linguístico-discursivas feitas pelos falantes. Essas construções linguísticas produzem imagens e metáforas que projetam maneiras de ser tanto para o falante quanto para o ouvinte.

Harré & van Langenhove (1991) lembram que esse processo discursivo relaciona-se com atributos morais e pessoais dos participantes, ou seja, a posição de estigmatizado ou normal, entre outras, orienta como o que foi dito deve ser entendido. O posicionamento é, portanto, o lugar de onde se fala.

Outro conceito importante utilizado em nossa análise é o de enquadre, desenvolvido pela Sociolinguística Interacional. Bateson (1972) introduziu na Psicologia e na Psiquiatria a noção de que ninguém interpreta uma mensagem sem recorrer à metamensagem do enquadre (*frame*). De natureza psicológica, esse conceito de enquadre se refere a forma/significados no ato de comunicar. Goffman (1974), por sua vez, desenvolveu a teoria de Bateson, traçando os fundamentos teóricos da análise de enquadres a partir dos estudos de William James, Alfred Schutz e Harold Garfinkel. O interesse de Goffman recaía na natureza sociológica dos enquadres. Ele afirma que, na interação, os enquadres não são fixos, pois os participantes de uma conversa estão, a todo instante, formulando ou reformulando enquadres, ou seja, definindo e redefinindo o que está acontecendo no aqui e agora da situação de comunicação. Segundo Goffman, “definições da situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam os eventos – no mínimo, os sociais – e nosso envolvimento subjetivo com eles” (Goffman, 1974).

Enquadrar uma situação é, portanto, definir o universo possível em que os enunciados linguísticos devem ser interpretados. Em nossa análise, observamos como se dá a

construção de identidades nos diferentes enquadres propostos durante as entrevistas com os assistentes sociais.

A entrevista

Entendo entrevista como uma forma de discurso (Mishler, 1986) e como todo evento de fala “regulada e conduzida por normas de apropriação e relevância que fazem parte das competências compartilhadas por falantes como membros de uma comunidade” (Mishler, 1986, p. 137). Afirmo anteriormente que a construção identitária do adolescente, durante a entrevista, guarda estreita relação com os posicionamentos assumidos em relação à doença. A entrevista constitui um terreno fértil para entendermos o mundo social e seus valores.

A entrevista é um produto da dinâmica de interação comum à vida em sociedade. Com frequência, vemos-nos envolvidos em alguma situação de entrevista, seja na clássica entrevista de emprego, seja no consultório médico ou em momentos do cotidiano em que somos surpreendidos respondendo a questões que nos são postas, seja por curiosidade ou pura necessidade protocolar. A entrevista é, portanto, uma experiência particular da vida em grupo contemporânea.

As entrevistas analisadas neste capítulo não são entrevistas de pesquisa. Não foram produzidas especificamente para esta pesquisa. São entrevistas de trabalho, que aconteceriam de qualquer forma, pois constituem uma atividade frequente do departamento de assistência social do hospital.

Contexto de pesquisa e participantes

A gravação em áudio da entrevista foi feita pelos assistentes sociais a pedido da pesquisadora, com a permissão de

todos os participantes do encontro, durante os atendimentos realizados na enfermaria de um hospital público do Rio de Janeiro que atende adolescentes entre 12 e 20 anos incompletos. Esse atendimento é realizado com todos os adolescentes internados ou que já passaram por alguma internação nesse hospital, e com seus familiares e/ou acompanhantes.

O anonimato de todos os participantes foi preservado. Para os adolescentes, adoto os seguintes pseudônimos: Priscila, Fernanda e Leonardo. Seus responsáveis foram nomeados, respectivamente, como Francisca, Neide e Marta. Os assistentes sociais foram chamados de Renata, Clara e Carlos. Nomes de logradouros, instituições e outros possíveis identificadores dos participantes também foram trocados. A escolha dos nomes não teve nenhuma motivação particular.

Priscila é uma paciente de 21 anos¹ que, frequentemente, é internada na enfermaria do hospital. Aos 8 anos, ela foi submetida a uma cirurgia para a retirada de um tumor na coluna e, desde então, perdeu o movimento dos membros inferiores. Essa imobilidade exige que a paciente tenha cuidados profiláticos e fisioterapêuticos adequados. Quando a gravação foi realizada, Priscila encontrava-se internada com escaras de decúbito,² em consequência da negligência desses cuidados no ambiente domiciliar. Seu pai era falecido e ela vivia com a mãe.

Fernanda é uma adolescente de 15 anos que passou por uma internação para a retirada de um tumor no ovário. Na ocasião da entrevista, ela estava de alta, fazendo acompanhamento ambulatorial periódico no referido hospital. Não possuía marcas físicas aparentes, mas o tumor cancerígeno ainda

¹ Na época da entrevista, Priscila acabara de completar 21 anos e, por esse motivo, ainda estava sendo atendida nesse setor, que presta atendimento a adolescentes, considerada a faixa de 12 a 20 anos.

² Em situações de imobilidade, como nas doenças acompanhadas de paralisia, surgem com frequência as escaras de decúbito. A escara é uma lesão na pele (necrose) que se forma em consequência da imobilidade.

não estava totalmente controlado e ela também apresentava, segundo sua mãe, um tipo de tuberculose não contagiosa. A adolescente vivia com o padrasto, a mãe e dois irmãos.

Leonardo, 19 anos, paciente soropositivo, não tem manifestações visíveis da doença. Ele faz acompanhamento mensal no ambulatório do hospital, onde também é atendido com a distribuição gratuita da medicação. Na época da entrevista, seus pais estavam separados e ele morava com a mãe.

As entrevistas com os adolescentes, portanto, abordam dois diferentes tipos de doenças, HIV e câncer, e uma situação de paraplegia, que não é a doença propriamente dita, mas a sua consequência. As diferenças de gravidade entre uma doença e outra são construídas no discurso, em íntima relação com a construção do estigma.

Análise dos dados

Os segmentos a serem analisados foram organizados em três seções, que têm por finalidade mostrar como os sentidos da doença, ou de suas consequências, relacionam-se com os posicionamentos tomados pelos adolescentes. Em cada seção, são analisados dois segmentos: um retirado da entrevista entre assistente social e adolescente, e outro da entrevista entre assistente social e mãe do adolescente. Esclareço também que, para este trabalho, os trechos escolhidos para análise foram aqueles em que se falava especificamente sobre *a doença do paciente*.

A doença de Fernanda

Vejamos, no segmento 1, a seguir, como Fernanda lida com sua doença.

Segmento 1:

Clara	o que mais ? e:: como é que tá ?
	depois que você recebeu alta
	você foi pra casa e como é que tá o tratamen:to ? ,
Fernanda	ficou bem
	mas só que teve um dia aí, um dia aí que eu fiquei fiquei dando febre.
Clara	huhum
Fernanda	tomava remédio nada de passar =
Clara	huhum
Fernanda	= foi até:: foi domingo pass- pass- passado
Clara	huhum
Fernanda	de <u>domingo</u> não.
	pegou acho q- pegou na:: quinta, ficou quinta, sexta, sábado e domingo,
	s- domingo só.
	minha mãe até pensou em levar no médico
	porque tá toman- tomando remédio, é dando febre direto.
Clara	°humhum, tá certo°
	e como é que tá ? você ta fazendo o a- acompanhamento aonde ?
	no ambulatório ? daqui do CESA ³ ? ou lá no:

3 Os nomes das instituições (CESA, CINA e HUPI) são fictícios.

Fernanda	tô na:: na gi- hum tô na °gi- gini-° tô ali na:: > como é < ai esqueci o nome dali.
Clara	qual ? ginecologista ?
Fernanda	isso.
Clara	tá na ginecologia ?
Fernanda	e como é que ficou a que- a relação do: da sua operação ? ficou bem, né.
Clara	mas você lembra que você falou que eles não- abriram, né, mas não chegaram a tirar, né ?
Fernanda	você tá fazendo [algum tratamento, tomando algum remédio pra:- [não sei, só se com- (.) eu tô tomando remédio e fazendo o tratamento.
Clara	qual o tratamento que você tá fazendo ?
Fernanda	hhh aí eu esqueci.
Clara	huhum. É aquele lá do CINA ?
Fernanda	não, ainda num: [acho que não vou precisar lá- ir pra lá não.]
Clara	[chegaram en-] (.) não ? (.) aí tá fazendo tratamento eh: aqui mesmo, no HUPI ?,

	é um: tipo de tratamento assim com com máquina, [como é que é ?]
Fernanda	[não.] tratamento, =
Clara	= então é só à base de remédio mesmo, [] medicamento.
Fernanda	[é .]

Fernanda tenta expor o que sabe de seu estado de saúde, ou seja, o que ela sente é o que pode dizer de sua doença. Ela não domina os pormenores do diagnóstico e do tratamento. Esse assunto, bem como a tomada de atitudes relacionadas à busca da cura da doença, são do controle de sua mãe (“minha mãe até pensou em levar no médico”).

A assistente social ouve o relato de Fernanda, mantendo o contato e mostrando atenção à fala da adolescente com expressões de retroalimentação (“humhum”). No entanto, a resposta à sua pergunta inicial (“como é que tá o tratamento?”) possivelmente não corresponde à sua expectativa, pois ela a reformula no decorrer de diferentes turnos.

Ela começa a reformulação indagando sobre o local do tratamento (“e como é que tá? você tá fazendo o a- acompanhamento aonde ? no ambulatório ? daqui do CESA ? ou lá no:”). A assistente social pergunta se o acompanhamento é feito no ambulatório do hospital ou em outra instituição que cuida especificamente de pacientes com câncer (CINA). Ela não verbaliza, inicialmente, a sigla CINA. Há um alongamento da vogal de “no:” em “daqui do CESA ou no:”, sinalizando a delicadeza da situação e a provável dificuldade em nomear o hospital especializado em tratamento de câncer. O hospital só é nomeado após três tentativas de obter informações sobre o tratamento que a adolescente vem realizando. Provavelmente, a assistente social quer investigar se o que Fernanda vem fazendo é um tratamento de radioterapia (“E aquele lá do CINA ?”). A assistente social insiste nessa especificação (“é um: tipo de tratamento assim com com má:quina, [como é que é ?]”), mas Fernanda não sabe dizer muita coisa sobre seu tratamento. Fernanda parece mitigar a presença da doença em sua vida (“ficou bem”, “esqueci [o tratamento]”), talvez evitando seu estigma.

Vejamos agora como Neide, mãe de Fernanda, lida com a doença da filha:

Segmento 2:

Clara	aí ela tava falando um pouquinho do tratamento dela, que::
	as- ela não precisou até agora não precisou ir ainda pro CINA, né ?
	[tá fazendo o acompanhamento] aqui só na ginecologia, né ?
Neide	[“não, graças a Deus”] inclusive tem médico quando?
Clara	(a assistente social tosse) mês que vem.
/ .../	
Clara	aí é assim, é um direito dela ela ter acesso à educação.
Neide	NÃO. Mas é por causa da doença dela ela não pode tá no meio do grupo
Clara	por que que não pode ?
Neide	porque o problema da doutora que:: examinou, fez biópsia, disse que ela tá com tuberculose.
Fernanda	Vírus
Clara	tá com vírus.
Neide	é. >quer dizer< mas esse vírus pode se prolongar e como não pode, né ? no caso. E:: colégio nenhum aceita.

Neide não nomeia a doença da filha, talvez em função da presença da adolescente na entrevista. O diagnóstico de câncer é mitigado, e a outra doença, a tuberculose, é enfatizada. Ao se referir à doença, ela diminui o tom de voz e modaliza as afirmações.

Como vimos no segmento 1 acima, a fala de Fernanda nos apresenta outra visão da situação. Ela não se posiciona como doente, talvez porque não esteja totalmente esclarecida sobre o diagnóstico. A adolescente provavelmente é poupada, pela família e pelo hospital, dos detalhes de sua doença. Fernanda sabe que está doente, mas parece não ter a devida noção de sua gravidade, nem do peso cultural de sua doença em nossa sociedade. Em situação de interação, uma pessoa doente corre o risco de ser posicionada como uma pessoa diferente, seja qual for sua enfermidade. O peso dessa diferença relaciona-se a características atribuídas à doença. Sem essa noção do que representa o câncer, Fernanda não consegue distinguir uma gripe, por exemplo, de um tumor cancerígeno.

Nos fragmentos apresentados, foi possível observar diferentes posicionamentos em relação à doença. A assistente social busca informações sobre a doença e seu tratamento; a mãe evita nomear a doença; a filha expõe pouca informação sobre a doença, também se construindo como pouco agentiva em relação a seu tratamento.

A doença de Priscila

Vejam os aspectos estigmatizantes, conforme descrição da própria paciente ou de sua mãe.

Segmento 3

Carlos	e assim, e, e você hoje ?
	tem alguma coisa hoje que te chama mais atenção,
	que te preocupa ma::is?,
Priscila	(4,0)
	Ah, agora, no momento, só tá preocupando mesmo (.) ah::
	o que vai ser da minha vida daqui pra frente
	(2,0) que tá em >°vamos dizer assim° < tá em discussão a minha vida
	e eu quero saber o que vai ser da minha vida daqui pra frente.
Carlos	fora isso nada tá me preocupando muito não.
	e assim, você pra- eh:: sua vida tá em discussão, né?
Priscila	e você discute toda sua vida ? ou::,
	quando posso, pergunto. pergunto à:: assistente social,
	pergunto aos psicólogos, pergunto aos médicos,
	o que eles me respondem, (2,0) eu aceito mas fica a dúvida, né?
	tem muita c-
Carlos	sempre ficam [muitas dúvidas]=
Priscila	[sempre fica alguma dúvida?]

Carlos	=aí () o que que vai fazer.
	e:: (.) assim >quer dizer < algumas coisas então da sua vida depende de:
	de uma tomada de decisões,
	não só sua, né? mas de outras pessoas, né? > principalmente<
	os profissionais de saúde,
Priscila	né?
Carlos	profissionais de saúde, da minha mãe,
Priscila	°da sua família em geral°
	da minha família. (.) toda a família junto,

Priscila se constrói como *alguém que faz planos*. A repetição da estrutura “o que vai ser da minha vida daqui pra frente” mostra uma clara preocupação com o futuro. A situação é descrita por Priscila como um momento em que sua vida está em discussão. Ela se projeta como alguém que questiona, que “quer saber”, embora dependente de algu-

mas tomadas de decisão dos profissionais de saúde e de sua mãe. Ela sinaliza querer superar o estigma da incapacidade física.

No segmento 4, a seguir, Francisca, mãe de Priscila, fala para Renata, a assistente social, sobre as condições físicas da filha, fazendo um breve relatório de sua trajetória, desde a descoberta do tumor na coluna até o momento atual. Essa fala ocorre em outra entrevista, sem a presença da paciente.

Segmento 4:

Francisca	ela:: era uma pessoa normal, com dez anos ela teve um tumor na espinha, > segundo me disseram < que era um tal de emangioma operaram a menina ficou >paralítica< Já fez dois enxertos por aqui .hhh (.) e:: [não resolve nada =
Renata	[isso acon-
Francisca	= interna >volta para casa< a- até que agora ela conseguiu pegar uma hepatite <u>braba</u> aqui dentro (.) De dois anos para cá um ano e pouco para cá, não sei bem ao [certo, =
Renata	[humhum
Francisca	= e:: tá nessa situação que o quadro dela é:: aquele quadro que:: Eu (.) com a minha ignorância (.) como leiga, ela não tem mais nada > a ser feito por ela < é só esperar mesmo a morte.

Na fala de Francisca, Priscila é posicionada como uma doente irre recuperável. Observe-se também que a entrevista entre a assistente social e a mãe da paciente é aqui enquadrada como um espaço de queixas, denúncias e reivindicações. Diferente do que aconteceu na entrevista com Fernanda e sua mãe, na fala de Francisca o estigma é agravado e Priscila é construída como uma pessoa marcada por diversas desgraças e desqualificada para continuar a lutar pela vida (“é só esperar mesmo a morte”), o que contrasta com o posicionamento da própria paciente como alguém que faz planos.

A doença de Leonardo

No segmento 5, Leonardo fala sobre sua doença, enfatizando os procedimentos de diagnóstico e a tuberculose.

Segmento 5

Renata	Isso sem saber o que você tinha
Leonardo	Sem saber exatamente o que eu tinha
	Até que bem no finalzinho eu fiz uns outros exames
	detectei que eu tava com tuberculose
	ah o nome eu num vou me lembrar
Renata	((riso)) alguma tuberculose ((riso))
Leonardo	É uma tuberculose
	E assim eu fiquei fazendo tratamento
	fiquei também com suspeita de HIV
	ai continuei fazendo os exames e tô continuando fazendo

O alto potencial estigmatizante (ver Cree *et al.*, 2004) do HIV pode gerar desconforto social na interação com pessoas soropositivas. Leonardo sinaliza esse desconforto evitando a rotulação da doença, com indefinições (“**uma** tuberculose”) e informações incompletas (“fiquei também com suspeita de HIV, aí continuei fazendo os exames e tô continuando fazendo”). Observe-se também que, diferentemente de Fernanda, Leonardo se posiciona de forma bastante agentiva, recorrendo à 1ª pessoa até mesmo para relatar resultados de exames: “detectei que eu tava com tuberculose”.

No segmento a seguir, também Marta, mãe de Leonardo, e Renata, a assistente social, evitam falar explicitamente da doença.

Segmento 6

Renata	E olha só, ele tá fazendo o tratamento no ambulatório ?
Marta	tá.
Renata	tá? .. foi confirmado? a suspeita que tinha com °relação a:°
	eh: ele tem direito também ao passe livre, tá ?
	ele tá sempre vindo aqui, ↓ fazer o tratamento ?
Marta	é: ele faz no: com o doutor Antônio, parece.
	/.../
Marta	toda qui- eh:: uma quinta-feira por mês que ele vem
	° é isso aí, uma quinta-feira por mês°
	mas graças a Deus assim, de aparência, ele: . tá bem até demais
	(()) tomando remédio, tudo direitinho

Marta, ao falar de seu filho, também omite o nome da doença e revela seletivamente os fatos relacionados. A doença não é nem mesmo citada por ela durante a entrevista com a assistente social, que não conta com a presença de Leonardo – diferentemente de Neide, que, possivelmente, tem a presença da filha como motivo para não revelar detalhes da doença e do tratamento. Podemos atribuir esse comportamento ao alto grau de estigmatização que a Aids pode impor à construção de identidade de Leonardo. Temos, assim, que o potencial estigmatizante pode levar a diferentes posicionamentos diante da doença.

Considerações finais

Com a análise dessas entrevistas, assistente social *versus* paciente-adolescente e assistente social *versus* pais, observamos que a doença, ou a consequência advinda da doença, transforma-se em um diferencial na coconstrução identitária dos adolescentes. Observamos diferentes comportamentos linguístico-discursivos, conforme a relação do indivíduo estigmatizado com seu estigma e com os normais. Isso significa dizer que a identidade de estigmatizado é interacionalmente coconstruída. Nesse contexto, o significado do atributo estigmatizante é construído durante e pela interação social.

Estigma é uma experiência comum na vida de adolescentes que sofrem de alguma doença crônica ou que precisam aprender a conviver com alguma deformidade física. A família é essencial na forma como esses adolescentes irão administrar tal estigma. Em nossa análise, observamos que as mães assumem diferentes atitudes ao realizar essa tarefa: omissão do diagnóstico, revelação seletiva, uso de franqueza.

O comportamento linguístico-discursivo dos pacientes revela que é desejo comum entre eles ser tratado como iguais. Isso significa que o estigma, ou o medo do estigma, produz sofrimento e dificuldade na interação com os normais. Conviver com a doença ou com suas consequências tem, portanto, grande influência na construção identitária dos adolescentes.

Na análise das entrevistas, foi possível observar, também, que o estigma é localmente construído na interação. Não se trata de um fenômeno homogêneo. Cada interação é um contexto particular nessa construção. Na mesma interação, o estigma pode ser enfatizado, atenuado ou mesmo ocultado. Isso demonstra que a construção do estigma se faz de acordo com o caráter dinâmico das interações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, G. "A theory of play and fantasy". In: *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine, 1972.
- CREE, V. E. et al. *Stigma and Parental HIV*. London: Thousand Oaks, CA e New Delhi: v. 3(1), SAGE Publications, p. 7-25, 2004.
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. "Positioning: The Discursive Production of Selves", *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20(1), p. 43-63, 1990.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1963.
- _____. *Frames Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- GUMPERZ, J. J.; COOK-GUMPERZ, J. "Introduction: Language and the communication of social identity". In: _____. (orgs.). *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HARRÉ, R.; van LANGENHOVE, L. *Positioning Theory: Moral Contexts of Intentional Action*. Great Britain: Blackwell, 1991.
- MASON, T. et al. (orgs.). *Stigma and Social Exclusion in Healthcare*. London: Routledge, 2001.
- MISHLER, E. *Research interviewing – context and narrative*. Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- _____. *Narrative and Identity: The Double Arrow of Time*. Conferência apresentada no Congresso Discurso, Identidade e Sociedade, PUC-Rio, 2001.
- SCHIFFRIN, D. "Interactional sociolinguistics". In: _____. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell, p. 97-136, 1994.
- SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data: Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*. London: SAGE, 1993.
- SONTAG, S. *Illness as Metaphor*. London: Penguin, 1978.
- WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Capítulo 7

Experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de ‘sonhos’ em narrativas *de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro*

Maria das Graças Dias Pereira, Rosania de Almeida de Lima, Clarissa Rollin Pinheiro Bastos

Introdução

A entrevista de pesquisa consiste em um dos mais instigantes instrumentos metodológicos da pesquisa social e linguística (Briggs, 2001, p. 132). No âmbito da pesquisa qualitativa, a entrevista vem sendo tratada de forma crítica, tanto pelo questionamento a procedimentos que funcionariam como um ‘guia’ para garantir a qualidade da pesquisa (Seidman, 2006) quanto por ser vista como uma metodologia para elicitar dados, sem considerar os significados que os falantes participantes atribuem às suas experiências de vida (Nunkoosing, 2005, p. 698; Roulston, 2010, p. 203; De Fina & Perrino, 2011, p. 1-6).

A discussão vem sendo travada a partir de diferentes concepções de entrevista de pesquisa qualitativa. Roulston

(2010, p. 204) trata de seis concepções, denominadas neopositivista, romântica, construcionista, pós-moderna, transformadora e descolonizadora. Focalizamos as três primeiras concepções para os propósitos deste estudo. Na concepção neopositivista, assume-se que o entrevistado possui um *self* interno ou autêntico, a ser revelado face às boas perguntas formuladas por um entrevistador neutro, e que a qualidade dos dados gerados valida os resultados a serem produzidos (v. Alvesson, 2003; Foddy, 2003; Roulston, 2010, p. 204, 217). Na perspectiva romântica, entende-se que o entrevistador, já não mais concebido como neutro, procurará minimizar sua influência, ao criar empatia e intimidade com o entrevistado, que fará revelações e confissões, possibilitando profundas interpretações dos *selves* envolvidos. Mantém-se, no entanto, a suposição de que os pesquisadores seriam capazes de acessar *selves* autênticos na entrevista, através da intersubjetividade (v. Douglas, 1985; Roulston, 2010, p. 217-8).

A perspectiva construcionista traz uma mudança de perspectiva ao rejeitar o pressuposto de acesso a um *self* autêntico em favor de um 'sujeito produzido localmente', com a fala em interação tornando-se parte do estudo, e a entrevista passa a ser entendida como uma situação social de coconstrução entre entrevistador e entrevistado (Roulston, 2010, p. 218; ver também Silverman, 2001).

No presente estudo, assumimos a perspectiva construcionista de entrevista de pesquisa qualitativa, em uma abordagem sociolinguística (Schiffrin, 1993) e etnometodológica, concebendo a entrevista de pesquisa como um evento de fala (Mishler, 1986, p. vii, 35; ver também Pereira, 2009, p. 544-47), em que, a partir de perguntas e respostas, surgem narrativas e *accounts* (explicações, justificativas, descrições) dos participantes (Baker, 2001, p. 781; De Fina & Perrino, 2011, p. 1, 6).

A pesquisa foi realizada com o Sr. Francisco, um porteiro nordestino (Lima, Pereira & Bastos, 2005)¹ que migrou para o Rio de Janeiro em 1979. Os objetivos consistem em mostrar, em especial: i) como se dão as construções identitárias localmente produzidas entre entrevistadora e entrevistado, assim como as identidades de ordem sociocultural na trajetória dos deslocamentos no processo de migração; ii) como é coconstruída a narrativa das experiências de migração, a partir da ressignificação discursiva de ‘sonhos de migração’, tópico introduzido em perguntas da entrevistadora. Em suas respostas, o entrevistado traz narrativas e *accounts* em relação a deslocamentos sobre trabalho, redes de relações sociais, envolvendo a trajetória de sair da roça, em sua terra de origem (Lagoa da Roça – Paraíba), e ir para o Rio de Janeiro, centro urbano de migração. Buscamos também refletir sobre o processo sócio-histórico e cultural da migração nordestina no Brasil, levando em consideração as relações de ordem micro e macrot textual (Mackay & Hornberger, 1996, p. ix-xi; Ellis, 1999), a partir da análise dos segmentos das entrevistas.

O estudo filia-se a uma perspectiva teórico-metodológica de natureza qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006 [2003]), interpretativa (Schwandt, [2003] 2006) e coconstrucionista (Jacoby & Ochs, 1995). Como assinalam Denzin & Lincoln ([2003] 2006), a pesquisa qualitativa “atravessa disciplinas, campos e temas” (p. 16) e consiste em uma área de múltiplas práticas interpretativas que envolve uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas (p. 20-1).

Com foco na entrevista de pesquisa qualitativa, com abordagem sociolinguística (Schiffrin, 1993) e etnometodológica (Baker, 2001), procuramos contribuir para uma

¹ Neste estudo, fazemos um recorte mais específico da pesquisa desenvolvida em Lima, Pereira & Bastos (2005).

reflexão sobre a entrevista em si e sobre as narrativas em entrevistas, no âmbito da coconstrução interacional de significados socioculturais entre entrevistador/entrevistado.

A migração de nordestinos para os grandes centros urbanos brasileiros

O conhecimento histórico e social do processo de migração nordestina é importante para a compreensão de narrativas de experiências de migração (Pereira e Santos, 2009) e das construções de identidade(s) do migrante nordestino em seus deslocamentos, em especial do migrante trabalhador rural, “que abandona a terra natal em busca de uma vida melhor” (Penna, 1998, p. 89). Procuramos entender a migração nordestina para os grandes centros urbanos brasileiros não apenas como experiência individual, mas também como experiência social e coletiva (Menezes, 1992, p. 10; Penna, 1998, p. 108).

No que tange aos deslocamentos nordestinos para o Rio de Janeiro e São Paulo, é a economia cafeeira que, a partir de 1930, absorve a mão de obra nacional e estrangeira, transformando as grandes cidades em centros de acumulação de capital financeiro. O crescimento urbano une-se ao industrial, impulsionado pelas migrações internas, originárias do campo de regiões do Sudeste e do Nordeste (Rua, 2003, p. 191-192).

Entre os anos 1940 e 1970, para amenizar a crise agrária e a pressão que milhares de trabalhadores sertanejos exercem sobre a estrutura latifundiária, são criadas condições para esvaziar o Nordeste. O nordestino passa a ser direcionado para as cidades, principalmente para as grandes metrópoles, regiões mais ricas, no modelo dualista de desenvolvimento em que o campo é atrasado e a cidade é moderna (Rua, 2003, p. 196).

Entre 1940 e 1950, período marcado por intenso êxodo rural (Rua, 2003, p. 194), as migrações internas se caracterizaram pelos deslocamentos em direção às fronteiras agrícolas do Paraná, Centro-Oeste e Maranhão, e aos centros industriais do Sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse período, embora a introdução de técnicas mais aprimoradas de lavoura e pecuária tenha aumentado as safras, resultou na diminuição do volume de mão de obra. O êxodo rural, por isso, provoca um excedente populacional que fica disponível para outras atividades e pretende-se, assim, que o migrante seja absorvido nas indústrias, “proporcionando-lhe trabalho e novas oportunidades para a melhoria de seu padrão de vida” (Kubitschek de Oliveira, 1955, p. 125 apud Vainer, 2000, p. 24).

No entanto, já em 1950, com a crescente pressão demográfica no Nordeste, surgem graves problemas sociais e políticos. A questão agrária, caracterizada pela pressão dos camponeses sobre os latifúndios, ocasiona o avanço das associações, e a insatisfação é transformada em questão regional, incentivando, assim, a migração (Vainer, 2000, p. 25).

Entre os anos 1970 e 1980, um grande número de nordestinos, em função da mecanização da lavoura, da pecuarização e da dissolução das colônias nas fazendas (Rua, 2003, p. 196), desloca-se para o Sudeste, a fim de trabalhar em obras de metrô, estradas, pontes, represas, hidroelétricas (Rua, 2003, p. 196).

A construção civil nos grandes centros, além de absorver a mão de obra migrante, possibilitou a abertura do mercado de trabalho de prestação de serviços nos edifícios de apartamentos para trabalhadores como porteiros ou zeladores, auxiliares de portaria, faxineiros e vigias (Amorim e Mendes, 2000; Barbosa, 2000a; Barbosa, 2000b; Dias e Araújo, 2001).² É nesse contexto profissional da migra-

² Amorim e Mendes são diretores do documentário *2000 Nordestes* (2001), com cenas

ção nordestina que se insere o presente estudo, a partir de entrevistas realizadas com um nordestino, porteiro de um edifício residencial, que se desloca para o Rio de Janeiro em 1979.

Entrevista de pesquisa qualitativa: coconstruções entre entrevistador e entrevistado

Em nosso posicionamento teórico-metodológico sobre a entrevista de pesquisa qualitativa, de abordagem sociolinguística (Schiffrin, 1993; Modan, 2011, p. 13) e etnometodológica, assumimos que: (i) a entrevista é um lugar de coconstruções identitárias entre entrevistado e entrevistador; (ii) a entrevista é um evento interacional de coconstrução e ressignificação de significados. Para Jacoby & Ochs (1995, p. 171), a coconstrução e a interpretação cultural e sócio-histórica das interações situadas consistem em uma criação conjunta, com processos interacionais que podem incluir colaboração, cooperação e coordenação. Do ponto de vista interpretativo, entendemos que os significados coproduzidos na interação (Schwandt, 2006 [2003], p. 196) são negociados entre entrevistado e entrevistador, em um processo de ressignificação.

A entrevista é aqui concebida como um evento interacional legítimo (Mishler, 1986, p. 35-6; De Fina & Perrino, 2011, p. 1, 5), com construção conjunta entre entrevistadores e entrevistados, em mútua formulação de perguntas (Mishler, 1986, p. 52-3) e reelaboração de respostas. Na perspectiva da etnometodologia, Baker (2001, p. 781) considera que, em vez de perguntas e respostas, são produzidas *accounts*, com os participantes se engajando em explicar,

de nordestinos em situação de deslocamento para centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, incluindo Porto Seguro e a própria terra de origem, com transformações motivadas pelo turismo. Dias e Araújo (2001) são diretoras do documentário *2700 km*, com entrevistas feitas com porteiros de edifícios no Rio de Janeiro.

atribuir, justificar, descrever e encontrar possíveis sentidos para eventos, pessoas, lugares e ações sobre os quais falam. Baker (2001, p. 792) comenta ainda que os participantes podem, assim, estar engajados em práticas interpretativas e procedimentos que atribuem estrutura, sentido, racionalidade e ordem aos mundos que descrevem.

No processo de análise, procuramos ‘olhar’ como o entrevistador e o entrevistado tornam relevantes seus papéis na entrevista e como fazem emergir, na ordem local, construções identitárias socioculturais individuais e coletivas (Menezes, 1992, p. 10; Penna, 1998, p. 108). O papel do entrevistador não é neutro, e o entrevistado, por sua vez, traz também sua agenda e seus próprios objetivos, sinalizados nas respostas dadas às perguntas ou em outras formas de participação (Modan, 2011, p. 13-4).

Narrativa de experiências de migração em entrevistas de pesquisa: articulações com narrativa laboviana e história de vida

As narrativas situadas e coconstruídas na entrevista de pesquisa são aqui tratadas, no âmbito da narrativa de experiências de migração (Bayham, 2006; Pereira e Santos, 2009, p. 137), como uma ‘grande narrativa’ (Bamberg, 2006, p. 63),³ com foco na trajetória de deslocamentos do migrante nordestino (Penna, 1998, p. 105-6). Também são importantes: a discussão de Mishler (1986) e de De Fina & Perrino (2011) sobre as narrativas em entrevistas de pesquisa; a articulação com o modelo de narrativas labovianas, como norteador da análise dos componentes da narrativa; bem como as relações com a concepção de histórias de vida, de Linde (1993).

³ O termo utilizado por Bamberg (2006, p. 63) é ‘*big stories*’.

De Fina & Perrino (2011, p. 6), ao estabelecerem a discussão sobre ‘narrativas em entrevistas’, destacam que o debate no âmbito da entrevista de pesquisa tem sido tratado de forma marginal, após a obra de grande influência de Mishler (1986). As autoras retomam as perguntas do autor: qual é o papel do entrevistador quando o ‘respondente’ conta a história, como é construída e desenvolvida e o que significa?; como perguntas, avaliações, silêncios e respostas fazem parte da produção da história?; como a presença e a influência do entrevistador são levadas em conta na análise e na interpretação da história do ‘respondente’? (Mishler, 1986, p. 96).

As autoras comentam que, ainda hoje, muitas das perguntas permanecem em pesquisas recentes e que o campo continua a ser dominado pelo estudo de ‘narrativas elicítadas em entrevistas’, e não por ‘narrativas em entrevistas’. Incluem ainda a discussão sobre o modelo de análise de narrativa laboviano, feito, particularmente, por pesquisadores da análise da conversa, da etnometodologia e interacionistas em geral, ao argumento de que Labov praticamente ‘apaga’ de seu modelo a referência ao contexto em que as narrativas são analisadas (De Fina & Perrino, 2011, p. 6).

Embora Labov, em seus estudos, tenha procurado neutralizar a situação de entrevista e, conseqüentemente, as intervenções do entrevistador, a perspectiva estrutural da narrativa é também importante em nosso estudo. Em seu modelo, Labov & Waletzky (1997 [1967], p. 20-1, 27-37) e Labov (1972, p. 365-6) estabelecem a organização do texto narrativo em componentes estruturais, geralmente presentes e intercambiáveis, a saber: um *sumário* ou resumo a respeito do que se vai contar; a *orientação*, que identifica o evento que será narrado, indicando lugar, tempo, pessoas e circunstâncias; a *ação complicadora*, como elemento obri-

gatório na narrativa, correspondendo à sequência de eventos em orações ordenadas temporal e sintaticamente; a *resolução*, etapa de finalização da série de eventos da ação complicadora; a *coda*, que tem a função interativa de sinalizar que a narrativa terminou, geralmente com um comentário; e, por fim, a *avaliação*, a expressão do ponto de vista do narrador sobre os eventos, o elemento dramático, o qual pode ser realizado a qualquer momento.

Segundo Labov (1972, p. 366), as habilidades verbais são usadas para se avaliar a experiência. A *avaliação* carrega toda a carga emocional da narrativa e é usada para indicar o ponto que o narrador quer alcançar ao contar sua história. Em narrativas de experiências de migração, a *avaliação*, como veremos, envolve outros aspectos, já que há relações entre diferentes momentos do processo de migração, que serão avaliados pelo narrador, com as narrativas situadas ao longo da entrevista de pesquisa, e uma heterogeneidade de pessoas, lugares e experiências, diferenciados em tempo, lugar e papel (Schiffrin, 2000, p. 2-3, nota 1; Pereira e Santos, 2009, p. 138). Como afirmam Cortazzi & Jin (2003, p. 111), a avaliação em séries de narrativas é mais complexa.

A noção de histórias de vida também é relevante em nosso estudo, em função das relações que estabelecemos com as narrativas de migração (Pereira e Santos, 2009, p. 137). Na concepção de Linde (1993), história de vida “é uma unidade oral da interação social” (p. 20) e “consiste de todas as histórias e unidades discursivas a ela associadas, tais como narrativas, explicações e crônicas, e a conexão entre elas, contadas por um indivíduo no curso de sua vida...” (p. 21). Configura-se como uma unidade temporalmente descontínua, contada em muitas ocasiões, podendo ser alterada em função das ocasiões e dos destinatários, bem como das mudanças nas situações do falante, seu entendimento e seus valores (p. 25, 51).

Linde (1993) destaca que a narrativa é a unidade discursiva mais básica de todas (p. 67-73), envolvendo a apresentação do *self*, e o componente avaliativo, em particular, estabelece o tipo de *self* que é apresentado (p. 81). A crônica, por sua vez, é a recontagem de uma sequência de eventos que não tem um único e unificador ponto avaliativo (p. 85). O narrador pode usar uma explicação para justificar uma ação ou apresentar razões. Uma explicação pode começar com uma proposição a ser provada, seguida de uma sequência de razões para que se acredite no que foi proposto (p. 90).

Na concepção de narrativa de experiências de migração, relacionada aos deslocamentos na trajetória do migrante, estamos considerando, assim como Pereira e Santos (2009, p. 138), a complexidade das relações de intertextualidade entre narrativas situadas na entrevista de pesquisa, bem como *accounts* (Baker, 2001, p. 781), com os participantes se engajando em outras atividades – como explicar ou fazer comparações –, para dar sentido às experiências de vida em suas redes de relações sociais.

Orientações teóricas e analíticas de ordem interacional

Como destacamos em seções anteriores, o estudo filia-se a orientações teóricas e metodológicas de natureza qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006 [2003]), interpretativa (Schwandt, 2006 [2003]) e coconstrucionista (Jacoby & Ochs, 1995), com foco na entrevista de pesquisa e em narrativas na entrevista de pesquisa (Mishler, 1986, p. 35-6; De Fina & Perrino, 2011, p. 1, 5).

Assumimos a perspectiva teórica de Bucholtz & Hall (2005, p. 585-586), que entendem a identidade como um fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula em contextos interacionais situados, como um posiciona-

mento social do ‘eu’ e do outro. As autoras propõem princípios fundamentais para o estudo de identidades; entre esses princípios, incluímos aqui, em especial, o da emergência, a partir do qual as identidades entram no mundo social através de alguma forma de discurso, em processos dialógicos da interação linguística.

Do ponto de vista da interação, são também importantes, em nosso estudo, os conceitos de alinhamento, pistas de contextualização, enquadre, esquemas de conhecimento, advindos da Sociolinguística Interacional (Ribeiro e Garcez, 2002; Pereira, 2002).

O conceito de *footing*/alinhamento é desenvolvido por Goffman (2002 [1979]) a partir de uma reelaboração das noções de falante e ouvinte (p. 114-16), com atenção especial aos formatos de produção (p. 133-43) e de interpretação (p. 118-33). O autor considera que o “alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante” (p. 113), é dinâmico e sempre sujeito a mudanças. Essas mudanças relacionam-se ao “alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes” (p. 113), sendo expressas na forma como conduzimos a produção e a recepção das elocuições.

A noção de pistas de contextualização é definida por Gumperz (2002 [1982]) como “...todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais” (p. 152). O autor ressalta que, “embora pistas sejam portadoras de informação, os significados são expressos como parte do processo interativo”. Acrescenta que os significados das pistas (...) são implícitos (p. 152-3). As pistas sinalizam a forma como cada falante se alinha no discurso em relação à situação, às pessoas em interação e ao sentido que dão ao que dizem no momento.

As mudanças de alinhamento, sinalizadas por pistas linguísticas ou não linguísticas e por marcadores discursivos

sivos, podem provocar mudanças de enquadre interativo. Os marcadores discursivos, elementos mais típicos da modalidade oral, podem funcionar como partículas de hesitação, de sequenciação, mas também de ênfase, entre outras funções, na ordem interacional (Pereira, 1995, p. 43). A noção de enquadre remete a uma ampla discussão no âmbito da Sociolinguística Interacional (Ribeiro, 1988, p. 63; Pereira e Basílio, 1993, p. 15-7), com as contribuições, sobretudo, de Bateson (2002 [1972]), Goffman (1974) e Tannen e Wallat (2002 [1987]). A noção interativa de enquadre, desenvolvida por Goffman (1974), relaciona-se à percepção da atividade encenada, “o que está acontecendo aqui e agora” e “qual é o significado do que está acontecendo aqui?”. Essa noção é retomada por Tannen e Wallat (2002 [1987]), que procuram estabelecer, junto aos “enquadres de interpretação” de ordem interacional (p. 188), a noção de esquemas de conhecimento, que se refere às “expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetivos, eventos e cenários no mundo” (p. 189). As autoras mostram como os falantes operam suas mensagens com base em uma informação pressuposta associada a seus esquemas de conhecimento e às relações que os participantes coconstroem no momento da interação.

As entrevistas e seus participantes

Para a realização da pesquisa, foram utilizadas duas entrevistas, gravadas em áudio, com um migrante nordestino, Sr. Francisco, 50 anos, natural da Paraíba, nascido em um lugarejo chamado Lagoa da Roça, que migrou para o Rio de Janeiro em 1979. Ele é porteiro de um prédio da zona norte do Rio de Janeiro e lá trabalha há 28 anos. Mora perto do local de trabalho, no bairro do Riachuelo.

As duas entrevistas foram feitas por Rosania. A primeira entrevista, que denominamos de “Meu sonho era trabalhar na roça”, teve a duração de 10 minutos e foi realizada no apartamento de uma amiga de Rosania, no mesmo prédio em que o Sr. Francisco trabalha. A entrevista ocorreu logo após o término do horário de trabalho do Sr. Francisco, e contou com a participação apenas de Rosania, como entrevistadora, e do Sr. Francisco, como entrevistado. A segunda entrevista, denominada “Era roça mesmo”, teve a duração de 25 minutos e foi realizada seis meses após a primeira, no playground do prédio em que Sr. Francisco trabalha, também logo após seu horário de saída, com a presença de algumas pessoas que circulavam pelo local.

O objetivo da primeira entrevista foi o de suscitar falas do Sr. Francisco sobre sua trajetória de vida na cidade natal e aqui no Rio de Janeiro, o que possibilitaria, na interação, a emergência de narrativas (Mishler, 1986, p. 66-75; Jovchelovitch e Bauer, 2003, p. 90-100) e de construções identitárias relacionadas ao processo de migração para o Rio de Janeiro, além de reflexões acerca dessa trajetória. Na segunda entrevista, o objetivo foi o de buscar maior detalhamento sobre a trajetória de migração, sobretudo em relação ao trabalho na terra natal e no Rio de Janeiro, após a migração.

Sr. Francisco parecia estar mais à vontade na segunda entrevista, já que a entrevistadora e ele traziam conhecimentos partilhados da primeira entrevista. Ele também revelou detalhes de seus relacionamentos pessoais, inclusive com sua nova esposa, e até interrompeu a entrevistadora, no fechamento da entrevista, para fazer reflexões sobre a dificuldade de retorno à sua terra. Diferentemente da primeira entrevista, na qual ele afirma estar satisfeito no Rio de Janeiro e não ter mais vontade de voltar, na segunda entrevista ele insistiu com veemência no desejo de voltar à sua terra.

Rosania, a entrevistadora, também é migrante interna, e esse foi um dos motivos que a levaram a fazer a pesquisa a partir de entrevistas com um nordestino migrante no Rio de Janeiro. Rosania nasceu no Rio de Janeiro, mas morou em Teixeira de Freitas/BA e em Macaíó/AL, por quase 20 anos. No nordeste, trabalhou, teve novos relacionamentos e se interessou pela cultura e pelas experiências vividas pelo povo. Rosania e o Sr. Francisco migraram por motivos diferentes e fizeram percursos distintos. No entanto, como migrante interna entre o Rio de Janeiro e as cidades do nordeste, Rosania sempre teve um olhar diferenciado, por ter aprendido muito sobre a cultura nordestina e o povo sofrido que migra para os grandes centros urbanos. No Rio de Janeiro, passou a observar a grande quantidade de porteiros nordestinos nos prédios e, então, interessou-se em fazer entrevistas para a pesquisa, como forma de entender como interpretavam e avaliavam o processo de migração (Lima, Pereira & Bastos, 2008, p. 9-10).

Os dados foram gravados em áudio e transcritos com base em convenções simplificadas e adaptadas da proposta da Análise da Conversa (ver Anexo no final do volume). Como entrevistadora, Rosania utiliza o próprio nome; o nome do entrevistado, por motivos éticos, é fictício, tendo sido escolhido por ele próprio (Lima, Pereira & Bastos, 2008, p. 43).

Narrativa de experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de 'sonhos' na interação entre entrevistador e entrevistado

A narrativa de experiências de migração, no presente estudo, é entendida como um tipo de 'grande

narrativa' coconstruída em entrevista de pesquisa (Bamberg, 2006, p. 63), como uma unidade temporalmente descontínua, como as histórias de vida (Linde, 1993), em que estarão também presentes narrativas situadas e inter-relacionadas na trajetória do deslocamento, envolvendo a decisão pelo processo de migração na terra de origem e as experiências no contexto de migração, o grande centro urbano. Consideram-se também, no processo de migração, *accounts* (Baker, 2001, p. 781), além das narrativas.

Faremos, a seguir, a análise de segmentos das duas entrevistas. Os segmentos foram selecionados para compor a narrativa de experiências do migração de Sr. Francisco, com a trajetória do deslocamento de seu lugarejo, Lagoa da Roça – Paraíba, para a cidade do Rio de Janeiro (segmentos 1 e 2); com as novas relações de trabalho e amizade que ele passa a estabelecer em seu processo de migração no centro urbano, a cidade do Rio de Janeiro (segmentos 3 e 4); e a reflexão que faz sobre a possibilidade de retorno à terra natal (segmentos 5 e 6).

Procuraremos mostrar como ocorrem as configurações e reconfigurações identitárias do Sr. Francisco ao longo do processo de migração, coconstruídas no contexto interacional entre entrevistado e entrevistador, em relações de ordem micro e macro (Mackay & Hornberger, 1996, p. ix-xi; Ellis, 1999).

“Os sonhos” do Sr. Francisco de trabalhar na roça

Na primeira entrevista, logo no início, Rosania busca suscitar a coconstrução interacional de quais são “os sonhos” de Sr. Francisco. Como veremos, os sonhos do entrevistado se voltam para o contexto do trabalho na roça.

Segmento 1. Meus sonhos..., que eu tinha lá no interior onde morei, era trabalhar na roça

1	Rosania:	seu francisco, queria saber do senhor o seguinte, é:: quando:: vou lhe
2		chamar de você, pode ser?
3	Francisco:	pode
4	Rosania:	quando você morava no nordeste, quais os sonhos que
5		Você tinha lá?
6	Francisco:	Meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei,
7		era trabalhar na roça na () (de) ter assim espaço de
8		terrenos assim que ... ter ter essa plantação do que a
9		gente é era:: a vida da gente era essa
10		e:: ter espaço né? mas não tinha.

Entrevista 1

Rosania inicia a formulação da primeira pergunta de forma polida (linha 1), mas interrompe em uma mudança de alinhamento, pedindo permissão para estabelecer uma relação mais informal com o Sr. Francisco: “vou lhe chamar de você, pode ser?” (linha 2). Sr. Francisco permite (linha 3). A pergunta seguinte – “quando você morava no nordeste” – aponta para a orientação da narrativa no início do processo de migração, o contexto sociocultural em que Sr. Francisco está inserido, antes do deslocamento. De Fina (2010), ao focalizar a orientação em narrativas de imigrantes, comenta que “o uso de dispositivos linguísticos e narrativos específicos nos diz sobre os contextos sociais em que essas histórias se originaram” (p. 85). A orientação em narrativas de deslocamento surge, assim, não como um pano de fundo, “mas como uma ocasião para narradores e ouvintes negociarem e construírem compreensões compartilhadas das experiências” (p. 86).

Ao focalizar “quais os sonhos que você tinha lá?”, Rosania possivelmente buscava os ‘sonhos’ de migrar do Sr. Francisco (linhas 4 e 5). No entanto, a pergunta sugere também, do ponto de vista da entrevistadora, o senso comum (Linde, 1993, p. 192-6) de que todos nós temos um sonho a realizar em nossa trajetória de vida.

Sr. Francisco, ao responder, repete parcialmente “meus sonhos” (linha 6), faz uma breve pausa e remete seus ‘sonhos’ para o interior, onde morava, no contexto de “trabalhar na roça” (linhas 6 e 7) e de ter mais “espaço de terrenos”, “ter essa plantação” (linhas 7 e 8). Ao fazer essa interpretação, o Sr. Francisco traz um mundo social do qual fazia parte, a partir do qual modela suas expectativas de vida e de trabalho. O Sr. Francisco nasceu e viveu na roça e, por isso, trabalhar na roça fazia parte de seus “sonhos”. Mas, para trabalhar na roça, ele precisava de espaço.

Em seguida, ele faz uma mudança de alinhamento, unindo-se às pessoas de sua terra (linhas 8 e 9). Ao se incluir na voz de seu grupo com ‘a gente’, Sr. Francisco muda o enfoque de sua experiência individual para a coletiva, identificando-se com as pessoas que compartilhavam as mesmas experiências. Faz emergir uma identidade coletiva (Snow, 2001), produzida através de ação social, constituída culturalmente com seu grupo da roça.

O Sr. Francisco constrói uma agência limitada de trabalhar na roça com a proposição “ter espaço né?” e a avaliação: “mas não tinha.” (linha 10). Na avaliação, Sr. Francisco expressa uma vida sem mudanças. Ele estende o significado emocional de vida do plano individual para seu grupo da roça. A avaliação está na orientação da narrativa, no contexto social de origem do Sr. Francisco (De Fina, 2010, p. 85), em uma dimensão socio-cultural (Cortazzi & Jin; 2003, p. 103).

No segmento analisado, observamos que Rosania e o Sr. Francisco constroem significados de ‘sonhos’ em esquemas de conhecimento diferenciados. O significado de sonhos do Sr. Francisco era o de “trabalhar na roça”, e não o de ir para o Rio de Janeiro, como a entrevistadora esperava. O Sr. Francisco posiciona-se como o nordestino voltado para a sua terra, com desejos em sua terra, e não na migração para a grande cidade.

As razões de migrar: influências ‘do outro’ e o ato de tomar o destino nas mãos

Na sequência da primeira entrevista, como veremos, no segmento 2, o Sr. Francisco traz as influências de ‘outros’ em sua decisão de migrar. Na orientação da narrativa, no início do processo de migração, ele faz com que a entrevistadora conheça o modo de vida dele e das pessoas de Lagoa da Roça, trazendo à interação, em discurso, outros participantes de sua rede de relações, influenciadores de seu processo de migração (linhas 11 a 16).

Sr. Francisco inclui outros participantes na orientação da narrativa, em uma mudança de alinhamento sinalizada por marcadores de sequenciação e hesitação (Pereira, 1995, p. 52-4), trazendo as pessoas de sua terra como influências em sua decisão de migrar: “os colega mais mais antigos” ... “chegava lá me aconselhando” (linhas 11-12).

Segmento 2: “os colega mais, mais antigos que... é chegava lá me aconselhando assim: ‘lá o emprego a gente ganha mais’”

11	Francisco:	aí que:: veio aí ta hoje aqui porque os colega mais
12		mais antigos que... é chegava lá me aconselhando
13		“ah:: vamo comigo porque lá é assim assim lá o
14		emprego a gente ganha mais e:: é melhor de viver do
15		que aqui você fica só:: trabalhando na roça e não tem
16		futuro quase nada”, aí foi quando tomei o destino
17		assim pela, o, a força, assim da ajuda do colega que já
18		conhecia aqui e vim pra cá. to aqui há (se) há vinte e
19		oito anos, só voltei lá uma vez em oitenta e três. em
20		oitenta e três que [eu voltei lá pra visitar]
21	Rosania:	[sei sei]

Entrevista 1

Podemos observar que o Sr. Francisco alinha-se às expectativas dos colegas. Ele utiliza o discurso relatado (Tannen, 1989), com a fala dos colegas, para avaliar a situação em que viviam: “/.../:: é melhor de viver do que aqui você fica só:: trabalhando na roça e não tem futuro quase nada /.../” (linhas 14 a 16). A fala do “outro”, o discurso relatado, é uma estratégia adotada para dar coerência à sua história (Linde, 1993), quando ele se constrói como não agente, marcando a influência do ‘outro’ em seu processo de migração. Ao se incluir na voz de seu grupo, “a gente” (linha 14), Sr. Francisco reencontra, como diz Penna (1998, p. 106), a experiência social e coletiva através da experiência individual em sua narrativa de migração.

Em outra mudança de alinhamento sinalizada pelo marcador de sequenciação ‘aí’ (Pereira, 1995, p. 54), o Sr. Francisco indica sua decisão em relação à ida para o Rio de Janeiro: “aí foi quando tomei o destino assim pela, o, a força, assim da ajuda do colega que já conhecia aqui e vim pra cá” (linhas 16 a 18). A expressão “tomar o destino” poderia sugerir agentividade, mas a complementação é de “força” da “ajuda do colega”, com influência do ‘outro’ em sua decisão. As pistas discursivas “já” e “aqui” (linhas 17, 18) contextualizam o conhecimento prévio da cidade grande pelo colega. Sr. Francisco não conhecia a cidade, mas seu colega, sim. Ele acreditou no que diziam os colegas, que “já conhecia aqui”, a cidade do Rio de Janeiro moderna, em oposição à sua terra, o campo subdesenvolvido, sem futuro. Sr. Francisco não queria deixar sua terra, mas foi levado pelas circunstâncias. Ele coconstrói discursivamente a decisão de sair da roça pela influência dos colegas.⁴

A resolução de sua narrativa se refere à sua ‘tomada de decisão’, quando ele diz: “/.../ e vim pra cá, to aqui há (se) há

⁴ Influências de terceiros estão presentes em decisões nas experiências de imigração (Pereira, 2008, p. 282, 284).

vingte e oito anos” (linhas 18 e 19). Sr. Francisco finaliza a narrativa com a coda: “/.../ só voltei lá uma vez em oitenta e três. em oitenta e três que [eu voltei lá pra visitar]” (linhas 19 e 20). Nesse momento, a entrevistadora se manifesta “[sei sei]” (linha 21), como se partilhasse da situação de entre-lugar (Bhabha, 1998] 2005) do migrante, que retorna à sua terra somente para visitar. O Sr. Francisco procura tornar sua decisão coerente para a entrevistadora e negocia a interpretação de sua narrativa de migração.

Podemos notar que o Sr. Francisco constrói a identidade de migrante por influência dos colegas, pertencentes à mesma rede social e política do grupo de nordestinos de sua terra (Frow e Morris, 2006 [2003]). No posicionamento dos colegas, trazidos à narrativa pelo Sr. Francisco (linhas 14 a 16), manifesta-se a crença cultural de que o campo é o lugar subdesenvolvido em relação à cidade, metrópole desenvolvida, onde se ganha mais com as atividades de trabalho. Schiffrin (1996, p. 168-9) explica que nossas experiências são posicionadas de acordo com expectativas sociais e culturais.

É importante lembrar que, em seu estudo sobre as migrações nordestinas, Rua (2003, p. 196) revela que, entre os anos 1940 e 1970, o trabalhador nacional é integrado ao modelo dualista de desenvolvimento, segundo o qual o campo é o atrasado e a cidade é o moderno. O Sr. Francisco chega à cidade do Rio de Janeiro em 1979, na mesma década em que, com essa visão, o nordestino é direcionado para as cidades, principalmente as metrópoles, e para as regiões mais ricas. Impulsionados pela crise agrária, muitos nordestinos deixam a roça, alimentados pela perspectiva de uma vida melhor e mais justa.

“Os sonhos” realizados no Rio de Janeiro

No decorrer da entrevista, surgem novamente “os sonhos”, trazidos à interação pela entrevistadora. Vimos que, no segmento 1, o Sr. Francisco interpreta seus sonhos como os de “trabalhar na roça”. No entanto, ele lamentava o fato de não

haver espaço suficiente para plantar, já que não possuía terra para sua própria produção. Seu trabalho era, então, limitado. No segmento 3, veremos a resposta do Sr. Francisco quando o tópico “realização de sonhos” é retomado pela entrevistadora, agora voltados para o contexto do Rio de Janeiro.

Segmento 3: “aí é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho entendeu?”

37	Rosania:	Entendi. o seu Francisco e o senhor realizou algum sonho aqui, no Rio?
38		
39	Francisco:	Sim eu realizei muito do que eu agradeço muito pelo que... já:: me sinto aqui trabalhando e, e aí é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho
40		
41		
42		entendeu eu me sinto isso. entendeu? aí é:: não é que
43		teja abandonado a família mas pelos anos que eu
44		conheço aqui é o meu, trabalho enfim as pessoa
45		gostam de mim mesmo eu sendo funcionário e eu...
46		gosto muito daqui sabe... aí é:: não tem nem razão de::
47		sabe eu me sinto assim que:: to em casa

Entrevista 1

Em sua pergunta, Rosania focaliza a realização de ‘algum sonho’ no Rio (linhas 37 e 38). A resposta do Sr. Francisco é afirmativa, com repetição parcial da pergunta – “sim eu realizei muito do que eu agradeço muito pelo que.. já:: me sinto aqui trabalhando” (linhas 39 e 40) –, mas ele muda seu alinhamento, sinalizado pela hesitação, para fazer suas interpretações. Ele traz o foco para o trabalho e compara seu trabalho à família: “é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho” (linhas 40 e 41). Ele constrói uma metáfora pessoal, com avaliações positivas, do ponto de vista de suas emoções, que emergem no momento da entrevista, sempre construindo o ambiente do trabalho como o de uma família. Ele constrói discursivamente um ‘eu’ emocional (Lupton, 1998) que se sente bem em seu trabalho, ao ser tratado pelas pessoas como se fosse membro de uma família (linhas 45 a 47). Vimos, assim, que o significado dos sonhos do Sr. Francisco se volta para o trabalho, construído por uma metáfora que aproxima trabalho e família.

Na parte final da primeira entrevista, Rosania volta a perguntar sobre a realização dos sonhos no Rio de Janeiro.

Segmento 4: “foi dois sonhos digamo assim d’eu ter realizado aqui”

165	Rosania:	(...) então só a última pergunta, né? que eu quero
166		fazer pro senhor é o seguinte é:: ... o senhor tem
167		mais:: algum sonho, que o senhor tenha realizado sem
168		ser o de ter... ficado aqui na? no, no Rio ter construído
169		família o senhor realizou algum outro sonho aqui no
170		Rio de Janeiro? ou foi esse mesmo?
171	Francisco:	ah o meu sonho foi que eu realizei foi esse mesmo foi
172		dois sonhos digamo assim d’eu ter realizado aqui. um
173		que foi o primeiro sonho foi, que eu expliquei agora
174		da, da dessa pessoa muito amiga que:: até me arrumei
175		um lugar pra morar hoje eu tenho minha casa enfim
176		esse foi meu primeiro sonho e, e o que eu tenho hoje
177		que é o meu trabalho né? esses é os dois sonhos que
178		eu realizei é:: e agradeço muito a Deus e os amigos
179		() muito apoio entendeu?

Entrevista 1

Rosania indaga se o Sr. Francisco teria realizado mais algum sonho no Rio de Janeiro (linha 167). Em sua pergunta, feita com recursos de reformulação e repetição (linhas 168 e 169), ela se refere a um dos sonhos do Sr. Francisco, como o de ter construído uma

família, e indaga: “o senhor realizou algum outro sonho aqui no Rio de Janeiro? ou foi esse mesmo?” (linhas 169 e 170). Sr. Francisco, embora inicialmente confirme, “ah o meu sonho foi que eu realizei foi esse mesmo” (linha 171), reformula, “foi dois sonhos digamos assim d’eu ter realizado aqui” (linhas 171 e 172) e retoma, como ‘primeiro sonho’ (linha 173), “um lugar para morar” (linha 175), obtido através de uma pessoa amiga, e o trabalho, como “o que tenho hoje” (linhas 176 e 177), para, no final, concluir: “esses é os dois sonhos que eu realizei” (linhas 177 e 178).

Há, assim, perspectivas diferenciadas na pergunta da pesquisadora/entrevistadora e na resposta do Sr. Francisco, que reformula, retoma e ressignifica ‘sonhos’, em enquadre estabelecido a partir de suas necessidades de migrante, ‘ter moradia e trabalho’, com inserção de novos laços de solidariedade comunitária em sua vida no Rio de Janeiro (linha 178).

A roça como experiência distante

Nos segmentos 5 e 6 da segunda entrevista, focalizamos a reflexão do Sr. Francisco sobre o retorno à sua terra de origem, quando Rosania agradece e busca finalizar a entrevista (linhas 600 e 601). O Sr. Francisco sinaliza, nesse momento, que não deseja terminar a conversa. Em sobreposição à fala da entrevistadora, retoma o tópico ‘roça’ (linha 603) e provoca uma mudança de enquadre na interação. Conforme comenta Modan (2011, p. 13-4), na entrevista sociolinguística, o entrevistado também tem seus próprios objetivos, sinalizados em respostas dadas às perguntas ou em outras formas de participação.

Segmento 5: “[agora da roça] mesmo eu não sei como é que está hoje”

600	Rosania	ah que bom seu Francisco. bom, mais uma vez eu
601		lhe agradeço bastante mas então
602		acho que [()]
603	Francisco:	[agora da roça] mesmo eu não sei
604		como é que está hoje porque:: há há vinte e oito
605		anos que eu não conheço... como é que mudou tudo
606		como é que quais são as, as coisas de roça lá po...
607	Rosania:	há quanto tempo o senhor não vai lá?
608	Francisco:	há vinte e seis anos
609	Rosania:	vinte e seis anos né? [hum hum]
610	Francisco:	[acho que até] o caminho
611		pra:: sair daqui sozinho eu eu não sei nem se eu vou
612		Acertar
613	Rosania:	Hhh
614	Francisco:	[mudou tudo né?]
615	Rosania:	[acerta]
616	Francisco:	mudou tudo lá
617	Rosania:	o senhor vai chegar lá o senhor vai chegar lá de
618		qualquer maneira nem se preocupe com isso hhh

Entrevista 2

Ao fazer a sobreposição e tomar o turno, o Sr. Francisco usa a expressão “mesmo eu não sei” (linha 603) para explicitar seu desconhecimento atual em relação ao “mundo da roça” e fa-

lar sobre seu distanciamento após 28 anos (linha 604). Por outro lado, sinaliza seu interesse em voltar, quando orienta Rosania para a importância que ele dá em saber como a “roça” tinha mudado: “/.../ eu não sei como é que está hoje porque:: há há vinte e oito anos que eu não conheço... como é que mudou tudo /.../” (linhas 604 a 606).

A entrevistadora alinha-se com ele, confirma os anos de afastamento (linhas 607 e 608) e incentiva seu processo de reflexão: “vinte e seis anos né? [hum hum]” (linha 609). O Sr. Francisco dá continuidade, com uma pista que indica desorientação em relação à terra natal, quando declara: “[acho que até] o caminho pra:: sair daqui sozinho eu eu não sei nem se eu vou acertar” (linhas 610 a 612). Ele mesmo sentia que estranharia os que estivessem lá, assim como os de lá o estranhariam: “mudou tudo né?” (linhas 614 e 616).

A participação interacional de Rosania, também com experiências de migração interna em sua trajetória de deslocamentos, é de incentivo. Ela se alinha com ele no enquadre “expectativas de voltar para a roça”, num processo de interação em que participa de suas dúvidas e ansiedades, no desejo de vê-lo voltar à sua terra. Ainda ratifica a vontade de vê-lo voltar e o tranquiliza: “o senhor vai chegar lá o senhor vai chegar lá de qualquer maneira nem se preocupe com isso hhh” (linhas 617 e 618). São assim coconstruídas *accounts* (Baker, 2001, p. 781), com o Sr. Francisco fazendo suas reflexões sobre seu afastamento, e Rosania se alinhando no papel de ouvinte e de incentivadora do retorno à terra de origem.

Quando Rosania sugere ao Sr. Francisco a possibilidade de ele voltar à sua terra natal, ele provoca nova mudança de enquadre, sinalizada por “ái eu vejo” (linha 619), trazendo uma narrativa sobre o retorno de migrantes, como mostramos, a seguir.

Segmento 6: “aí fico com aquela recordação”

619	Francisco:	aí eu vejo assim aquele o, o, o aquele o programa dos
620		domingos assim à tarde... é o programa é do gugu,
621		né? aí eu fico assistindo eles passam aquela coisa
622		assim que ele ajuda muito, aí... ele faz as passagens
623		daquela daquele pessoal assim () daqueles
624		cearenses enfim tudo essa turma que não tem
625		condições de, de voltar pra pra terra deles, aí eu
626		fico olhando assim, aí eu me emocionio que eu eu
627		fico assistindo o programa e, dá até vontade de
628		chorar. muitas horas assim que eu fico () aí fico
629		com aquela recordação assim de que é, a vida
630		conforme eu já: foi a minha criação e os anos que
631		passou e eu não fui lá mais, aí planejo de ir na hora
632		não fui enfim aí isso tudo a gente... relembra isso
633		tudo, né? aí eu acho muito bonito aque- aquilo que
634		ele faz

Entrevista 2

Com a pista “aí eu vejo”, o Sr. Francisco aponta para o enquadre “o retorno de migrantes à terra natal” em outro contexto, o de um programa de televisão (linhas 619 e 620) que leva migrantes nordestinos de volta para suas cidades, o que mexe com ele emocionalmente. O programa o leva a ter recordações de sua infância, de sua

vida lá (linhas 629 e 630), e, por isso, ele se sente triste por não poder voltar.

O Sr. Francisco faz uma orientação a respeito do que vai narrar: “aí eu vejo assim aquele o o o aquele o programa dos domingos assim à tarde... é o programa é do gugu, né? /.../” (linhas 619 e 620). Ele se projeta como personagem em sua narrativa: “/.../ aí eu fico assistindo eles passam aquela coisa assim que ele ajuda muito” (linhas 621 e 622). E traz os outros personagens do programa e de sua terra: “aí... ele faz as passagens daquela daquele pessoal assim () daqueles cearenses enfim tudo essa turma que não tem condições de de voltar pra pra terra deles” (linhas 622 a 625).

E volta para seu papel de personagem-expectador, trazendo suas emoções e suas recordações: “aí eu fico olhando assim, aí eu me emociono que eu eu fico assistindo o programa e, dá até vontade de chorar. muitas horas assim que eu fico () aí fico com aquela recordação assim de que é, a vida conforme eu já: foi a minha criação e os anos que passou e eu não fui lá mais” (linhas 626 a 631). Construindo sua emoção, ele encaixa avaliações: “/.../ ele ajuda muito /.../” (linha 622); “/.../ aí eu me emociono /.../” (linha 626); “/.../ dá até vontade de chorar. muitas horas assim /.../” (linhas 627 e 628). Vem, então, a resolução de sua narrativa: “aí planejo de ir na hora não fui /.../” (linhas 631 e 632). E, na coda de sua narrativa, a sua avaliação final: “/.../ enfim aí isso tudo a gente... relembra isso tudo, né? aí eu acho muito bonito aquilo que ele faz.” (linhas 632 a 634).

Como se passaram seis meses entre a primeira e a segunda entrevista, o lembrar de sua narrativa de experiências de migração, motivada pelas perguntas feitas na primeira entrevista, pode ter despertado reflexões do Sr. Francisco sobre suas raízes. Ele se constrói como um mi-

grante saudoso com o tempo que passou, diante da impossibilidade de retorno. Ele se posiciona como um nordestino que relembra a própria experiência de vida no nordeste e se identifica com os valores culturais de sua terra de origem, reavivados em suas lembranças por um programa de televisão.

Considerações finais

As reflexões, no presente estudo, envolveram indagações sobre a entrevista de pesquisa qualitativa, a coconstrução da narrativa de migração em entrevistas de pesquisa e das identidades de entrevistador e entrevistado, como sujeitos produzidos na ordem local e social, em relações de ordem micro e macro (Mackay & Hornberger, 1996, p. ix-xi; Ellis, 1999).

Em relação à entrevista de pesquisa qualitativa, o posicionamento principal consistiu em não considerá-la uma metodologia de elicitação de dados, e sim um evento de fala (Mishler, 1986, p. vii, 35; De Fina & Perrino, 2011, p. 1, 6), uma situação social de coconstrução entre entrevistador e entrevistado (Roulston, 2010, p. 218), em uma abordagem sociolinguística (Schiffrin, 1993) e etnometodológica (Baker, 2001). Assumimos que a entrevista, como evento interacional e social, é um lugar de coconstruções identitárias entre entrevistado e entrevistador, bem como de ressignificações, em um processo de negociação entre os participantes.

Em relação à narrativa de migração em entrevista de pesquisa, indagações feitas por De Fina & Perrino (2011, p. 6), a partir de Mishler (1986, p. 96), voltam-se, em especial, para a problematização da elicitação de narrativas e a desconsideração do contexto, incluindo perguntas sobre

o papel do entrevistador e do entrevistado na construção da narrativa, bem como a natureza de suas participações interacionais.

Retomando os objetivos principais de mostrar: i) como se dão as construções identitárias localmente produzidas entre entrevistadora e entrevistado, assim como as identidades de ordem sociocultural na trajetória dos deslocamentos no processo de migração; ii) como é coconstruída a narrativa de experiências de migração, a partir da resignificação discursiva de ‘sonhos de migração’. Destacamos, a seguir, os resultados.

Nos alinhamentos estabelecidos pelos participantes, a entrevistadora, Rosania, não é neutra, buscando os “sonhos” do Sr. Francisco como migrante, a partir de suas perguntas; o entrevistado, ao responder, sinaliza também para sua agenda e seus próprios objetivos, em respostas redirecionadas ou em outras formas de participação. Rosania, embora repita sempre a pergunta sobre os “sonhos”, não impõe seu ponto de vista e estabelece alinhamentos de ouvinte atenta às considerações do entrevistado. O Sr. Francisco, embora seja cooperativo com Rosania, recorre sempre a estratégias interacionais para reorientar suas respostas, utilizando alinhamentos de repetição da pergunta, hesitações, pausas, e estabelecendo significados próprios para os “sonhos” de migração.

Percebemos, em termos da resignificação, que, embora o tópico “sonhos” tivesse sido suscitado através das perguntas de Rosania, os significados socioculturais de “sonhos de um migrante” do Sr. Francisco são construídos a partir de suas experiências próprias, de seu conhecimento de mundo, que fazem parte de seus esquemas de conhecimento. Em sua terra natal, os sonhos do Sr. Francisco são construídos em relação a trabalhar na roça, e não a migrar para a cidade grande. No Rio de Janeiro, os

sonhos se voltam para as condições de trabalho, permeados por metáforas de um 'eu' emocional, no âmbito da família e das relações de amizade.

Os papéis da entrevistadora e do entrevistador vão mudando ao longo da interação. As construções identitárias do Sr. Francisco são, em grande parte, de passividade, de alguém que age por incentivo de 'outros' em sua vida, sejam os colegas da terra, na decisão pelo processo da migração, sejam os amigos do trabalho, que lhe dão apoio na cidade grande.

Na análise dos segmentos da segunda entrevista, é interessante observar que, no momento em que Rosania busca finalizar a entrevista, com agradecimentos, o Sr. Francisco toma o turno e muda o 'rumo da conversa'. O enquadre de reflexão sobre as perspectivas de retorno à terra natal é introduzido e desenvolvido pelo Sr. Francisco, que traz construções de um 'eu' saudosista de sua terra, sem possibilidade de retorno. No entanto, o programa de televisão é o universo de construção de experiências do povo que retorna à sua terra natal, para onde olha emocionado, agora já de fora do mundo de experiências, não mais de dentro. A entrevistadora, em sua participação interacional, alinha-se de forma solidária e incentiva o migrante em seu desejo de retorno à terra de origem. A pesquisadora não faz mais perguntas e passa a desempenhar um papel de participante colaboradora no processo de reflexão de Sr. Francisco.

A narrativa de experiências de migração foi concebida, neste estudo, como um tipo de 'grande narrativa' coconstruída em entrevistas de pesquisa (Bamberg, 2006, p. 63), como uma unidade temporalmente descontínua, como as histórias de vida (Linde, 1993), com narrativas situadas e inter-relacionadas na trajetória dos deslocamentos, incluindo também *accounts* (Baker, 2001, p. 781), no estabelecimento de metáforas sobre o trabalho e a rede de

relações sociais.

A coconstrução da narrativa de experiências de migração, envolvendo o deslocamento da terra de origem e a convivência no Rio de Janeiro, nos segmentos analisados, é conduzida, em parte, pelas perguntas de Rosania sobre os sonhos. O Sr. Francisco contribui para a construção de sua narrativa não apenas pelas respostas às perguntas que, como comentamos, foram redirecionadas de acordo com seus objetivos e agenda próprios (Modan, 2011, p. 13-4); ele elabora, em turnos longos, a contextualização de sua narrativa e traz a vida sociocultural em sua terra de origem, bem como a rede de relações sociais na decisão da migração. É também o Sr. Francisco que toma a iniciativa de retomar o tópico ‘roça’ e estabelece os enquadres ‘expectativas de voltar para a roça’ e ‘retorno de migrantes à terra natal’, conduzindo os rumos da entrevista, em suas reflexões, com Rosania, em alinhamento de cooperação.

As narrativas situadas relacionam-se à contextualização do processo de migração e às reflexões sobre o retorno à terra natal. Nos segmentos 1 e 2, na primeira entrevista, o Sr. Francisco, mediante pergunta da entrevistadora sobre os ‘sonhos’ de migração, constrói uma narrativa com a contextualização do deslocamento e a decisão da migração de Lagoa da Roça/PB para a cidade do Rio de Janeiro, sob a influência de terceiros, configurando-se um processo mais coletivo do que individual. Nos segmentos 5 e 6, na segunda entrevista, surgem novamente narrativas, mediante a iniciativa do Sr. Francisco, com a reflexão sobre a possibilidade de retorno à terra natal. *Accounts* foram feitas, nos segmentos 3 e 4, sobre o trabalho, a moradia, as relações de amizade e de convívio, significativas para o Sr. Francisco em seu processo de migração.

O estudo realizado nos permitiu perceber que entrevistadora e entrevistado estabelecem alinhamentos de cola-

boração, cooperação e coordenação na coconstrução (Jacoby & Ochs, 1995, p. 171) da narrativa de experiências de migração, bem como das identidades locais em relações de ordem micro e macro. O Sr. Francisco posiciona-se como o nordestino voltado para sua terra e faz emergir, na interação, construções identitárias socioculturais individuais e coletivas (Menezes, 1992, p. 10; Penna, 1998, p. 108). Na contextualização de sua narrativa de experiências de migração, ele faz emergir a identidade coletiva do grupo de sua roça em Lagoa da Roça, na Paraíba, em um universo com relações de desigualdade social no nordeste, inserindo-se no processo de migração por uma contingência da falta de opção de trabalho.

Procuramos, assim, contribuir, em uma pesquisa qualitativa de narrativas em entrevistas, para uma relação de coconstrução entre entrevistadora e entrevistado, visando ao entendimento das subjetividades do processo de migração, não apenas individuais, mas também coletivas, de migrantes nordestinos que se deslocam do interior do país para as grandes cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVESSON, M. "Beyond Neopositivists, Romantics, and Localists: A Reflexive Approach to Interviews in Organizational Research". *Academy of Management Review*, v. 28, n. 1, p. 13-33, 2003.

AMORIM, V.; MENDES, D. F. (orgs.). *Nordestes*. Brasil, 2001. Documento.

ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BAMBERG, M. "Biographic-narrative research, quo vadis? A critical review of 'big stories' from the perspective of 'small stories'". In: MILNES, K.; HORROCKS, C.; KELLY, N.; ROBERTS, B.; ROBINSON, D. (orgs.). *Narrative, memory and knowledge: Representations, aesthetics and contexts*. Huddersfield: University of Huddersfield Press, Cap. 6, p. 63-79, 2006. Disponível em: http://www2.hud.ac.uk/hhs/nme/books/2006/Chapter_6_-_Michael_Bamberg.pdf

Acesso em: 21/5/2012.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005 [1998].

BAKER, C. D. "Ethnomethodological analyses of interviews". In: Gubrium, J.; Holstein, J. (orgs.). *Handbook of Interview Research*. London: SAGE, p. 777-795, 2001.

BARBOSA, F. C. *Mercado de trabalho de migrantes nordestinos: os empregados de edifício no Rio de Janeiro*. Campinas: 2000a. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Poster/Mercado%20de%20trabalho%20de%20migrantes%20nordestinos%20-%20Os%20empregados..pdf> Acesso em 13/5/2012.

_____. *Trabalho e residência: um estudo das ocupações de empregada doméstica e empregado de edifício a partir de migrantes "nordestinos"*. Niterói: EDUFF, 2000b.

BATESON, G. "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia". In: RIBEIRO, B. C.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, p. 85-105, [1972] 2002.

BAYNHAM, M. "Performing self, family and community in Moroccan narratives of migration and settlement". In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (orgs.). *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, p. 376-97, 2006.

BRIGGS, C. L. "Interview." In: DURANTI, A. (org.). *Key terms in language and culture*. Malden/ Oxford: Blackwell, p. 132-135, 2001.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. "Identity and interaction: a social linguistic approach". In: *Discourse Studies*, v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005.

CORTAZZI, M.; JIN, L. "Evaluating evaluation in narrative". In: THOMPSON, G.; HUNSTON, S. (orgs.). *Evaluation in text. Authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, p. 102-20, 2003.

DE FINA, A. "Tempo, espaço e identidade em narrativas de imigração". In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (org.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 85-106, 2010.

_____; PERRINO, S. *Introduction: Interviews vs. 'natural' contexts: A false dilemma*. *Language in Society*, n. 40, p. 1-11, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. "Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa". In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. et al. *O planejamento de pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, p. 315-343, 2006 [2003].

DIAS, C. e ARAÚJO, M. *2700 km*. Rio de Janeiro: 2001. Documentário.

DOUGLAS, J. D. *Creative Interviewing*. Beverly Hills, CA: SAGE, 1985.

ELLIS, D. G. "Research on social interaction and the micro-macro issue". *Research on Language and Social Interaction*, v. 32, n. 1 & 2, p. 31-40, 1999.

FODDY, W. *Constructing Questions for Interviews and Questionnaires: Theory and Practice in Social Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

FROM, J.; MORRIS, M. "Estudos culturais". In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. et al. *O planejamento de pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006 [2003].

GAGO, P. C. “Questões de transcrição em análise da conversa”. *Veredas*, v. 6, n. 2, p. 89-113, jul./dez., 2002.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.

_____. “Footing”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, p. 107-148, 2002 [1979].

GUMPERZ, J. J. “Convenções de contextualização.” In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Loyola, p. 149-182, [1982] 2002.

JACOBY, S.; OCHS, E. “Co-construction: an introduction”. *Research on Language and Social Interaction*, v. 28, n. 3, p. 171-183, 1995.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. “Entrevista narrativa”. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, p. 90-113, 2003.

KUBITSCHKE DE OLIVEIRA, J. *Diretrizes Gerais do Plano Nacional de Desenvolvimento*. Belo Horizonte: Liv. Oscar Nicolai, 1955.

LABOV, W. “The Transformation of experience in narrative syntax”. In: _____. *Language in the inner city*. Oxford: Basil. Blackwell, p. 354-396, 1972.

_____; WALETZKY, J. “Narrative Analysis: oral versions of personal experience”. In: HELM, J. (org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, p. 12-44, 1967. Reprinted in *The Journal of narrative and life history*, v. 7, p. 3-38, 1997.

LIMA, R. A.; PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P. *Trabalho, família, amigos: construções de Identidade de um migrante nordestino no Rio de Janeiro em entrevista de pesquisa*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 2008.

LINDE, C. *Life stories. The creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LUPTON, D. “Thinking through emotion: theoretical perspectives”. In: _____. *The emotional self: a sociocultural exploration*. London: SAGE, p. 10-38, 1998.

MACKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. Preface. In: _____. *Sociolinguistics and Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, p. ix-xi, 1996.

MENEZES, M. A. (org.). *Histórias de migrantes*. São Paulo: Loyola, 1992.

MISHLER, E. G. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986.

MODAN, G. "Positioning the interviewer: Strategic uses of embedded orientation in interview narratives". *Language in Society*, n. 40, p.13-25, 2011.

NUNKOOSING, K. "The problems with Interviews". *Qualitative Health Research*, v. 15, n. 5, p. 698-706, may 2005. Disponível em: <<http://qhr.sagepub.com/content/15/5/698>>.

PENNA, M. "Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento". In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. FAPESP/ UNICAMP: Mercado de Letras, p. 89-112, 1998.

PEREIRA, M. G. D. "Marcadores discursivos em comunicações de congresso em Linguística". In: HEYE, J. (org.). *Flores verbais: uma homenagem linguística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70º aniversário*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 41-61, 1995.

_____. (org.). *Palavra*, n. 8. Volume temático "Interação e Discurso: Estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface", 2002.

_____. "Entrevista de pesquisa e migração internacional de brasileiros: construções identitárias na relação com atividades de trabalho". *Investigações*, v. 21, p. 303-303, 2008.

_____. "A construção de discursos socioculturais: uma mudança de paradigma?" In: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (orgs.). *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 541-575, 2009.

_____. BASÍLIO, M. *Estratégias de interação no discurso acadêmico falado: análise do XI Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993, 339 p.

_____; SANTOS, F. M. “Narrativas de deslocamento e evidencialidade: construções de entre-lugar de um emigrante mineiro de retorno dos Estados Unidos”. In: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (orgs.). *Discursos socioculturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 133-171, 2009.

RIBEIRO, B. T. *Coherence in psychotic discourse: frame and topic*. Tese de doutorado. Washington: Georgetown University, 1988, 2 v, 320 p.

_____; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

ROULSTON, K. Considering quality in qualitative interviewing. *Qualitative Research*, v. 10, n. 2, p. 199-228, 2010. Acesso em: 23/1/2012. Versão on-line: <http://qrj.sagepub.com/content/10/2/199>

RUA, J. “Paus-de-Arara e Pardais: o Brasil migrante em começos do século XXI”. In: *Geo/Nova*, n. 8, 2003, p. 179-206.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. “A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation”. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. “Mother/daughter discourse in a holocaust oral history: ‘because then you admit that you’re guilty’”. In: BAMBERG, M. G. W.; MCCABE, A. (orgs.). *Narrative Inquiry* 10:1, p. 1-44, 2000.

_____. “Speaking for another in sociolinguistic interviews: alignments, identities, and frames”. In: TANNEN, D. (org.). *Framing in discourse*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 231-263

_____. “Narrative as self-portrait: sociolinguistic construction of identity”, *Language in Society*, v. 25, n. 2, p.167-203, 1996.

SCHWANDT, T. “Três posturas epistemológicas para a investigação científica: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, N. K. et al. *O planejamento de pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, p. 315-343, 2006 [2003].

SEIDMAN, I. *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences*. 3. ed. New York, NY: Teachers College Press, 2006.

SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data: Methods for Analyzing Talk, Text, and Interaction*. 2 ed. London: Sage, 2001.

SNOW, D. *Collective identity and expressive forms*. Disponível em: <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>. University of California: 2001. Acesso em: 29/7/2011.

TANNEN, D. *Talking Voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____; WALLAT, C. “Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola. p. 183-214, 2002 [1987].

VAINER, C. B. “Estado e Migrações no Brasil. Anotações para uma história das políticas migratórias”, *Revista Travessia*, n. 15, p. 15-32, jan/abril, 2000.

YOUNG, K. G. *Taleworlds and Storyrealms*. Dodrecht: Martinus Nijhoff, 1987.

SOBRE OS AUTORES

Ana Tereza Vieira Machado Rollemberg é graduada em Letras (Português-Inglês) pela UFRJ. Realizou estágio no CAP-UFRJ. Participa de grupos de pesquisa ligados a ensino e interação em sala de aula na UFRJ e na PUC-Rio. Tem mestrado em Linguística Aplicada pela UFRJ e doutorado em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. É professora de língua inglesa, em ensino fundamental e médio do Colégio Militar do Rio de Janeiro desde 1998.

Clarissa Rollin Pinheiro Bastos é graduada em Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRJ (1978), mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ (1993) e doutorado em Letras pela PUC-Rio (2001). Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Letras da PUC-Rio e colaboradora do programa de pós-graduação desse departamento. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em abordagem sociorretórica para o estudo de gêneros discursivos e na Sociolinguística Interacional para estudos da interação em contextos espontâneos e profissionais. Tem atuado principalmente nos seguintes temas: linguagem e trabalho, identidade narrativa e gêneros acadêmicos e empresariais.

Daniela Caldeira Bruno é graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (1990). Possui especialização em Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (1998), em Língua Inglesa pela Universidade de Taubaté (2000) e em Psicopedagogia pela UFRJ (1999); mestrado (2005) e doutorado (2010) em Letras pela PUC-Rio. Atualmente, é major do Exército Brasileiro e atua como professora de Inglês no Instituto Militar de Engenharia.

Liliana Cabral Bastos possui graduação (1974) e mestrado (1980) em Letras pela PUC-Rio, *maîtrise ès Lettres*, Université de Nancy II (1979), e doutorado em Letras, também pela PUC-Rio (1993), com bolsa sanduíche na Georgetown University (1990), Washington DC, e pós-doutorado na Universidade de Harvard, MA (2004). É professora associada da PUC-Rio e pesquisadora do CNPq. Atua na área de Linguística Aplicada, com pesquisa em análise da narrativa e da interação. No presente, seus tópicos de interesse são identidade, exclusão e violência em diversos contextos da vida contemporânea.

Marcia Vieira Frias é tradutora inglês/português. Formada em Comunicação Social pela UFRJ, é mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. O artigo apresentado nesta obra reflete temas tratados em sua dissertação de mestrado.

Maria das Graças Dias Pereira possui graduação (1976) em Letras pela Universidade Católica de Minas Gerais, mestrado (1981) e doutorado (1993) em Letras pela PUC-Rio e pós-doutorado (2008-2009) pelo ILTEC e a Universidade de Lisboa-Portugal. É professora associada da PUC-Rio e líder do Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Cultura e Trabalho. Atua na área de Linguística Aplicada, com pesquisa em sociolinguística interacional, análise da narrativa, interação e microargumentação. Interesses atuais de pesquisa: práticas discursivas e construção de identidades na Linguística das profissões, novas tecnologias em gêneros digitais contemporâneos em contextos da saúde, educação, comunicação social, cultural, dentre outros.

Rosania de Almeida de Lima possui graduação em Letras pela UFRJ (1983) e mestrado em Letras pela PUC-Rio (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase nas línguas portuguesa e inglesa.

Sonia Isabel Fabris Campos tem graduação em Língua e Literaturas da Língua Inglesa pela UFES (1975), várias especializações e certificados em didática e em língua inglesa. Possui mestrado em Linguística Aplicada pela UFRJ (2005) e doutorado em Letras pela PUC-Rio. É professora da Sociedade Educadora de Vanguarda Escola Parque e prestadora de serviço da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, atuando com Estudos da linguagem.

Sônia Maria de Souza Rosas é graduada em Letras pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1989), especialização em Linguística Aplicada ao Ensino pela UERJ (1992), mestrado (1995) e doutorado (2006) em Letras pela PUC-Rio. Atualmente, é professora da Secretaria Municipal de Educação. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Interacional, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, posicionamento, estigma, alinhamento e enquadre.

William Soares dos Santos é graduado (1997) em Letras (Português/Italiano). Tem mestrado (2002) em Linguística Aplicada pela UFRJ e doutorado em Letras (Estudos da Linguagem) pela PUC-

Rio (2007). É professor adjunto do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da UFRJ, onde atua no curso de Pedagogia e com a formação de professores de Letras. Atualmente desenvolve pesquisa sobre narrativas, práticas de ensino/aprendizagem e formação de professores de Português/Italiano. Tem experiência na área de Educação, Linguística Aplicada e Análise do Discurso, com ênfase em Sociolinguística Interacional e no ensino de português como língua materna e italiano como língua estrangeira.

ANEXO

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Símbolos	Rosania
...	pausa não medida
(.)	micropausa
(1.8)	pausa medida em segundos
.	entoação descendente, sinalizando finalização
?	entoação ascendente
,	entoação contínua, sinalizando que mais fala virá
-	corde abrupto da fala
:: ou :::	duração mais longa do alongamento da vogal
↑	subida de entoação
↓	descida de entoação
Sublinhado	acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	fala alta ou ênfase acentuada
>palavra<	fala acelerada
<palavra>	fala desacelerada
-----	silabação
°palavra°	trecho falado mais baixo
()	palavra/fala não compreendida - transcrição impossível
(palavra)	transcrição duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“fala relatada”	fala relatada
hh	aspirações audíveis ou riso
.hh	inspiração durante a fala
/.../	indicação de transcrição parcial ou de eliminação
[]	fala sobreposta

Convenções simplificadas e adaptadas da proposta de Gail Jefferson (1983), tradicionalmente adotada nos estudos da fala em interação (ver Loder, 2008; Gago, 2004; Osterman, 2012).

